



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências

Escola Superior de Desenho Industrial

Flávia Menezes Cunha Soares

O que você sustenta quando se alimenta?

Teoria ator-rede e o design das redes agroalimentares

Rio de Janeiro

2022

Flávia Menezes Cunha Soares

O que você sustenta quando se alimenta?
Teoria ator-rede e o design das redes agroalimentares

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Bittencourt Portugal
Co-orientador: Prof. Dr. João Carlos Lutz Barbosa

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/G

S676 Soares, Flávia Menezes Cunha.

O que você sustenta quando se alimenta? Teoria ator-rede e o design das redes agroalimentares / Flávia Menezes Cunha Soares. – 2022.

156 f.: il.

Orientador: Daniel Bittencourt Portugal.

Coorientador: João Carlos Lutz Barbosa.

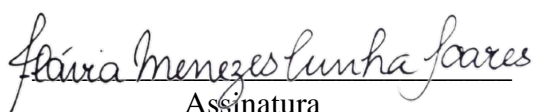
Tese (Doutorado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior em Desenho Industrial.

1. Teoria ator-rede - Teses. 2. Desenho industrial - Teses. I. Portugal, Daniel Bittencourt. II. Barbosa, João Carlos Lutz. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior em Desenho Industrial. IV. Título.

CDU 7.05

Albert Vaz CRB-7 / 6033 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.


Assinatura

28 / 06 / 2022

Data

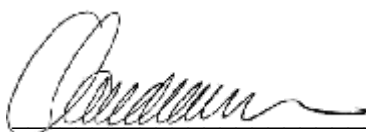
Flávia Menezes Cunha Soares

**O que você sustenta quando se alimenta?
Teoria ator-rede e o design das redes agroalimentares**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Aprovada em 28 de junho de 2022.

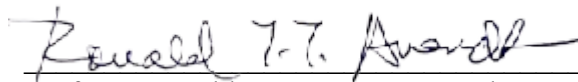
Banca Examinadora:



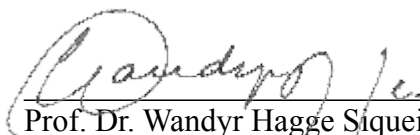
Prof.ª. Dr.ª. Claudia Teixeira Marinho
Universidade Federal do Ceará - UFC



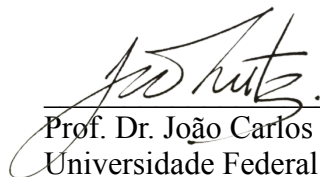
Prof. Dr. Ivan Bursztyn
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ



Prof. Dr. Ronald João Jacques Arendt
Instituto de Psicologia - UERJ



Prof. Dr. Wandyr Hagge Siqueira
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ



Prof. Dr. João Carlos Lutz Barbosa (co-orientador)
Universidade Federal Fluminense - UFF



Prof. Dr. Daniel Bittencourt Portugal (orientador)
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ

Rio de Janeiro
2022

AGRADECIMENTOS

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pela bolsa de doutorado.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por me dar as condições de produzir conhecimento junto a uma comunidade acadêmica.

Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), por me acolher, desde a graduação.

Daniel Portugal, meu orientador, por me mostrar novas formas de pensar e expressar esse pensamento e por confiar que eu daria conta da tarefa.

Laboratório de Design Epistemologia e Moralidade (DEMO), em especial, Wandyr Hagge, Guilherme Altmayer, Rafaela Sarinho, Marcos Beccari, Leonardo Kussler, Laura Gadelha, pela companhia atenta na empreitada de construirmos uma tradição epistemológica nas escolas de design.

Colegas de orientação, Gabriela de Laurentis, Alina Rani, Bruno Ribeiro, por me permitirem acompanhar seus processos de investigação tão de perto, e por acompanharem e apoiarem o meu.

Colegas da representação discente, Bibiana Serpa, João Sarmento, Marcio Baraco, Samia Batista, Beatriz Ferreira, pelos almoços, pelas assembleias, pelos grupos de estudo e por pensarem junto comigo o que design tem a ver com política.

Renan e Mariana, da Gastromotiva, por me convidarem para almoçar e por me abrirem as portas do *Refettorio*.

Izaura Carolina, Lis Mainá, André Martins e o pequeno Juca, por me receberem em Macaé e me levarem ao acampamento do MST em Córrego do Ouro.

Gilberto Schittinni, Ícaro dos Santos, Joana Traub Csekö, Manfred Bert, Fernanda Gusmão, Laura Bloch, Ana Santos, Pedro Biz, Diego Costa, por me receberem em suas hortas e por pensarem comigo sobre as potencialidades de uma agricultura urbana.

Matias Maxx, Raoni MouChoque, Gerardo Santiago, Antonio Zanon e André Barros, companheiros de ativismo, por todo o apoio nas horas difíceis e por demonstrarem tão bem que cada vitória nossa nunca é por acidente.

Maria Rita Taunay, Liana Fonseca, Renata Rodrigues, amigas de longa data, pela alegria de suas companhias, pelos ouvidos atentos, pela torcida, pelo que ainda está por vir.

Talita, minha filha, pela revisão das referências e da tradução, pelas conversas e pelo interesse com que me acompanha na vida.

Neuza, minha mãe, pela vida, pela casa, pela comida, pelo apoio e pelas preces.

Professora Anamaria de Moraes (*in memoriam*), por ter mostrado, a mim e a tantos outros, que a pesquisa é um caminho sobre o design. A cada conquista nossa, o maior sorriso sempre foi o dela. Queria poder ver mais esse!

RESUMO

SOARES, Flávia Menezes Cunha. *O que você sustenta quando se alimenta?* Teoria ator-rede e o design das redes agroalimentares. 2022. 157f. Tese (Doutorado em design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Essa é uma tese sobre as redes organizadas para que tenhamos comida: as redes agroalimentares, que são aqui compreendidas de uma forma mais ampla do que as tradicionais cadeias de produção de alimentos, podendo incluir toda sorte de elementos, entre humanos e não humanos. Investigaremos um prato de comida na rede que lhe permite existir. As redes agroalimentares são aqui entendidas como algo projetado, e a ação de projetar não é atribuída a um sujeito projetista. Na rede, o projeto é diluído por tudo e todos que nela agem. O objetivo da investigação é traçar as conexões necessárias, entre os mais variados atores, para que a nossa alimentação esteja diariamente disponível em nossos pratos. Quando explicamos a rede que dá existência à nossa alimentação, somos também capazes de entender e explicar a inexistência e a indisponibilidade de comida para muitas pessoas. Utilizando como abordagem teórico metodológica a teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias, inicia-se o traçado comparativo de duas redes, a partir de dois pratos de comida servidos nos dois lados da Rua da Lapa, no Rio de Janeiro. Em um lado, há o *Refettorio* Gastromotiva, ligado ao *Social Gastronomy Movement*, que oferece cursos de empreendedorismo social e gastronômico e prepara refeições com ingredientes não comercializáveis doados por comerciantes de alimentos, servindo tais refeições a pessoas que não têm o que comer. No outro lado, há o espaço de comercialização Terra Crioula, ligado ao Movimento Sem Terra, e que escoar a produção de assentamentos da reforma agrária do estado do RJ na forma de cestas e refeições elaboradas por um projeto de extensão universitária. A principal referência sobre a teoria ator-rede aqui utilizada é Bruno Latour. Como resultado, temos textos descritivos das duas redes, obtidos através de relatos feitos sobre visitas a campo nos dois casos. A partir dos textos, foi possível traçar algumas representações visuais das redes de elementos heterogêneos conectadas em função da questão agroalimentar nos dois casos recortados. Através de uma noção ampliada de projeto, é possível compreender que a conformação da rede se dá pela conjunção de coisas, pessoas, ideias associadas às custas de estabilizações para que, em uma certa realidade compartilhada, possamos contar com comida em nossos pratos diariamente. E, assim como a comida diária é um projeto, o desperdício, a escassez, a fome e a desnutrição também o são. O que se ganha com a ampliação da ideia de projeto quando imaginamos a dissolução do sujeito projetista em uma rede de conexões cambiáveis é a possibilidade de criarmos e construirmos ordenamentos concretos da realidade na qual existimos em grupo, além de podermos escolher nos juntar ou não a uma certa conformação de rede.

Palavras-chave: Teoria ator-rede. Cartografia de controvérsias. Redes agroalimentares. Design como rede.

ABSTRACT

SOARES, Flávia Menezes Cunha. *What do you feed when you eat?* Actor-network theory and the design of agrifood networks. 2022. 157f. Tese (Doutorado em design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This is a thesis about the networks that are organized so that we have food: the agri-food networks, which are understood here in a broader sense than the traditional food production chains, and may include all sorts of elements, human and non-human. We will investigate a plate of food within the network that allows it to exist. Agri-food networks are understood here as something designed, and the action of designing is not attributed to a designer subject. In the network, the project is diluted by everything and everyone who acts on it. The aim of this investigation is to trace the connections that have to be made among various actors so that our food is on our plates everyday. Through explaining the network that gives existence to our food, we are also able to understand and explain the inexistence and unavailability of food for many people. Using actor-network theory and the cartography of controversies as a theoretical-methodological approach, the comparative tracing of two networks begins, from two plates of food served each side of Rua da Lapa, in Rio de Janeiro. On one side, there is *Refettorio* Gastronomiva, linked to the Social Gastronomy Movement, which offers courses in social and gastronomic entrepreneurship and prepares meals with unmarketable ingredients donated by food sellers, and serves these meals to people who have nothing to eat. On the other side, there is the Terra Crioula commercial space, linked to the Landless Workers' Movement, which sells the production of agrarian reform settlements in the state of RJ in the form of baskets and meals prepared by a university extension project. The main reference on actor-network theory used here is Bruno Latour. As a result, we have descriptive texts of the two networks, obtained, in both cases, through field visit reports. From these texts, it was possible to trace visual representations of the networks made of heterogeneous elements, connected around the agri-food issue. Through the expansion of the notion of project, it is possible to understand that the network's conformation happens through the conjunction of things, people, ideas associated in processes of stabilization so that, in a certain shared reality, we can rely on food being on our plates daily. And just as everyday food is a project, so is waste, scarcity, malnutrition and starvation. What is gained with the expansion of the idea of project, when we imagine the dissolution of the designer subject in a network of changeable connections, is the possibility of creating and building concrete orders of the reality in which we exist as a group, in addition to being able to choose whether or not to join a certain network conformation.

Keywords: Actor-network theory. Controversy mapping. Agrifood networks. Design as a network.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Desperdício de alimentos	14
Figura 02 - Excesso de café provoca sua incineração	15
Figura 03 - Mapa mundial da fome em 2014	16
Figura 04 - Ossos e lixo viram comida	16
Figura 05 - Representações da cadeia de produção alimentar	17
Figura 06 - Terra Crioula e Gastromotiva na Rua da Lapa, Rio de Janeiro	19
Figura 07 - Cosmogramas: expressões gráficas de redes de atores	37
Figura 08 - Expressões visuais de redes de atores e controvérsias	44
Figura 09 - Modelo descritivo-visual das redes	45
Figura 10 - O que você sustenta quando se alimenta?.....	47
Figura 11 - Banquetaço Nacional	51
Figura 12 - Divulgação do Banquetaço em estados e capitais do Brasil	53
Figura 13 - Cartaz de Jan Lenica, 1964	54
Figura 14 - John Pasche e a marca dos <i>Rolling Stones</i>	55
Figura 15 - Banquetaços por todo o Brasil	57
Figura 16 - Comer é um ato político	59
Figura 17 - Banquetaço em sua rede de motivos	61
Figura 18 - Página do <i>Refettorio</i> Gastromotiva	65
Figura 19 - Patrocinadores e apoiadores do <i>Refettorio</i> Gastromotiva	66
Figura 20 - Fachada do <i>Refettorio</i> na Rua da Lapa, 108	68
Figura 21 - Interior do <i>Refettorio</i> Gastromotiva	69
Figura 22 - A Última Ceia	73
Figura 23 - Café-da-manhã com metodologia de facilitação de processos	74
Figura 24 - Gastronomia social	76
Figura 25 - Fundadores do <i>Social Gastronomy Movement</i>	78
Figura 26 - Mapa da comunidade global do SGM	78
Figura 27 - Parcerias do Movimento da Gastronomia Social	79
Figura 28 - Rede agroalimentar conformada a partir do lado par da Rua da Lapa	80
Figura 29 - Espaço Terra Crioula no sobrado de número 107 na Lapa RJ	81
Figura 30 - Terra Crioula na página do MST	84

Figura 31 - Imagens de divulgação do <i>podcast</i> Terra Crioula	85
Figura 32 - Paisagem predominante na região de Macaé no norte fluminense	86
Figura 33 - Ocupação Edson Nogueira, Córrego do Ouro Macaé RJ	87
Figura 34 - Marchas do MST	91
Figura 35 - Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra em 1984	92
Figura 36 - Barracas de lona preta símbolo do MST	93
Figura 37 - <i>La Via Campesina</i> parceria do MST	93
Figura 38 - Rede agroalimentar conformada a partir do lado ímpar da Rua da Lapa ...	94
Figura 39 - Quantidade de agrotóxicos registrados no Brasil entre 2010 e 2020	100
Figura 40 - Identidades visuais ligadas à rede Gastromotiva	103
Figura 41 - Peixe símbolo de cristianismo	103
Figura 42 - Luciano Huck patrocina Gastromotiva	105
Figura 43 - Identidades visuais do MST e Terra Crioula	107
Figura 44 - Identidades visuais de movimentos camponeses	109
Figura 45 - Escada no <i>Refettorio</i> Gastromotiva	112
Figura 46 - Rede de associações das visualidades da Gastromotiva	114
Figura 47 - Marcas figurativas e marcas abstratas	115
Figura 48 - Ruínas de Casa Nova, BA	116
Figura 49 - Rede de associações das visualidades dos movimentos camponeses	118
Figura 50 - Identidades visuais de embalagens de leite achocolatado industrializado ...	119
Figura 51 - <i>Lettering</i> : comida que transforma e Armazém do Campo	120
Figura 52 - <i>Website</i> da Cargill	121
Figura 53 - Sementes crioulas	124
Figura 54 - Rede de atores conectados pelas sementes	126
Figura 55 - Comentários sobre ser voluntário no <i>Refettorio</i> Gastromotiva	130
Figura 56 - Comunicação de oferta de emprego na Gastromotiva	131
Figura 57 - Efeito Sanduíche	133
Figura 58 - Assentadas do MST da regional sul fluminense	134
Figura 59 - Rede conectada por trabalho e produção	137
Figura 60 - Camisetas e suas mensagens de transformação social	138
Figura 61 - Jantares oferecidos a pessoas de rua no <i>Refettorio</i> Gastromotiva	140
Figura 62 - Refeições transformadoras da sociedade nos dois lados da Rua da Lapa	140
Figura 63 - Lutar não é crime	141

Figura 64 - Empreenda, faça e venda	142
Figura 65 - Alunas e alunos do curso de gastronomia social	143
Figura 66 - Estudantes de empreendedorismo na Gastromotiva	144
Figura 67 - Atos políticos	148
Figura 68 - Imagem de divulgação da IV JURA	152

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Agroecologia
ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ANT	<i>Actor-network theory</i>
ASA	Articulação Semiárido
BA	Bahia
CE	Ceará
CEASA	Central Estadual de Abastecimento do Rio de Janeiro
CFP	Companhia de Financiamento da Produção
CHESF	Companhia Hidroelétrica do São Francisco
CIBRAZEM	Companhia Brasileira de Armazenamento
CMO	<i>Chief Marketing Officer</i>
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária
COBAL	Companhia Brasileira de Alimentos
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
CONTRAF	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Familiar
COOPAN	Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita
COOPEROESTE	Cooperativa de Comercialização do Extremo Oeste de Santa Catarina
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ESDI	Escola Superior de Desenho Industrial
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
INCA	Instituto Nacional do Câncer
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
JURA	Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MCP	Movimento Camponês Popular
MoMA	<i>Museum of Modern Art</i>
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MT	Mato Grosso
NPC	Núcleo Piratininga de Comunicação
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PANC	Plantas Alimentícias Não-Convencionais
PDS	Projeto de Desenvolvimento Sustentável
PNARA	Política Nacional de Redução de Agrotóxicos
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
RENASEM	Registro Nacional de Sementes e Mudas
RJ	Rio de Janeiro
SGM	<i>Social Gastronomy Movement</i>
SOLTEC	Núcleo de Solidariedade Técnica
SP	São Paulo
UDR	União Democrática Ruralista
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UPE	Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 TEORIA ATOR-REDE, CARTOGRAFIAS E CONTROVÉRSIAS.....	24
1.1 Teoria ator-rede	24
1.2 Representações	27
1.3 Caixas-pretas, questões de fato e questões de interesse	28
1.4 Cosmogramas	31
1.5 Mapas de controvérsias	34
1.6 Método cartográfico	38
1.7 Design como rede	40
1.8 Representações visuais das redes	43
2 O QUE VOCÊ SUSTENTA QUANDO SE ALIMENTA?	47
2.1 O Banqueteço	51
2.2 <i>Refettorio</i> Gastromotiva	61
2.2.1 <u>Gastromotiva faz contato com horta comunitária - relato de campo</u>	62
2.2.2 <u>Website do Refettorio Gastromotiva</u>	64
2.2.3 <u>Almoço no Refettorio Gastromotiva - relato de campo</u>	67
2.2.4 <u>Café-da-manhã do Refettorio Gastromotiva - relato de campo</u>	73
2.2.5 <u>Conectando elementos da rede: Movimento da Gastronomia Social</u>	75
2.3 Terra Crioula	81
2.3.1 <u>Almoço no Terra Crioula - relato de campo</u>	82
2.3.2 <u>Terra Crioula na internet</u>	83
2.3.3 <u>Compras no Terra Crioula - relato de campo</u>	85

2.3.4	<u>Ocupação Edson Nogueira - relato de campo</u>	86
2.3.5	<u>Almoço no acampamento - relato de campo</u>	89
2.3.6	<u>Conectando elementos da rede: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra</u>	91
2.4	Redes que sustentamos quando nos alimentamos	95
3	CONTROVÉRSIAS DESDOBRADAS	99
3.1	Visualidades e materialidades	102
3.2	Sementes	121
3.3	Organização do trabalho e da produção	127
3.4	Empreendedorismo social e luta de classe	138
3.5	Conectando valores entre as duas redes	145
	CONCLUSÃO	148
	Projeto de redes agroalimentares	149
	Design como rede: projeto cosmopolítico	151
	REFERÊNCIAS	154

INTRODUÇÃO

A pesquisa que resultou nesta tese teve início com uma persistente inquietação frente ao gigantesco desperdício resultante dos processos de produzir, distribuir e consumir comida. Uma segunda inquietação se juntou à primeira com o reconhecimento de que esse desperdício de comida faz pleno sentido dentro de um modo específico de produção, distribuição e consumo dessa comida. A ideia de desperdício, intencional ou acidental, aqui considerada, diz respeito a uma noção caracteristicamente cultivada por um senso comum que entende como desperdício o descarte de qualquer coisa originalmente produzida para não ser descartada. O senso comum atribui ao ato de “jogar comida fora” uma condenação moral (e portanto discutível), sobretudo quando confrontado com a ideia de que há “tanta gente passando fome”.

A comida, tal como é produzida, gera desperdícios ao longo de todas as etapas de sua cadeia produtiva: muitas perdas acontecem na colheita, no transporte, no armazenamento e na comercialização da comida. Não é possível afirmar com precisão o quanto dessas perdas são intencionais, porém, diante de notícias como a das muitas toneladas de alimentos descartadas por caminhões no acostamento das estradas que levam às grandes centrais estaduais de abastecimento (Figura 01), é possível imaginar que tal ação teve a intenção de fazer o preço do alimento subir, pois estaria tão baixo que a sua comercialização não pagaria o transporte entre a plantação e o mercado central.

Figura 01 – Desperdício de alimentos



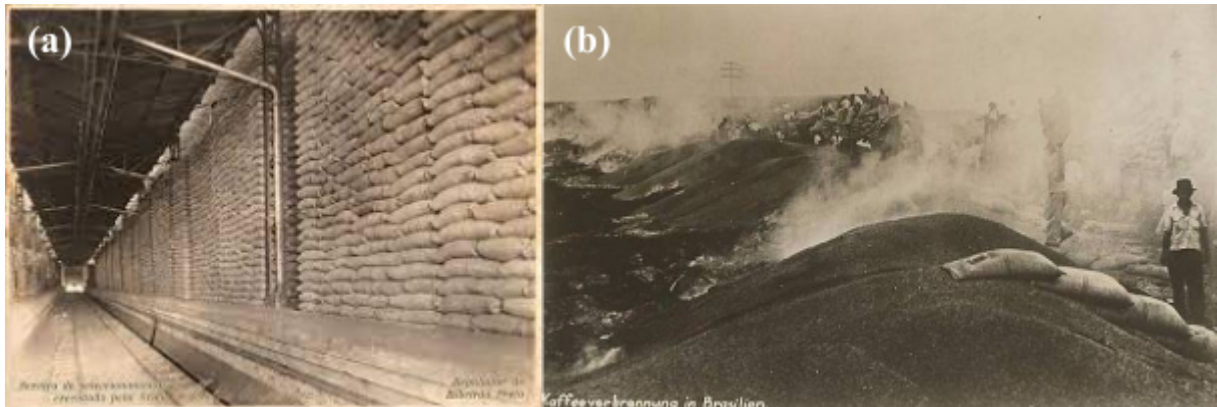
Legenda: Tomates (a), batatas (b) e cebolas (c) descartadas em acostamentos de estradas que ligam regiões produtoras a mercados centrais de abastecimento.

Fontes: (a) <<http://jornalorbnews.blogspot.com/2014/01/produtores-de-tomate-de-ribeirao-branco.html>> (b) <<https://www.patoshoje.com.br/noticia/toneladas-de-batatas-sao-jogadas-as-margens-da-br354-em-sao-gotardo-37136.html>>(c) <<https://paranaibaagora.com.br/video-mostra-produtor-descartando-toneladas-de-cebola-em-lagoa-formosa/>> Acessos em maio de 2020.

Um exemplo histórico de desperdício intencional pode ser lembrado no episódio ocorrido em 13 de junho de 1931 (Figura 02), quando o governo do então presidente Getúlio Vargas assumira a gestão da produção, estocagem e comercialização do café brasileiro:

Em Santos, no litoral paulista, o dia de Santo Antônio tem um cheiro diferente: café torrado. O governo provisório mandou queimar os estoques de café, pois o preço do produto e as exportações não param de cair desde a quebra da bolsa de Nova York, em 1929. Resultado: milhões de sacas começam a virar fumaça e perfumar o ar da cidade. O objetivo é claro: reduzir a oferta e assim conter a queda dos preços internacionais do produto, o que equilibraria nossa economia e impediria a falência dos cafeicultores.¹

Figura 02 - Excesso de café provoca sua incineração



Legenda: (a) Sacas de café empilhadas em depósito de armazém regulador em Ribeirão Preto-SP. (b) Incineração de toneladas de café em Santos - SP

Fontes: (a) <<http://memorialdademocracia.com.br/card/getulio-autoriza-queima-dos-estoques-de-cafe>> (b) <<https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos081.htm>> Acessos em janeiro de 2022.

No caso dos tomates, batatas e cebolas jogados pelos caminhões ao longo do acostamento das estradas pode-se conjecturar que estão de acordo com a mesma lógica que queimou as milhões de sacas de café em 1931: reduzir a oferta e aumentar os preços.

Do outro lado dessa lógica, há pessoas para as quais comida é um artigo escasso ou mesmo inexistente. A fome é comumente apontada como uma consequência do desperdício: ao se descartar o alimento, há um aumento no valor dos produtos e muitas pessoas não conseguem pagar por eles. A fome não é um fenômeno recente nem tampouco restrito a poucas regiões do planeta. Em 2014, a agência da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura – FAO – publicou um mapa que aponta países nos quais mais de 5% da população não chega a ingerir a quantidade mínima de calorias recomendada. Na prática significa dizer que a cada 20 pessoas uma passa fome. Em 2014, o Brasil estava fora desse mapa (Figura 03).

¹ Em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/getulio-autoriza-queima-dos-estoques-de-cafe>> Acesso em janeiro de 2022.

Figura 03 – Mapa mundial da fome em 2014



Legenda: Mapa organizado e publicado pela ONU/FAO que indica o percentual da população em cada nação que ingere menos calorias do que é recomendado.

Fonte: http://cnq.org.br/noticias/brasil-sai-do-mapa-mundial-da-fome-aponta-fao/

Em 2018 o Brasil voltou para o mapa da fome². Em 2020 registrou-se 55,2% da população convivendo com insegurança alimentar e em 2021 imagens de pessoas em busca de ossos e carcaças bem como as cenas de caçambas de lixo sendo reviradas por famílias em busca de comida ilustraram a volta do país para o mapa da fome (Figura 04).

Figura 04 - Ossos e lixo viram comida



Legenda: (a) Pessoas fazem fila para receberem ossos descartados por açougue em Cuiabá-MT (b) Pessoas reviram caminhão de lixo em busca de comida em Fortaleza-CE

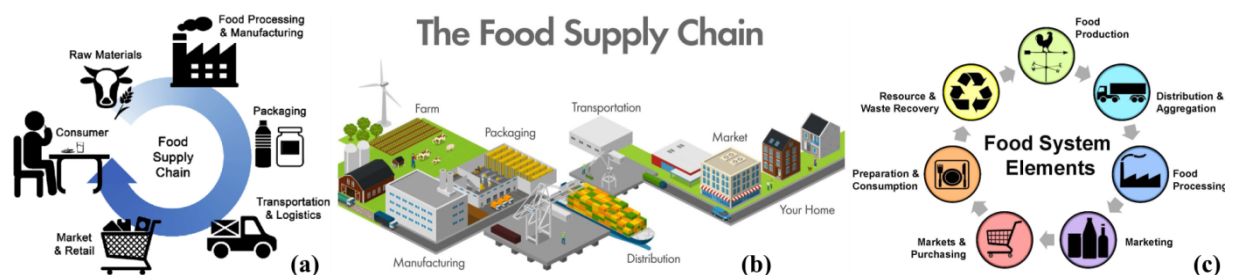
Fontes: (a) https://br.noticias.yahoo.com/a-fila-por-ossos-em-acougue-para-matar-a-fome-em-cuiaba-080053974.html> (b) https://portaldeprefeitura.com.br/2021/10/19/video-em-busca-de-comida-pessoas-procuram-alimentos-em-caminhao-de-lixo-registro-mostra-necessidade-de-mais-politicas-publicas/> Acessos em janeiro de 2022

²Em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-retrocesso-inedito-no-mundo-diz-economista.shtml?utm_source=sharenativo&utm_medium=social&utm_campaign=sharenativo> Acesso em janeiro de 2022

Como podemos compreender a rede de diferentes agências envolvidas no descarte de tantas toneladas de alimentos? Quem está implicado? Como as agências se implicam? E como explicar que esse descarte continue fazendo sentido dentro de tal rede, *agindo sobre* os preços de comercialização, mesmo diante da escassez, da fome e da desnutrição testemunhadas em todas as partes do mundo? Como foi possível incluímos em nossa organização de mundo comum a ação periódica de jogar no lixo safras extraordinárias de alimentos? É preciso esclarecer quais valores, afinal, estão em jogo na maneira como produzimos, distribuimos, consumimos e desperdiçamos nossa comida, pois até o modo de pensar e olhar para esse desperdício é também parte atuante na organização do sistema que nos permite ter a comida em nossos pratos. A presente pesquisa visa oferecer alguns subsídios para a compreensão dessa rede múltipla e heterogênea que dá forma a nosso sistema agroalimentar.

Redes agroalimentares lidam de diferentes modos com a questão do desperdício e da escassez de alimentos. Essas redes não são, necessariamente, geradoras de desperdício, mas estão implicadas na realidade da comida jogada fora. O que se investiga são as redes agroalimentares e como elas se conectam, inclusive, com o desperdício de comida. A existência de tais redes é fruto de um projeto — não um projeto advindo da mente de um sujeito projetista autônomo, mas um projeto que se dá pela conjunção de coisas e pessoas reunidas em função da alimentação. Pesquisar as relações e conexões estabelecidas entre pessoas, coisas e ideias tecidas na rede que possibilitará que alimentos sejam produzidos consumidos e até mesmo desperdiçados pode explicitar as condições que conduziram o processo de constituição das redes.

Figura 05 - Representações da cadeia de produção alimentar



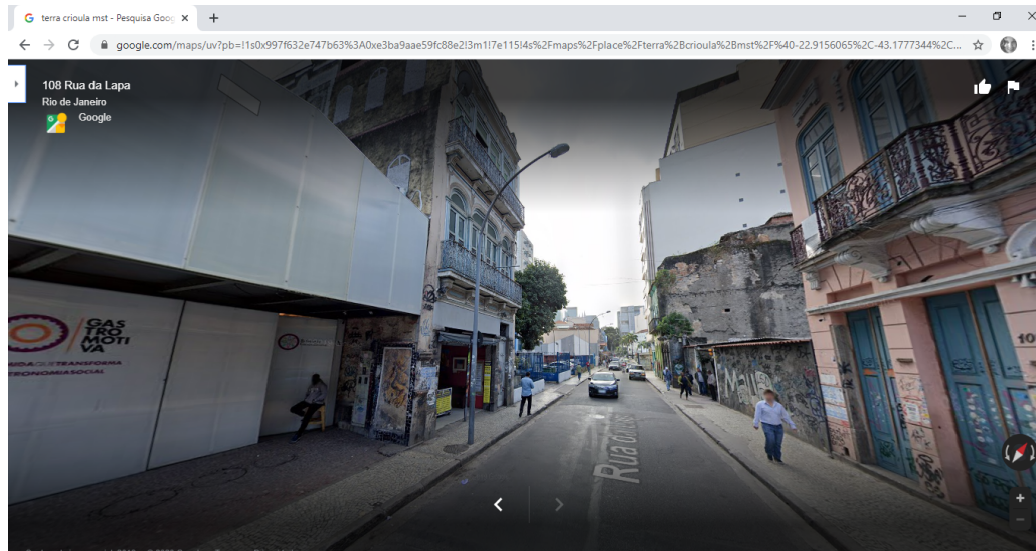
Legenda: Possíveis formas de visualizar a cadeia de produção de alimentos: (a), (c) circular e (b) linear
 Fontes: (a) <https://www.researchgate.net/figure/e-Schematic-representation-of-the-food-supply-chain-from-the-production-phase-until-the_fig5_321331354> (b) <<https://money.howstuffworks.com/food-supply-chain-pandemic.htm>> (c) <<https://localfood.ces.ncsu.edu/food-system-supply-chain/>> Acessos em maio de 2020.

Redes agroalimentares incluem mais pessoas, coisas e conexões do que aquilo que costumamos chamar de cadeia produtiva de alimentos (Figura 05), normalmente representada por uma linha (b) ou círculo (a,c) que conecta produtores e consumidores, podendo passar por distribuidores, beneficiadores, embaladores e comercializadores.

Se chegamos a tais representações visuais, é porque a rede conseguiu estabilizar algumas conexões. Os convencionais elementos da cadeia produtiva de alimentos – produtor, transporte, beneficiamento, embalagem, atacado, varejo, consumidor final – estão incluídos naquilo que, doravante, nomearemos *rede* agroalimentar (e não mais *cadeia* produtiva de alimentos), a diferença é que tais elementos, embora tradicionalmente lembrados nas representações, não são os únicos nem estão ordenados em uma linha ou círculo. A rede conecta tudo aquilo que age, tudo o que está implicado na existência da comida, o que pode incluir coisas heterogêneas como pessoas, leis, sementes, forma de organizar o trabalho, ideias, comunicação, edifícios. O critério de inclusão na rede que nos permite comer é a *agência*, que não é unidirecional como as representações de cadeias produtivas fazem perceber, mas tecida conjuntamente no processo agroalimentar que a rede possibilita acontecer. A agência é, então, efeito de uma *rede*, que define e coloca em relação não apenas os seres humanos, mas também todos os outros elementos que com eles se relacionam, agindo em rede e compondo a malha agroalimentar. Compreender a agência desse modo permite compreender o social por meio dos *movimentos associativos* estabelecidos entre pessoas e materialidades nas práticas cotidianas.

Duas configurações dessas redes conectadas em função da produção, circulação e consumo de comida podem ser investigadas numa mesma rua do bairro da Lapa, no centro da cidade do Rio de Janeiro: o *espaço de comercialização* Terra Crioula, no número 107, e o *Refettorio* Gastromotiva, no número 108 - duas edificações coincidentemente localizadas uma defronte a outra. A curiosa localização do sobrado no número 107 em relação ao galpão no número 108, opondo simetricamente na mesma rua, por mais de dois anos, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Movimento da Gastronomia Social foi um dos aspectos mais inspiradores para organizar esta pesquisa (Figura 06). Foi essa disposição peculiar no espaço urbano do centro do Rio que direcionou a narrativa para a forma de uma comparação entre os dois pontos por onde se iniciou a cartografia das redes agroalimentares. As oposições, visíveis logo numa primeira análise, se aprofundaram conforme o traçado das redes se complexificou, conectando elementos mais distantes e diferentes a cada uma das redes. Estes dois pontos de partida oferecem acesso a duas redes agroalimentares tão diferentes quanto instigantes em suas heterogeneidades.

Figura 06 – Terra Crioula e Gastromotiva na Rua da Lapa, Rio de Janeiro



Legenda: Captura de tela do Google Maps, modalidade *street view*, mostrando, à direita, a fachada do sobrado 107 e à esquerda, do galpão 108, na Rua da Lapa, centro do Rio de Janeiro.

Fonte: <<https://www.google.com/maps/>> Acesso em dezembro 2020.

Terra Crioula é o espaço de comercialização de produtos dos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST). Acontece por todo o Brasil e, no Rio de Janeiro, é um evento quinzenal que há mais de dois anos vem ocorrendo em um sobrado alugado e cedido pelo mandato do vereador Renato Cinco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)³. *Refettorio* Gastromotiva é um galpão de aço e policarbonato, construído em 2016 para abrigar cursos de empreendedorismo gastronômico social e organizar jantares para moradores de rua. Os jantares são preparados e servidos por voluntários e usam, como ingredientes, o excedente de alimentos doado por um dos maiores comerciantes de frutas, verduras e legumes da região sudeste. O que se mapeia a partir desses dois exemplos pode nos dizer muito sobre o que sustentamos quando nos alimentamos, já que comida é um indispensável organizador e conector de redes em qualquer agrupamento humano.

A pesquisa tem então como objeto as redes que sustentam a existência desses dois espaços que conectam coisas e pessoas em função de um prato de comida ou, dito de outra forma, é o prato de comida investigado nas redes que lhe dão existência. Tais redes são

³ Ao longo de 2020 algumas mudanças ocorreram no arranjo do lado ímpar da rua da Lapa. O imóvel foi desalugado por conta da pandemia e do isolamento social que impossibilitou as costumeiras atividades aglomeradoras de pessoas no espaço. Em novembro houve eleições municipais e a candidatura do vereador Renato Cinco não foi reeleita. Isso não desmantelou absolutamente a rede do Terra Crioula/MST, que continuou comercializando seus produtos por outros canais, mas acabou com a curiosa coincidência geográfica por onde se iniciou esta investigação.

heterogêneas, pois mobilizam atores e interesses muito diversos. Em seu dinamismo, as redes são palcos de disputas sobre as quais será dispensada especial atenção: as *controvérsias*. Através delas, será possível vislumbrar os interesses em jogo nas conexões que dão forma às teias de produção agroalimentar. O termo “controvérsia” é mais precisamente definido e comentado em 1.1 e em 1.2, onde são identificadas as referências e os autores que delas se valem. Por ora, controvérsias podem ser lidas como rastros que os diversos tipos de atores deixam em suas associações, dissociações e re-associações, se apresentando como ótimas ocasiões disponíveis para se observar a fabricação do mundo onde pessoas e coisas emergem como resultado provisório de estabilizações.

As redes agroalimentares lidam, em suas urdiduras, com inúmeras controvérsias que podem ser observadas em seus esforços de estabilização para garantir a existência de uma refeição. Os dois espaços – Terra Crioula e *Refettorio* Gastromotiva – nos ajudarão a compreender questões relacionadas às sementes, à maneira de organizar o trabalho e a produção, ao manejo daquilo que chamam de pragas, ao voluntarismo, ao mal-estar existencial, à produção de conhecimento nas universidades, às privatizações e os tantos aspectos implicados na pergunta que intitula este trabalho: “O que você sustenta quando se alimenta?”. Com o objetivo de conhecer as redes que se conectam para produzir, circular, preparar e servir um prato de comida, iniciou-se, então, uma investigação a partir dos dois espaços acima recortados. O intuito é compreender e rastrear de que forma uma variedade de entidades, instituições, coisas, pessoas, edificações, coletivos, patrocinadores, produtores, distribuidores, consumidores, leis, mobiliário, sementes, frentes parlamentares, ideias, valores e toda sorte de objetos concretos e abstratos se associam para que exista um prato de comida nos dois espaços na Rua da Lapa.

Por conta de sua centralidade nas diferentes organizações de vida em grupo, sistemas agroalimentares são objetos de pesquisas em muitas áreas, mas raramente são pensados como projetos, tampouco investigados do ponto de vista do design. Aqui, pensar o design da comida a partir da teoria ator-rede é pensar sobre os processos que dão forma a certos sistemas agroalimentares, destacando linhas projetuais que norteiam seus desdobramentos. A discussão sobre os processos projetuais que conformam nossa comida se afastará, portanto, do sempre pressuposto "designer", aquele sujeito-projetista autônomo que se utiliza de métodos e criatividade para projetar "soluções" para arranjos do mundo material considerados problemáticos. Essa é uma visão clássica do designer como um resolvidor de problemas que, aqui para esta pesquisa, se mostra problemática, pois sua persistência mantém afastadas todas

as outras diferentes formas possíveis de entendermos e falarmos sobre o processo de conformação das coisas e da realidade.

A popular compreensão de design que hoje compartilhamos foi consolidada a partir do movimento *design methods*. Tais métodos de design (*design methods*) originaram-se a partir de novas abordagens para resolução de problemas (*problem solving*) desenvolvidas em meados do século 20 em resposta à industrialização e à produção em massa⁴. Na medida em que esses pressupostos sobre as atividades projetuais – o sujeito autônomo criador de soluções para os problemas a ele apresentados – permanecem inquestionados, aspectos importantes da construção da realidade são ignorados. É nesse sentido que a teoria ator-rede pode abrir novas compreensões das atividades projetuais, rearticulando a própria definição do campo de estudos em design. Quando “projeto” passa a indicar um processo cuja agência está diluída em redes que conectam humanos e não-humanos de diferentes maneiras, ele não deixa de incluir também a consciência dos diversos atores-projetistas sobre essas redes, só que agora eles não possuem mais centralidade - a própria noção de "centralidade" perde o sentido quando tratamos de redes.

A teoria ator-rede servirá então para explicitar a rede que atua no processo de conformação dos objetos e das realidades nas quais eles existem. Essa abordagem se harmoniza com uma virada mais geral nos debates sobre design, que desloca o foco das discussões dos resultados produzidos por quem projeta – produtos, serviços, visualidades, edifícios, etc. –, voltando-se cada vez mais para o processo projetual (PORTUGAL; HAGGE, 2019, p.155). Nessa virada, podemos deixar de pensar o processo em questão a partir de escolhas autônomas remetidas a um sujeito que projeta e passar a pensar a partir da ideia de rede, que "não figura como algo fixo por trás do processo, mas coloca o movimento em primeiro plano, estabelecendo-se nele como um sistema ativo de conexões cambiantes" (PORTUGAL; SOARES, 2020, p.129).

O processo de conformação de “coisas” em redes é visto, nesta investigação, como um tipo de projeto, ainda que não controlado por um sujeito autônomo. Dentro desse projeto amplo e impessoal, é possível conectar outros projetos, estes sim, no significado comum do termo – o direcionamento intencional de ações produtivas. Neste caso, um projeto de design é pensado como parte de uma rede complexa e heterogênea que não está tão óbvia para o

⁴ A "Conferência sobre Métodos Sistemáticos e Intuitivos em Engenharia, Design Industrial, Arquitetura e Comunicações", realizada em Londres em 1962 é considerada um evento chave que marca o início do que ficou conhecido nos estudos em design como *design methods movement*, levando à fundação da *Design Research Society* e influenciando a educação e a prática do design. Os principais nomes desse movimento no Reino Unido foram J. Christopher Jones, da Universidade de Manchester, e L. Bruce Archer, do *Royal College of Art*. [Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Design_methods> Acesso em maio de 2020].

projetista. Isso ajuda a compreendermos o papel da pesquisa em design baseada na teoria ator-rede: ela pode evidenciar os muitos elementos e as múltiplas conexões que participam do processo de conformação de algo; destacando, em tal processo, algumas das linhas projetuais que norteiam – sem nunca controlar totalmente – seus desdobramentos.

As inúmeras pessoas e coisas implicadas no processo que projeta como a alimentação será produzida, distribuída e consumida formam uma rede de relações negociadas, barganhadas, disputadas, renovadas ou interrompidas a cada momento. A dinâmica dessas relações não-estabilizadas é o que define a rede. Para investigar e mapear o processo de conformação de redes agroalimentares faz-se necessária uma metodologia também processual, que ajude a acompanhar os movimentos associativos, mais do que revelar uma estrutura estabilizada por trás do objeto investigado. Recursos, bens, valores, interesses, posições não estão fixados em uma estrutura social já dada, mas fluem através de configurações particulares do social. Daí a opção por metodologias que dêem conta de explicar tal dinâmica, refazendo todo o caminho de coisas e pessoas associadas para que tanto o *Refettorio* Gastromotiva, de um lado, e o espaço Terra Crioula, de outro, existam e sirvam refeições. A teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias permitem abordar as dinâmicas e instabilidades das relações sem recorrer a estruturas subjacentes ou a "super-entidades" que, servindo como causa única de todos os efeitos, não permitem efetivamente compreender nada.

O sistema agroalimentar ganha existência em um processo que o projeta. Nesse processo, não há um sujeito encarregado da ação de projetar: dizer que a rede (ou o processo) projeta a comida já é um esforço de adequar gramaticalmente um sujeito ao verbo projetar. O mais preciso seria entender a ação de projetar como resultado de uma ação coletiva em que a definição das entidades implicadas nesta ação já é, em si, um problema projetual, pois diversos atores e relações estabelecidas entre eles inevitavelmente participam da conformação do que está sendo projetado. Quando, como indicado acima, o debate se desloca da questão do objeto para a do processo de design, convém construir novos modos de pensar sobre esses processos que dão forma ao mundo e, especificamente nesta pesquisa, às maneiras como resolvemos nossa demanda por comida.

* * *

O texto da tese se organiza em três capítulos. O Capítulo 1 traz a teoria ator-rede na voz de seus principais autores como uma possível abordagem teórico-metodológica para a pesquisa em design, na qual as controvérsias são valorizadas como rastros visíveis, mapeáveis, e que ajudarão a traçar um desenho da rede pesquisada. É também apresentado o método cartográfico e sua postura epistemológica comprometida com o acompanhamento de

processos. As atividades projetuais – o design, a arquitetura, a engenharia – serão aqui compreendidas como atividades de design e explicadas como partes de redes de atores e como processos que conformam a realidade. Neste primeiro capítulo serão também apresentadas e comentadas as formas escolhidas para representar visualmente as redes traçadas pelo texto da tese.

No Capítulo 2, as redes agroalimentares começam a ser esboçadas a partir do relato de uma controvérsia sociopolítica: a participação da Gastromotiva no Banquetaço, um ato público nacional para reivindicar a volta do Conselho Nacional de Segurança Alimentar – CONSEA, órgão de assessoria diretamente ligado ao poder executivo e que fora extinto pelo recém empossado presidente Jair Bolsonaro. A pergunta “o que você sustenta quando se alimenta?” serve de guia para as primeiras idas a campo: refeições são feitas nos dois lados da Rua da Lapa, compras acontecem no espaço Terra Crioula, uma visita é feita a uma ocupação do MST no norte fluminense e as observações são apresentadas na forma de relatos de campo. São também feitas descrições das imagens institucionais comunicadas pela internet, assim como também são elaboradas as primeiras representações visuais das redes heterogêneas conectadas pela questão agroalimentar dos dois lados da Rua da Lapa.

O Capítulo 3 apresenta a continuidade do traçado das redes pelo do desdobramento das controvérsias observadas entre os dois pontos iniciais escolhidos para descrevê-las. Elementos como logotipos, sementes, formas de organização do trabalho e da produção, ideias e valores fluem pelas redes agroalimentares, dando a elas visibilidade para que possam ser descritas. No desdobrar das conexões, ampliamos as análises sobre as redes, chegando a pontos mais distantes dos casos de partida, vislumbrando, assim, algumas respostas para a pergunta sobre o que sustentamos quando nos alimentamos.

1 TEORIA ATOR-REDE, CARTOGRAFIAS E CONTROVÉRSIAS

A abordagem teórico-metodológica escolhida para tratar das redes agroalimentares toma como base a teoria ator-rede, que será apresentada a seguir, na voz de Bruno Latour e de alguns outros autores expressivos. Apresentaremos também alguns termos e noções presentes na teoria ator-rede e importantes para a compreensão do objeto desta pesquisa — caixa-preta, questões de fato, questões de interesse, cosmogramas e controvérsias, que serão especialmente observadas pela oportunidade que fornecem de traçar linhas de conexões entre os elementos da rede. Serão também apresentados alguns aspectos do *método cartográfico*, metodologia sistematizada e assim nomeada por Passos, Kastrup e Escossia (2014) em textos escritos por professores e pesquisadores de psicologia de duas importantes universidades federais do estado do Rio de Janeiro e cuja postura epistemológica se apresenta como um “método processual para acompanhamento de processos.” Como foi ressaltado na Introdução, atividades projetuais como o design, a arquitetura e a engenharia serão aqui incluídas como atividades *de design* e compreendidas como partes compositoras de redes conformadoras da realidade.

1.1 Teoria ator-rede

A teoria ator-rede é uma abordagem que pode subsidiar a reflexão sobre o processo por meio do qual redes se constroem. Neste trabalho, nos apropriamos de algumas das propostas metodológicas da teoria ator-rede para registrar a construção de redes agroalimentares e dos projetos de mundo enredados a nossa comida. A principal referência é Bruno Latour, ao lado de Michel Callon e John Law, pensadores pioneiros da teoria ator-rede. A teoria ator-rede é uma forma de explicar a realidade como sendo um efeito de redes nas quais coisas e pessoas se conectam e se conformam. Latour (2005) explica como é possível, por exemplo, redefinir o que chamamos de *social* a partir da recuperação dos tortuosos processos que costuram as conexões entre seres humanos e não humanos implicados quando evocamos a ideia de “social”. Indo na contramão daqueles que usam o termo "social" para explicar e classificar algumas dessas conexões - que seriam "sociais" em oposição a biológico, técnico, etc. - Latour propõe entendermos o social como efeito de certas conexões

que não podem ser, por si mesmas, sociais ou não. Nesse sentido, a ideia de uma "construção social da realidade", por exemplo, perde o sentido. O social é o efeito dessas conexões, com a diferença de que o foco agora passa, justamente, para essas conexões, para esses movimentos associativos que agruparam o chamado social. Embora seja mesmo possível compreender o social como mais um ator amalgamado na rede de associações, ele agora deixa de ser a moldura que enquadra os elementos heterogêneos conectados e passa a ser compreendido como mais uma entidade, entre tantas, conectada em rede. O social é “o nome do tipo de associação momentânea, caracterizada pela maneira como se reúnem as novas formas” (LATOURET, 2005, p. 65). A teoria ator-rede vai então oferecer um olhar que destaca o aspecto difuso, processual e fluido presente nas organizações dessas redes heterogêneas, além de também criar as condições de possibilidade de expressão do conhecimento produzido através dela.

Latour (2005, p.247) nos fala da construção coletiva de um mundo comum quando explica que o que chamamos de social é um punhado de associações temporárias entre coisas não-sociais: “o social não passa de um momento na longa história das associações”. A definição compartilhada de um mundo comum nascerá, portanto, do reconhecimento da heterogeneidade da matéria que compõe esse mundo, num esforço político de enxergar o que se disputa, o que é do interesse de quem, que relações, conexões, oposições e disposições se estabelecem para estabilizarmos um arranjo comum do mundo compartilhado e, aqui nesta investigação especialmente, um arranjo organizado para que possamos comer.

Qualquer ação, por mais insignificante que seja, se insere em uma rede que a torna possível e que fragmenta e desloca o epicentro dessa ação. Quando alguém almoça ou janta em algum dos dois casos na Rua da Lapa, a realização de tal refeição depende tanto desse alguém quanto da rede que dá existência à refeição. Nessa rede atuam, igualmente, quem serviu, quem preparou, a cozinha, a mesa, a panela, o fogão, o veículo, o combustível, quem beneficiou, quem plantou, a planta em si, o prato, as paredes, a enxada, as sementes, a água, as máquinas, a energia, o combustível, o dinheiro e etc. As coisas atuam tanto quanto os humanos, uma vez que suas identidades como "coisa" é secundária em relação a sua agência. A ação de se alimentar só pode ser realizada “por alguém” na medida em que, junto com esse alguém, uma infinidade de elementos conectados age também. Se alguém é um “ator”, um agente, o é como integrante dessa rede que o conecta a todos os demais elementos que participam dessa “sua” ação — exceto que, justamente, não podemos mais caracterizá-la como “sua”: a alimentação sustenta e é sustentada por uma malha organizada de elementos diversos que dissolve o sujeito e qualquer percebido centro da ação de se alimentar.

Não há autonomia possível dos agentes em relação à rede. O próprio termo “ator-rede” não tem pretensão de significar um agente completo atuando de modo autônomo em meio a uma rede fixa: o ator, ao atuar, o faz como participante de uma rede em constante mutação. A rede não é um contexto que permite ou deixa de permitir uma ação que já estaria pronta em uma inacessível e independente vontade do ator: a rede é a condição de possibilidade da ação; e é, também, aquilo que age por meio do ator. A comida em nosso prato nos faz parte de um arranjo, de um aglomerado heterogêneo e ordenado de materialidades relacionais e performativas. Como coloca Latour: “Um ‘ator’, na expressão hifenada ator-rede, não é a fonte da ação, mas o alvo móvel de uma vasta gama de entidades pululando em sua direção” (LATOUR, 2005, p.46)

A noção de “ator-rede” desafia um pressuposto existente em quase todos os pensamentos sobre as ações humanas: a noção de que há um sujeito autônomo, independente, responsável pelas ações. A ideia de rede, aqui usada para pensarmos alguns sentidos e explicações para redes agroalimentares, dilui a agência dos sujeitos, pois a própria expressão “ações humanas” se torna tão problemática quanto a categorização de uma ação como “de alguém”. A ação não pode mais ser propriedade de ninguém, nem classificada como humana ou não humana, mas é sempre, ao mesmo tempo, humana e também não humana, na medida em que remete a uma rede.

Dizer “a rede age” é já uma forma problemática de adequação à exigência gramatical por um sujeito da oração. O mais preciso seria dizer algo como “age em rede”, sem sujeito, pois, segundo a forma de pensar da teoria ator-rede, todo verbo é impessoal e infinitamente transitivo. (PORTUGAL; SOARES, 2020, p.131)

Para Latour (2005) as ciências sociais são geralmente pouco ousadas ao explicar a complexidade das associações com que se deparam. Assim, “o social” figura como uma espécie de substância unificadora que está por trás, por baixo ou acima de tudo, mas que permanece indefinida. “Sociedade” e “social” viram explicações totalizantes, bem como “econômico” ou “político”. A teoria ator-rede, em sua abordagem, procurará transformar essas explicações totais naquilo que, justamente, deverá ser explicado. Latour propõe que se passe de uma “sociologia do social” para uma “sociologia das associações, ou associologia”, na qual são traçadas e explicadas as conexões entre indivíduos e coisas que fazem existir o que nomeamos de sociedade.

Teoria ator-rede, em inglês (*actor-network theory*), forma o acrônimo ANT (formiga). Segundo Latour (2005, p.25), a comparação do trabalho de um pesquisador das redes de atores com uma formiga é apropriada, uma vez que rastrear as associações sem recorrer a uma explicação total é um trabalho que se faz seguindo de perto os muitos vínculos estabelecidos

na conformação do mundo. Enquanto os “sociólogos do social” parecem “pairar como anjos, transportando poder e conexões de uma forma quase imaterial”, o estudioso da ANT precisa trilhar, como uma formiga, os rastros deixados pelos vínculos que se estabelecem na materialização de, por exemplo, um prato de comida.

A rede coloca em relação pessoas e coisas de modo que essas pessoas e coisas ganham, pela rede, determinados papéis. O difícil é que esses papéis tendem a definir e nomear os atores conectados em rede e o posicionamento epistemológico da teoria ator-rede não aceita trabalhar com a fixidez das estruturas invisíveis, subjacentes, dos papéis bem definidos e para sempre atribuídos aos atores que os desempenham. Quando explicamos qualquer coisa dessa forma, perdemos a oportunidade de investigar como se combinam os pequenos elementos que tecem a rede cotidiana daquele trivial prato de comida pelo qual começamos essa pesquisa. A teoria ator-rede trata de descrever concreta e continuamente as tessituras, os vínculos, as conexões, sempre o pequeno explicando o grande. Os elementos humanos e não humanos não agem simplesmente: eles atuam em redes de relações que não sabemos exatamente onde começam, onde acabam, redes que não têm forma estável e que nunca se fecham definitivamente. A proposta teórico-metodológica aqui é a de incentivar a heterogeneidade e a multiplicidade que vêm junto com uma descrição fina dos laços hesitantes que amarram os objetos em rede.

1.2 Representações

Como conhecer e falar sobre toda a gama de entidades implicadas na existência de uma refeição? É preciso descobrir maneiras mais efetivas de comunicar esse conhecimento, usualmente expresso por meio de representações - a representação visual da chamada cadeia produtiva, por exemplo. As redes conectadas pela comida são frequentemente representadas em forma de linhas ou círculos (Introdução, Figura 05), ao longo dos quais são marcados pontos que *representam* etapas de uma cadeia produtiva: plantação, embalagem, transporte, comercialização, consumo final... Se, em uma representação visual da cadeia produtiva de alimentos marcamos um ponto e legendamos esse ponto de “produtor”, esse ponto é um representante bastante simplificado de uma complexa rede de associações que inclui sementes, subsídios, trabalhadores, contratos, água, terra, energia, moradas, estradas de

acesso, pacotes tecnológicos, publicidade e tudo mais que puder ser considerado para que esse ponto exista na cadeia produtiva e seja legendado de “produtor”.

Uma representação é uma entidade que *está por* ou *é por* outra entidade, isto é, uma coisa que está por outra coisa. Quando há representação, há uma coisa, o *representante*, que está por outra coisa, o *representado* (*stands for*, nas palavras do linguista estadunidense Charles Sanders Peirce). O que se procura nesta pesquisa é entender essa representação semiótica como entendemos uma representação política: um “parlamento de coisas”, no qual a “triagem meticulosa dos *quasi*-objetos torna-se possível, não mais de forma oficiosa e na surdina, mas sim oficialmente e publicamente.” (LATOURE, p.179, 2019) A representação, neste caso, deverá tornar visível todo o novelo de argumentações, motivos e disputas que estão em jogo na rede em questão. Ao falarmos de um objeto não queremos que se apaguem os tortuosos caminhos de associações que fazem o objeto existir, pois isso seria, então, como uma despolitização do objeto. Se queremos (re)politizar a comida, precisamos representá-la de forma a tornar visível, e, sobretudo, discutível, todas as conexões instáveis, contingentes, inesperadas, negociadas que lhe garantem a existência.

A representação visual da cadeia produtiva alimentar em encadeamentos circulares ou lineares não faz jus à densa e instável rede de relações que a mantém conectada e suficientemente estabilizada para circular nossa comida. A representação, neste caso, é a forma final, estabilizada a custo de muitas disputas em torno do objeto representado. A representação pressupõe que *conhecer* a realidade é igual a *reconhecer* e representar essa realidade, que existe objetivamente, independente do sujeito que busca conhecê-la. A perspectiva adotada nesta tese é outra: assumimos que os dois pólos da relação de conhecimento da realidade - sujeito e objeto - são efeitos, e não condição da atividade cognitiva. Conhecer a realidade é, então, produzir a realidade: o ato de conhecer e a realidade criada estão mutuamente implicados.

1.3 Caixas-pretas, questões de fato e questões de interesse

Quando representamos e falamos sobre a rede agroalimentar da forma característica da cadeia produtiva que elege alguns pontos e representa-os numa linha ou num círculo, transformamos a densa, instável e heterogênea rede alimentar em uma *caixa-preta* - simples transportador de significados estabilizados. Quando já não nos contentamos com a mera

representação objetiva da rede e apostamos que conhecer tal rede é transformar o projeto dela, estamos desfazendo a caixa-preta pela qual a representaram. E isso tem consequências políticas, com as quais passamos a lidar ativamente.

Caixa-preta é uma expressão que Bruno Latour (2000, p.14) toma emprestado da cibernética e da teoria dos sistemas, nos quais é empregada sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. “Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai”, enquanto seu funcionamento interno permanece inacessível para quem não participou de sua construção. Uma caixa-preta, nos textos teóricos da teoria ator-rede, é o resultado final de certo processo de purificação de um dado objeto, que vira um mero transportador de significados e ações. A purificação faz um objeto emergir como algo pré definido, dado de uma vez por todas e que atua como mero intermediário, fazendo só aquilo que supostamente poderia fazer. Para desmanchar uma caixa-preta, é preciso seguir, continuamente, o “gradiente que leva das existências instáveis às essências estabilizadas” (LATOURE, 1994, p. 132).

Quando consideramos as controvérsias em disputa nos processos de constituição dos objetos, reconhecemos que elas nunca cessam de atuar no trabalho contínuo de construção conjunta daquilo que Bruno Latour chamou de “híbridos” ou “*quasi-objetos*”: entidades coletivas constantemente re-conformadas em função dos disputados processos de estabilização necessários para tramar as redes. Nesta pesquisa, conhecer sobre os processos instáveis, temporários, negociados, nos servirá para abrir as caixas-pretas das relações estabelecidas entre coisas e pessoas associadas para que possamos comer. Abrir a caixa-preta é colocar à prova a dureza dos fatos, é conhecer as circunstâncias que permitiram a existência de tais fatos.

Na abordagem característica da teoria ator-rede, objetos são tomados como efeito de arranjos mais ou menos estáveis em uma rede de relações nas quais nada é fixo de antemão. São os movimentos associativos que vão possibilitar as existências dos objetos, como as redes agroalimentares sobre as quais nos debruçamos. Os implicados em um arranjo, se satisfeitos com suas funções e relações na rede, procurarão atuar de modo que o arranjo siga existindo. Se há, porém, atores de algum modo atacados ou ameaçados por aquilo que está posto, não lhes interessará que o arranjo permaneça estável. Ao contrário: tais atores costumam ser enfáticos e ostensivos ao reivindicarem-se como interessados nas questões, expondo-as como controvérsias, incertezas, contradições a não mais serem ignoradas. Dessa forma, a teoria ator-rede se apresenta como aquilo que Latour (2016, p.26) chama de *epistemologia política*, pois constrói conhecimento sobre a existência das redes agroalimentares a partir do

mapeamento de tudo que se juntou para a rede existir, tornando visível, sobretudo, as questões não-estabilizadas, as disputas.

Quando essas disputas são invisibilizadas, as questões de interesse se transformam em questões de fato (*matter of fact*), isto é, apresentam-se como questões indiscutíveis e sobre elas vigora o acordo geral, ou melhor, as questões de fato não são sequer consideradas como frutos de uma disputa ou de um processo de negociação de arranjos diversos. Quando falamos que algo é um fato, supomos que ele simplesmente *é*, nunca que ele *veio a ser*. Questões de fato se contrapõem às questões de interesse (*matter of concern*), que são vistas como discutíveis pelas partes interessadas ou implicadas nas questões. Os processos de estabilização que originam os assim chamados fatos, por exemplo, são investigados por Latour e Woolgar (2000; 1997) nas redes que fazem existir os fatos conhecidos como científicos. Em livros intitulados *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora* (LATOURE, 2000) e *A vida de laboratório; a produção dos fatos científicos* (LATOURE; WOOLGAR, 1997) é possível enxergar o complexo caminho que leva uma questão de interesse, aberta e instável, a virar uma questão de fato, fechada e estabilizada. Tudo aquilo que agora é um fato indiscutível já foi, em algum momento anterior, intensamente discutido.

Voltando ao problema de pesquisa ilustrado na Introdução pelas cargas de batatas, tomates e cebolas despejadas nas estradas: pode-se olhar para isso como uma questão de fato, cujas circunstâncias de origem não estão em questão — o mundo é assim, é a lei do mercado etc. — ou pode-se, ao contrário, demonstrar franco interesse na questão do desperdício de comida, principalmente quando alguns têm o quê comer e outros não. Famintos são parte interessada na organização das redes que fazem a comida existir, tanto quanto camponeses, deputados, sementes ou plano nacional de aquisição de alimentos. O galpão de policarbonato onde funciona, patrocinado por grandes empresas do setor agroalimentar, o *Refettorio* Gastromotiva, conecta-se a uma rede sensivelmente diferente da rede à qual se conecta o espaço Terra Crioula, que comercializa alimentos cultivados por agricultores assentados pela reforma agrária. Essa diferença pode ser observada nas estratégias empregadas pelos dois casos para a construção de suas existências e de seus pratos de comida.

Pelo lado das redes que se conectam ao *Refettorio* Gastromotiva, é visível um empenho em manter a questão do descarte de alimentos como um fato: o desperdício é parte do modo como lidamos com comida e esse modo não será posto em questão. Neste caso, a safra recorde, a superprodução de qualquer gênero alimentício é, efetivamente, um problema a ser descartado no acostamento mais próximo, o que nos deixa a impressão que tal modo de produção de comida não lida muito bem com a abundância produtiva de alimentos. Diante de

tantas pessoas famintas, o massivo desperdício de comida que alguma supersafra provoca acaba por ser uma parte moralmente constrangedora no arranjo produtivo, sobretudo para aqueles interessados em que o arranjo siga existindo e estabilizado (ou seja, não questionado). A pergunta “por que tantos famintos e tanta comida jogada fora?”, embora pareça inocente, pode levar a evidências um tanto inconvenientes para os implicados, indícios que colocarão em discussão muitas questões de fato sobre as quais repousa a estabilidade desse arranjo. Daí todo o esforço em se apresentarem como combatentes do desperdício de comida.

Do outro lado da rua, onde acontece o espaço de comercialização Terra Crioula, o desperdício – e tudo o que diz respeito ao sistema agroalimentar – é controvérsia. Aos trabalhadores sem-terra não interessa esse arranjo produtivo, e, na disputa por sementes, modos de ocupar a terra, formas de organizar o trabalho, uma certa coletividade híbrida e ordenada, um *movimento social*, se apresenta como corpo político interessado e implicado na questão agroalimentar.

1.4 Cosmogramas

A movimentação que faz associar pessoas e coisas em um certo agrupamento interessado e implicado politicamente no projeto coletivo de um mundo comum precisa de critérios orientadores. O ordenamento dos coletivos híbridos que se conformam e se reconformam continuamente reclama que sejam traçados e tornados visíveis os motivos e as compatibilidades que os agrupam. “Não há razão para continuarem alegando que não estão no jogo”, escreve Latour (p.60, 2020) ao imaginar a fala de uma cientista que, contrariando o posicionamento neutro, objetivo e baseado em “questões de fato” tão caracteristicamente científico, decide assumir e declarar, em uma conferência sobre crise climática, que sim, ela está situada em um território, ela representa algo (ou alguém), ela luta ao lado de uns e combate outros. A cientista confessa, enfim, que a ciência é profundamente política. A essa explicitação dos interesses aglutinadores de um corpo político damos o nome de *cosmograma*.

Latour (2016, 2020) usa a palavra cosmograma como uma espécie de resumo dos atributos de cada coletivo disposto a negociar como são distribuídas as agências em suas redes, a que autoridade suprema obedecem, em que território se localizam e em que tempo vivem. A palavra é a junção de duas palavras gregas: *grama*, que significa escrita, desenho sinal gravado, letra, texto, inscrição, registro, lista, documento, livro, tratado; e *cosmo*, que

significa ordem, um todo organizado, um sistema ordenado em oposição ao caos e a desordem. É válido lembrar que um cosmograma, enquanto inscrição que descreve um mundo ordenado, é algo concreto e absolutamente prático, algo que reúne pontos de referência em torno dos quais as pessoas se agrupam, num acordo sobre o mundo que compartilham. Um cosmograma serve então para seguirmos e traçarmos as associações em rede que produzirão, como um efeito, o objeto que buscamos conhecer. O cosmograma de um coletivo é a escrita de atributos identificadores do modo de existência do grupo e permite que se negocie sobre a composição de um mundo que inclua as partes implicadas na realidade que está sendo projetada.

Com efeito, entre as utilidades do conceito de cosmograma apontadas por Latour está a de permitir seguir e traçar as heterogêneas associações necessárias para a existência de certa realidade. John Tresch (2004, p.67) apresenta o termo através da descrição do Tabernáculo - templo portátil construído pelos hebreus nômades e descrito no livro do Êxodo. Como uma tenda, o Tabernáculo podia ser desmontado e remontado em diferentes lugares e era construído com os materiais e as tecnologias que os hebreus dominavam na época: o trabalho sobre o metal e a madeira, o desenho, a pintura, a tinturaria e a tecelagem. Sobre o altar central havia a Arca da Aliança, dentro da qual eram guardadas as tábuas da lei mosaica, um censo demográfico das unidades tribais incluídas como o povo de Israel junto com prescrições éticas e alimentares.

O tabernáculo, porém, fá-lo-ás assim: dez cortinas de linho retorcido, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinto duas vezes. [...] O comprimento da cortina será de vinte e oito côvados; a largura será de quatro côvados. [...] O Senhor falou a Moisés dizendo: Eis que eu chamei pelo nome a Beseleel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do espírito de Deus, de sabedoria e de inteligência, e de ciência para toda a qualidade de obras, para inventar tudo o que se pode fazer com o ouro, com a prata e com o cobre, com o mármore, com as pedras preciosas e com as diversas madeiras. [...] no primeiro dia do mês, levantarás o tabernáculo do testemunho, porás nele a arca e estenderás o véu diante dela [...] Estará nele o candelabro e o altar de ouro [...] colocarás a bacia de cobre que encherás de água, entre o altar e o tabernáculo [...] (BÍBLIA, Êxodo, 26-40)

Ao observarmos o Tabernáculo descrito no livro do Êxodo, somos capazes de traçar as mais diversificadas associações que agruparam, sob tal cosmograma, o povo hebreu, bem como o modo de existência que organizaram para si: nomadismo, tecnologias, regime alimentar, ofícios, ferramentas e materiais de que dispunham para a confecção desses objetos.

Clifford Geertz (1989, p.7) também recorre à noção de cosmograma quando o compara a uma descrição “densa” de um povo. A ideia de adensamento reflete o que acontece com as redes de associações: quanto mais conexões somos capazes de traçar, quanto mais coisas heterogêneas são ordenadas e acopladas em um certo projeto de mundo, mais densa torna-se a

rede que conforma esse mundo. E o contrário também pode acontecer: alguns cosmogramas podem se negar a explicitar o ordenamento de mundo que seu coletivo quer compor em um modo de vida comum. Algumas vezes o cosmograma não revela claramente a descrição compartilhada e revisável da cadeia de argumentos que o definem. É o caso do *Refettorio* Gastromotiva, que, como veremos adiante, não permite, através de seus cosmogramas, que nos orientemos no espaço de controvérsias próprias das redes agroalimentares. É difícil formar uma opinião sobre as questões de interesse, sobre o que está em jogo, quando um coletivo insiste em se identificar com um mundo que é, ao mesmo tempo “inteiramente dotado e [...] de forma nenhuma dotado de uma dimensão normativa”, tentando assim obter um “acordo indiscutível de paz” em questões que são bastante discutíveis e discutidas em outros coletivos como o Terra Crioula e os movimentos camponeses. (LATOURE, p.63, 2020).

O mapeamento das controvérsias que habitam as redes agroalimentares é o que tornará visível, nesta pesquisa, as próprias redes cartografadas. Para tanto, Latour pede a seus alunos que façam o exercício de reconstituir

[...] os cosmogramas das diferentes partes que participam da controvérsia. [...] *descrever as associações de conveniência, de coexistência, de oposição e de exclusão entre seres humanos ou não humanos cujas condições de existência vão pouco a pouco se tornando explícitas no transcurso das provas submetidas pelas disputas.* (LATOURE, p.116-117, 2014, grifo do autor)

Não se trata, portanto, de identificar valores ou visões de mundo estanques e distintas: a reconstituição dos cosmogramas importa, sobretudo, quando estamos diante de um novo acontecimento, de uma incerteza, de uma controvérsia, quando devem ser traçados e retraçados, para o próprio coletivo, no calor da discussão entre aliados e oponentes, “a rede completa daquilo em que creem e daquilo que lhes importa. Traçar os cosmogramas significa se tornar sensível a essas listas de associações (...)”. (LATOURE, p.117, 2014)

A noção de cosmograma é particularmente útil para comparar redes, nos orientando no mapa das controvérsias em questão para os coletivos comparados. É o que será feito nos próximos capítulos com as redes traçadas a partir dos dois casos encontrados na Rua da Lapa. Como já foi dito, um cosmograma é algo muito concreto e prático e podemos olhar para qualquer materialidade ou visualidade de um ou de outro caso para, a partir desse objeto, traçar conexões que dão existência às refeições ali servidas. Yaneva (2012) também lança mão na noção de cosmograma para descrever de forma densa os projetos de alguns objetos arquitetônicos. Entender um prédio como um cosmograma é entendê-lo como uma teia de motivos e argumentos que aglutinam pessoas e coisas para que a existência desse prédio aconteça.

1.5 Mapa de controvérsias

Rastrear os vínculos, embora pareça simples, não facilitará a vida de nenhum pesquisador que se disponha a fazê-lo. Na tentativa de tornar a teoria ator-rede um conhecimento mais possível de ser transmitido, alguns autores apresentam a *cartografia de controvérsias* como uma versão didática da teoria ator-rede. Venturini (2010, p.265), ao reconhecer que cartografar controvérsias não demanda protocolos metodológicos específicos, descreve a cartografia como mais uma técnica na caixa de ferramentas do pesquisador da teoria ator-rede. De fato, apenas observar os vínculos que conectam redes de atores tendo como rastro a seguir a dinâmica das controvérsias que nela são negociadas não é uma tarefa tão simples como sugere Latour (2005, p.144). A observação não se torna mais pura quando despida da proteção dos protocolos (VENTURINI, 2010, p.260); pelo contrário, ela se abre mais ainda a todo tipo de interferências e impurezas. É a observação “contaminada” que permitirá enxergar a teia de agentes implicados na controvérsia observada. Uma controvérsia é uma incerteza compartilhada por atores que descobrem que não podem mais ignorar-se mutuamente. São nelas que as mais heterogêneas relações se estabelecem, revelando a rede em sua mais dinâmica forma.

As controvérsias não existem isoladas nem se restringem aos poucos atores entre os quais foi percebida. Controvérsias costumam existir dentro de outras disputas maiores, assim como também podem conter disputas menores. Ao diferenciar as muitas camadas existentes em uma controvérsia, Venturini (2010) esclarece que as “ideologias” são como “cosmos” dentro dos quais controvérsias acontecem. As partes interessadas entre as quais se observam controvérsias, têm, cada uma, a ideia de um mundo funcionando com elas incluídas. Não é porque uma parte se insurge contra o *mundo como ele é* que ela não tem, entre as suas ideias, aquela de um *mundo como deve ser*: o cosmos, a ordenação de coisas em uma realidade.

Quando começamos a seguir os desdobramentos de uma controvérsia é possível que algum fio nos leve a disputas bem maiores do que aquela por onde se iniciou o traçado: o que está em jogo são visões de como deve ser o mundo ordenado em uma realidade. Disputas maiores, na teoria ator-rede, não quer dizer disputas que englobam outras disputas menores; maior é entendido como “mais conectado” (LATOURE, 2020, p.218). Para nossos interesses teóricos, importa notar que as ideologias não flutuam em um campo mental, cultural ou social desconectado das materialidades. O que a teoria ator-rede permite compreender é que o “todo” é só mais uma parte. As ideologias são partes de redes tanto quanto sementes,

empresas e pessoas. Elas precisam “escoar” tanto quanto os produtos agrícolas vendidos no espaço de comercialização Terra Crioula, ou como a energia que depende de uma rede elétrica para circular e se distribuir.

A vantagem do termo, apesar de todas as críticas, é que [uma rede] pode ser facilmente representada materialmente (falamos de redes de esgoto, redes elétricas, redes de espiões); que ela chama atenção para o fluxo sem fazer confusão entre o que flui e o que torna possível a fluência (um oleoduto não é feito “de” gasolina tanto quanto a internet não é feita “de” e-mails); e, finalmente, que ela exige tal grau de continuidade que uma interrupção mínima pode ser suficiente para quebrar o sistema (um vazamento no oleoduto força o operador a desligar as válvulas; uma variação de três metros em uma zona com *wi-fi* pode resultar em uma conexão perdida: não há mais “cobertura de rede”). (LATOUR, 2019, p.38)

Embora Latour procure diferenciar seu uso técnico de “rede” do uso leigo que fazemos no dia-a-dia quando falamos, por exemplo, da rede elétrica, ele também aproveita essa conotação leiga na construção de sua teoria. O exemplo da rede que distribui o gás do subsolo da Sibéria até o fogão de alguém na França é usado para explicar o que uma interrupção no fornecimento de gás pode fazer com a consciência que a rede tem de si mesma. Se o gás deixa de ser entregue nos fogões, somos levados a percorrer de volta o conjunto de elementos que têm que ser urdidos para que haja a retomada do fornecimento.

O leitor previu esse vínculo entre a Ucrânia e o cozimento do seu risoto? Não. No entanto, acaba de descobrir. Se isso lhe acontecer, provavelmente perceberá com alguma surpresa que era necessário *passar pelos* humores do presidente da Ucrânia para dispor novamente de gás sob sua panela... (LATOUR, 2019, p.39, grifo do autor)

As interrupções ou desestabilizações na rede são oportunidades de se conhecer os caminhos que conectam seus diferentes elementos. Seguir controvérsias que se desdobram é um método, um caminho explicativo sobre a realidade em construção. A cartografia de controvérsias foi usada pela arquiteta e professora Albena Yaneva (2012) para explicar projetos arquitetônicos, o que torna sua pesquisa especialmente interessante para quem se lança no exercício de pensar atividades projetuais pela lente da teoria ator-rede. Em sua pesquisa, é possível flagrar o quão diluídos na rede sociotécnica os pressupostos sujeitos-arquitetos podem se encontrar; chegando ao ponto de não se saber mais a quem atribuir exatamente a autoria dos projetos. Assim também podemos falar dos projetos de produtos, serviços e visualidades comumente atribuídos a sujeitos-projetistas-designers.

Os problemas não-norteados que permeiam os processos projetuais foram percebidos por Yaneva (2012) na ação coletiva de humanos e não-humanos quando conectados em função da existência de edificações. Os projetos arquitetônicos/urbanísticos são descritos como resultado do esforço estabilizador de uma rede de agentes sobre suas controvérsias. Na descrição do processo projetual que resultou na construção da *Opera House* em Sydney,

Austrália, por exemplo, ela inclui, junto com o arquiteto Jørn Utzon ganhador do concurso de projetos, o escritório de engenharia, os governantes, os cidadãos pagadores de impostos e seus protestos, o software que possibilitou a construção das formas em arco do teto do edifício e até “o forte ego” do arquiteto premiado entrou no rol de atores responsáveis pela existência do marco arquitetônico.

Quem tornou possível essa construção? Jørn Utzon? Arup? O *Labour Government*? Cidadãos australianos pagadores de impostos? Para abordar a questão de "quem", geralmente isolamos o virtuosismo tecnológico do conceito de política local. Mas por que fazer isso? Como podemos destilar a ambição de Sydney de obter um edifício histórico dos protestos nas ruas contra a demissão de Utzon, do forte ego do arquiteto, das comprometidas soluções de engenharia criadas pela empresa *Ove Arups*? Será que ainda podemos simplesmente dizer que Utzon projetou a *Opera House* em Sydney?⁵ (YANEVA, 2012, p.49, tradução minha)

Em uma rede, cada ponto de contato pode ser uma fonte de conflito ou de harmonia. Uma rede estável, contínua e assim mantida é só mais um caso, um tanto especial, de rede de associações heterogêneas. Privilegiar a harmonia em relação ao conflito é esquecer todos os casos em que a rede se descontinuou, se desestabilizou, se controverteu. A ênfase nas controvérsias se explica então por serem nestes pontos de contato, onde as conexões não são estabilizadas, que os limites, os atributos, o que é ou não aceitável, as fontes de incerteza são negociados. É pelos pontos conflituosos que é possível enxergar e traçar as linhas de associações. Por isso as controvérsias merecem especial atenção nos processos de traçar as redes de agentes que constroem a realidade observada.

Nas descrições que a autora faz dos processos projetuais que trouxeram à existência objetos como a Torre Eiffel ou o aeroporto de Heathrow é possível compreender a diluição do sujeito-projetista em uma teia de agentes. Ela chega a usar recursos gráficos/digitais/visuais para tornar visível a teia de nós em que a arquitetura se processa (Figura 07). Assim como Latour, Yaneva inspira-se na definição de cosmograma usada pelos antropólogos Clifford Geertz e John Tresch: "um texto que resulta em uma prática concreta e um conjunto de objetos que tecem juntos um completo inventário ou mapa do mundo" (*ibidem*, p.67, tradução minha). Os cosmogramas incorporam as relações entre os humanos, a natureza e o mundo comum que eles compartilham; cosmogramas “estabelecem a relação entre diferentes domínios ou níveis ontológicos”; eles "implicam uma ecologia" de coisas interconectadas e interdependentes (Tresch, 2005, 2007 *apud* Yaneva, 2012). Os implicados no projeto de

⁵ Who made this building possible? Jørn Utzon? Arup? The Labour Government? Australian taxpayers? To tackle the question of ‘who’ we usually isolate the technological virtuosity of the concept from local politics. But why do we do this? How can we possibly distil Sydney’s ambition to get a landmark building from the street protests against Utzon’s resignation, from the architect’s strong ego, from the compromise engineering solutions devised by Ove Arups’ company? Can we still simply say that Utzon designed the Opera House in Sydney?

apresentados juntos em um desenho? Como (...) tornar observáveis os múltiplos cosmogramas que estão em circulação? Como (...) reunir práticas e objetos que tornam um cosmos visível? Como podemos desenhar uma descrição "densa" de um edifício para fazer justiça a ele como uma "coisa" cósmica? Como podemos visualizar não o que é um edifício e o que ele significa, mas o que ele faz e quais mundos ele é capaz de viabilizar?⁶ (YANEVA, 2012, p.67, tradução nossa)

A atividade projetual é um tipo de conector de elementos heterogêneos que, sob certa organização, dão existência à coisa projetada. Modelar conceitualmente algo a ser construído assemelha-se a uma descrição densa, que considera a diversidade de fatores implicados no projeto. A cartografia de controvérsias que Albená Yaneva usa para falar de arquitetura é mais uma referência teórica e metodológica para a tarefa aqui proposta de traçar as redes que se formam em função de plantar, distribuir e consumir comida. Se encararmos essas redes como algo projetado pelos atores que nela se enredam, podemos incluir nelas também o sujeito-projetista, o designer, na conotação mais usual do termo. Design é mais do que edifícios, produtos, sistemas, materialidades ou visualidades: através do cuidadoso mapeamento das teias de entidades das quais os projetos são feitos pode-se testemunhar o poder que atividades projetuais têm para modificar os contextos nos quais acontecem.

1.6 O método cartográfico

As *pistas do método da cartografia* são o resultado de seminários mensais acontecidos entre 2005 e 2007, nos quais professores e pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro se reuniram para discutir e escrever os textos organizados em livro na forma de *pistas*. O debate metodológico pensou e discutiu formulações mais adequadas para os problemas de pesquisa, condensando as questões em “como investigar processos sem deixá-los escapar por entre os dedos” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 8).

O método cartográfico, junto com a cartografia de controvérsias e a teoria ator-rede, ajudam a explicar mais um pouco do método de conhecer e falar sobre as coisas a partir de

⁶ How can steel, wind, high construction and the worlds that humans shared with them to shape this building be presented together on a drawing? How can we gather the actors and concerns expressed in Brooks' movie together and make observable the multiple cosmograms that are in circulation? How can we collect, familiarize and draw together the practices and objects that make a cosmos visible. How can we draw a 'thick' description of a building to give justice to it as a cosmic 'thing'? How can we visualize not what a building is and what it means but what it does and what worlds it is able to enact?

suas descontinuidades. As redes agroalimentares, compreendidas agora como processos, serão objeto de uma estratégia investigativa oposta aos “métodos de representação de objetos preexistentes” (*ibidem*, p. 9), uma vez que a realidade se apresenta como um plano composto por elementos heterogêneos, agrupados por forças que se estabilizam provisoriamente e nos convencem da “universalidade do mundo a nossa volta.” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009, p. 95) O que se pretende pesquisar é o movimento, o jogo das forças, o que “está em vias de ser”, em oposição ao que “é”:

Como estudar processos acompanhando movimentos, mais do que apreendendo estruturas e estados de coisas? Investigando processos, como lançar mão de um método igualmente processual? Como assegurar, no plano dos processos, a sintonia entre objeto e método? (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 8)

Diante das redes de entidades implicadas no sistema agroalimentar, a ideia de representar ou revelar alguma estrutura supostamente oculta aos olhos dos implicados parece não dar conta de toda a dinâmica que tais redes carregam. Tomar o mundo como um fornecedor de informações prontas a serem descobertas ou tomá-lo como uma invenção, conjuntamente com o agente do conhecimento, definem atitudes cognitivas contrastantes que se revelam em diferentes atitudes atencionais. O pensamento é chamado a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa, em vez de criar representações. O sentido da cartografia é, portanto, “o acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. É um método não para ser aplicado, mas assumido como atitude.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 11).

Escrever o texto de uma investigação sobre as redes agroalimentares exigirá, como qualquer pesquisa, a definição de uma forma de expressar o que se passa, o que acontece nos processos da realidade das redes que fazem a comida existir. A forma de expressão é um posicionamento assumido em relação ao mundo por quem o investiga. É o que Passos e Barros (2009, pp. 150-151) explicam sobre a “política da narratividade”, deixando claro que “toda produção de conhecimento se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente.” Somos, enquanto narradores e explicadores da realidade que observamos, partes interessadas na construção dessa realidade. É, portanto, a partir de uma posição narrativa de alguém francamente interessada e implicada na ordenação de redes de produção de alimentos que falarei a respeito dessas redes. A palavra “política” diz respeito à vida e às atividades organizadas nas cidades (*polis*) e relaciona articuladamente sujeitos segundo regras ou normas não necessariamente jurídicas ou legais. Há uma ligação com o poder, porém, o governo do Estado, os poderes constituídos e os políticos – pessoas, eleitas ou não, que se ocupam mais evidentemente com tal governo – são apenas um aspecto da política, pensada

não mais a partir de um centro de poder – o Estado, um grupo de governantes – mas feita em arranjos locais e por microrrelações, indicando que há uma micropolítica que permeia as relações de poder cotidianas. (PASSOS; BARROS, 2009, p.151). É nesse sentido que as *pistas* do método cartográfico se apresentam como política – cognitiva, narrativa e epistemológica – pois ao conhecer, falar e construir conhecimento sobre algo, tomamos uma posição em relação ao objeto, ao mundo e a nós mesmos, o que faz com que o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos, do mundo e dos objetos não seja apenas um problema teórico, mas um problema político.

1.7 Design como rede

Projetos de design lidam com problemas complexos, nos quais diferentes aspectos se encontram imbricados. O reconhecimento da complexidade dos problemas tratados pelo pensamento projetual lhes confere uma natureza desnorteadora, capciosa, que desafia aqueles que se engajam em atividades projetuais. É desse desafio que emerge a percepção do processo projetual como uma atividade que envolve a mediação de muitas coisas, não podendo ser reduzida à racionalidade de um designer, de um cálculo, ou de leis da natureza. É preciso incluir, no projeto das redes, os mais numerosos e diferentes projetistas que nelas atuam, conformando-as continuamente.

A idéia de projeto, em torno da qual se dá a maioria dos debates do campo do design, pode assumir ares de controvérsia quando o pressuposto *sujeito projetista autônomo realizador da ação de projetar* é questionado e dissolvido em uma rede heterogênea de atores conectados e implicados no processo projetual. A noção usualmente empregada para explicar o que é e o que faz um designer é a de que ele é um sujeito humano autossuficiente, que projeta de forma intencional, direcionando sua ação sobre o mundo e usando, para isso, suas faculdades mentais específicas – criatividade, imaginação, razão instrumental – junto com certos métodos “de design”. A ação projetual de tal sujeito produziria uma solução para algum problema do mundo. Uma produção que foi importante na consolidação de nossa atual compreensão do *sujeito projetista resolvidor de problemas* é o livro *Design Methods*, de 1970, no qual o designer galês John Christopher Jones sistematiza métodos projetuais. Em tal publicação é possível ler definições sobre uma suposta “essência do design” que poderia ser resumida a um “método padrão ou receita válida para todas as situações.” (JONES, 1970, p.3)

Essa pressuposto e permanente *alguém* que projeta as coisas e resolve problemas raramente foi questionado e pode ser constatado, ainda hoje, sessenta anos depois da Conferência sobre Métodos Sistemáticos e Intuitivos em Engenharia, Design Industrial, Arquitetura e Comunicações, na literatura contemporânea sobre *design thinking*:

O designer enxerga como um problema tudo aquilo que prejudica ou impede a experiência [...] e o bem-estar na vida das pessoas [...]. Isso faz com que sua principal tarefa seja identificar problemas e gerar soluções. (VIANNA et al., p.13, 2012)

Pressupor um sujeito projetista identificador de problemas e criador de soluções por trás de toda ação projetual é uma abordagem tradicional, comum e se mostra frutífera em termos práticos. Não há, portanto, motivos para que essa forma de pensar o design seja refutada em bloco. Acontece que, simplesmente pressupor que certas faculdades mentais, como a imaginação criativa, junto com certos métodos de design expliquem a toda e qualquer ação projetual, pode ser problemático em termos teóricos. Embora útil, tal abordagem é rasa, pois, na medida em que os pressupostos sujeitos projetistas permanecem inquestionados, poucos aspectos da realidade são considerados e as compreensões estreitas são assumidas como regra.

Projetos associam pessoas e coisas diversas, conectando-as em certo ordenamento cujo efeito é a coisa projetada. Reconhecer que aquilo que nos conecta em forma de “sociedade” não é o “social” mas as “associações”, é também incluir, entre nossos conectores, coisas como projetos, sejam de edificações ou de produção de alimentos, realizados no mundo material. Em um conceito expandido de design, defende-se que seguir, rastrear, visualizar e mapear como as conexões se espalham e se vinculam em função da existência de algo específico como um edifício, um produto, uma visualidade ou uma materialidade específica como um prato de comida, pode nos fornecer outros diferentes modos de compreensão tanto da atividade coletiva de projetar o mundo como da atividade específica das pessoas que se ocupam daquilo que mais comumente entendemos como projeto de design. O abandono da ideia de que há um sentido unidirecional e proposital da ação humana sobre o mundo material abre novas possibilidades de abordagens para os problemas projetuais e rearticula a própria definição do campo. Ao compreender um projeto como um processo cuja agência está diluída em redes que conectam humanos e não-humanos de diferentes maneiras, a pesquisa em design assume, entre suas principais tarefas, aquela de explicitar a rede que atua na conformação de um objeto qualquer.

A troca de ênfase do *sujeito* projetista para a *rede* projetista é acompanhada pela mudança do foco, que sai do *resultado* do projeto e se volta para o *processo* projetual, não

mais pensado a partir de presumidas escolhas autônomas feitas por um sujeito que projeta, mas sim pensado a partir da ideia de rede, que não existe por trás ou subjacente ao projeto: a rede coloca o movimento em primeiro plano e nele se estabelece como um sistema precário, porém ativo, de conexões variantes.

O processo de conformação de “coisas” em redes pode ser visto como um projeto amplo e impessoal, que, embora não seja controlado por ninguém, conecta-se, inclusive, com projetos no sentido mais comum do termo — aquele direcionamento intencional de ações produtivas. Um projeto de design é parte de uma rede complexa à qual o projetista não tem acesso imediato, consciente, no momento em que projeta. Na construção de conhecimento sobre design, a teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias servem para falar dos diversos elementos conectados que formatam o mundo existente. Conceber e falar sobre os muitos e diferentes desfechos para as controvérsias que movem as redes agroalimentares é uma atividade projetual crítica e um modo de investigar, de conhecer e de explicar o mundo através dos processos que criam e produzem as materialidades e visualidades desse mundo.

A noção de cosmograma também pode animar as discussões sobre os projetos de design como processos coletivos de composição de um mundo comum. Por ser algo concreto, prático e que remete diretamente a um certo ordenamento de mundo, um cosmograma será útil para seguirmos as necessárias estabilizações que organizam em rede a coleção de elementos heterogêneos que lhe dá existência. Além disso, a noção de cosmograma permitirá uma maior politização da atividade projetual, já que explicita de forma inequívoca as questões de interesse que agrupam certas pessoas e certas coisas sob certo projeto de realidade, reunindo-as em uma espécie de assembleia cujo efeito é um projeto de mundo.

A identificação e visualização daquilo que está em jogo na assembleia projetual da existência coletiva é uma tarefa para designers, conforme provocou Latour em 2008 (2014, p.19) em sua fala no encontro *Networks of Design*, da *Design History Society*. Ao entender design como a atividade de designar ou de “agrupar através de um desenho”, ele pergunta “como podemos agrupar através do desenho as questões de interesse de modo a oferecer para as disputas políticas uma visão geral” ou ao menos indicar as controvérsias em que estaremos implicados a cada vez que houver partes interessadas em “modificar os detalhes práticos de nossa existência material”. Será possível desenhar em um espaço visualmente coerente a natureza contraditória e controversa das questões de interesse?

No caso das redes agroalimentares estamos diante não apenas de um detalhe prático, mas de um aspecto bastante central da existência que projetamos em conjunto. Nos próximos capítulos veremos como algumas partes declaradamente interessadas nas questões

agroalimentares se apresentam, ora num dissimulado esforço de manutenção de certas estabilizações que fazem questões de interesse parecerem questões de fato, ora numa ruidosa atuação que insiste em discutir pretensas questões de fato transformando-as em disputadas questões de interesse.

1.8 Representações visuais das redes

Como apresentar graficamente, em um espaço visualmente coerente, toda a heterogeneidade de uma rede de conexões que faz um objeto existir em uma realidade compartilhada? Essa é uma pergunta que acompanha muitos pesquisadores que se valem da teoria ator-rede como abordagem teórico-metodológica. O que suas pesquisas nos mostram é que as redes podem ser satisfatoriamente descritas na forma de textos, e que também podem, eventualmente, contar com imagens - gráficos, diagramas, desenhos - como um suporte da descrição textual de algum objeto quando explicado por meio de suas controvérsias, estabilizações, conexões, desconexões, negociações e processos associativos próprios daquilo que está sendo descrito.

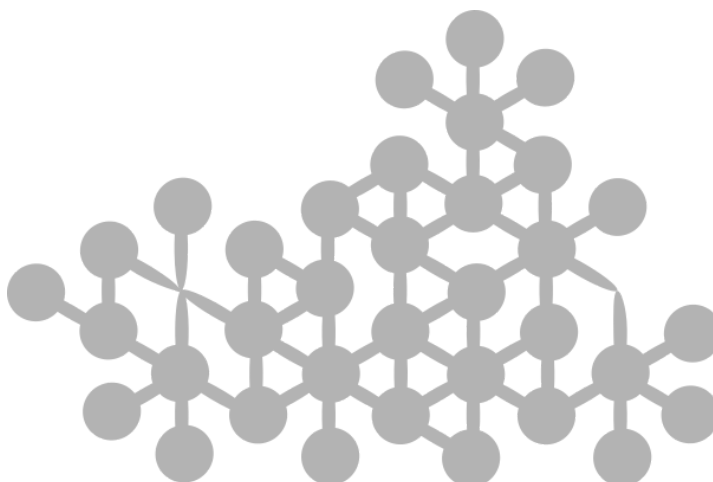
Entre os exemplos de representações visuais encontradas através de buscas na internet por palavras-chave como “cartografia de controvérsias”, “teoria ator-rede” e expressões equivalentes em inglês, encontram-se imagens de grande complexidade, que se valem de formas, cores, linhas e manchas para traduzir em uma linguagem gráfica a dinâmica processual pela qual os atores-rede ganham existência. Na Figura 08 há quatro dos muitos exemplos de formas gráficas que a descrição de redes sociotécnicas e seus processos de estabilização de controvérsias podem assumir nos inúmeros trabalhos que se utilizam da teoria ator-rede e da cartografia de controvérsias.

Os trabalhos fazem também, na maioria das vezes, menção às ferramentas, aos *softwares*, aos aplicativos e aos *plugins* que permitiram a geração dos gráficos, sendo, inclusive, perceptível a atualização tecnológica dessas ferramentas ao longo do tempo: nos trabalhos mais antigos são mencionados recursos que vão, progressivamente, sendo substituídos por outros mais atualizados nos trabalhos mais recentes.

podemos perceber, em alguns documentários jornalísticos e reportagens investigativas, uma proximidade conceitual e de linguagem com a teoria ator-rede e o mapeamento de controvérsias.

Aqui nesta pesquisa optei por uma forma de descrição gráfica dos atores-rede que não é gerada por nenhuma ferramenta especialmente voltada para isso. São desenhos produzidos em um *software* gráfico vetorial de código aberto baixado gratuitamente pela internet. Para marcar os atores na rede usei, igualmente, imagens da internet, muitas delas já aparecem na tese como figuras ilustrativas do texto, me fazendo perceber que uma leitura possível da tese é feita só pela lista de figuras que nela aparecem. As imagens são “recortadas” em forma circular de modo a ganharem certa uniformidade - necessária quando lidamos com coisas tão heterogêneas - e esses recortes são arranjados sobre uma malha hexagonal previamente desenhada (Figura 09).

Figura 09 - Modelo descritivo-visual das redes



Legenda: Atores-rede ordenados sobre malha hexagonal
Fonte: a autora, 2022.

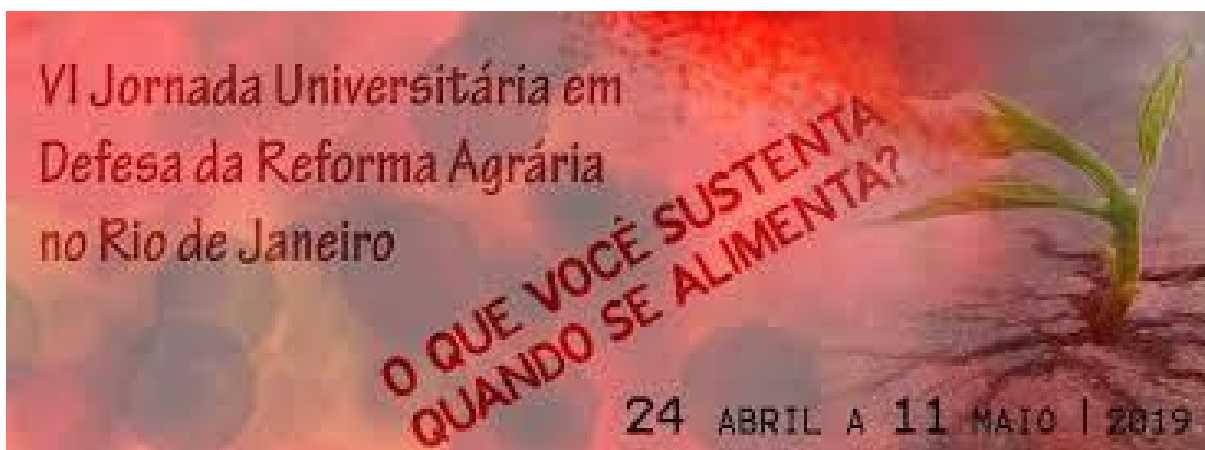
O gráfico assim construído deve apagar as separações entre “rede” e “ator”, de modo a ser compreendido como um único objeto, ou *quasi*-objeto, como prefere Bruno Latour (2019), que defende esse como um modo muito mais social, fabricado e coletivo de falar sobre coletividades heterogêneas do que os objetos “duros” da natureza com os quais insistimos em comparar nosso “social”. Os gráficos aqui construídos não são, de forma alguma, receptáculos arbitrários de toda a rede de coisas e pessoas aglutinadas e ordenadas em função de nossa alimentação. Suas bordas são incertas, suas conexões são variáveis, sua forma visível é instável e pode se alterar, inclusive, em função de quem a descreve.

A malha hexagonal, assim como os recortes circulares, tem a função de emprestar certa regularidade ao traçado das conexões. Ela também tem suas limitações enquanto forma de representar a rede: as conexões diretas possíveis se restringem a seis. Cada ator, quando organizado nessa representação, não pode estar diretamente conectado a mais do que seis outros atores. Uma forma de contornar essa limitação é a de fazer, quando necessário, conexões indiretas. A malha hexagonal, entretanto, permite subtrair alguns traços-conectores, aceitando um certo grau de variação dentro de sua regularidade. Nem todos os atores estão, necessariamente, conectados a seis outros: alguns se conectam a apenas mais um outro, ou a dois ou a quatro... A descrição visual aqui adotada tem, como muitas outras, a necessária presença do texto para apoiar a explicação daquilo que ela sozinha não explica. O texto e a imagem são os apoios a que podem recorrer mutuamente para serem compreendidos.

2 O QUE VOCÊ SUSTENTA QUANDO SE ALIMENTA?

Ações, mesmo as mais triviais, se inserem em uma rede que as torna possíveis. Produção, circulação e consumo de alimentos mobilizam redes planetárias estabelecendo conexões entre coisas tão variadas quanto genética das sementes, condições de acesso à terra, subsídios, pessoas, máquinas, leis, vias, veículos, embalagens, acordos, água, universidade, combustível, energia, e tudo mais que atua no processo por meio do qual a comida chega até o prato e, com a ação de talheres e um treino de boas maneiras, até nossa boca. A teia de agentes mobilizada não tem centro, começo ou fim. Há muitas e diferentes redes organizadas para que a comida exista; em alguns casos, elas se definem com mais clareza, as conexões são visíveis, traçáveis.

Figura 10 – O que você sustenta quando se alimenta?



Legenda: Imagem de divulgação da VI Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária.
 Fonte: <<https://www.facebook.com/TerraCrioulaMST/posts/445389936214992/>> Acesso em mar.2020

Na Figura 10, a pergunta que dá título ao capítulo e à tese aparece em uma imagem de divulgação da VI Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA), evento que ocorre “entre os meses de abril e maio em diversas Universidades no Brasil, com o objetivo de ampliar o debate sobre a importância da Reforma Agrária Popular, da luta pela terra e da alimentação saudável, livre de transgênicos e agrotóxicos..”⁷. A pergunta é um convite para estendermos nosso pensamento sobre comida aos processos que conformam as redes de coisas e pessoas mobilizadas para que a comida exista, além de incluir “você”, a pessoa que “se alimenta”, como mais um ator na rede, evidenciando o quanto nossas escolhas e decisões

⁷ Em < <https://www.facebook.com/JURANAUF RJ/about> > Acesso: maio 2020.

sobre o que comemos ou não comemos são igualmente parte ativa na rede múltipla e diversa que torna realidade a refeição a nossa frente. O fato de ser um evento “em defesa da reforma agrária” esclarece que, quem ou o quê se encontra agregado sob a JURA, defende reformas no sistema de propriedade da terra onde a comida é cultivada. Comida livre de transgênicos é outro critério de inclusão nesta rede que leva em consideração o material genético das sementes das quais nasceu a comida. E, por fim, livre de agrotóxicos, determina que a ausência de substâncias que matam as coisas consideradas pragas em lavouras de comida é outro crivo para agregar ou não atores nessa rede. A pergunta “o que você sustenta quando se alimenta?” provoca pensamentos sobre as diferentes agências implicadas na existência da comida. Grande parte da realidade na qual se vive é conformada pelo modo que produzimos, distribuimos e consumimos nosso alimento, o que faz da maneira como organizamos tal produção de comida algo relevante quando se trata de organizar toda e qualquer vida em grupo. Pessoas que se engajam em composições de mundo comum terão, entre suas mais inevitáveis questões de interesse, a questão da comida.

Sistemas agroalimentares vêm a ser objeto de debates em muitas áreas, a exemplo da Jornada Universitária já mencionada, na qual Universidades públicas de todo o Brasil – e não apenas certos cursos de certas áreas de conhecimento – aparecem como participantes. Como apresentado na Introdução, o objeto de nossa investigação são os processos que dão forma a certas redes nas quais nossa alimentação é viabilizada. Ao usarmos, para isso, a teoria ator-rede, oferecemos às atividades projetuais – aqui chamadas de 'design' –, e também aos debates sobre redes agroalimentares, uma maneira a mais de conhecer, pensar e falar sobre os processos de construção de realidades, processos nos quais pessoas e coisas se conectam, participando como agentes em projetos de mundos. Naturalmente, atividades projetuais específicas — como aquelas que mais frequentemente são enquadradas sob a alcunha "design" — podem ocorrer durante tais processos de construção da realidade: o projeto de uma marca, de um mobiliário, ou de um serviço, por exemplo, bem como projetos arquitetônicos, projetos de iluminação ou projetos de obras de arte são elementos importantes em ambos os casos escolhidos para o início de uma investigação sobre os modos de projetar realidades, especialmente a realidade da comida. As duas instituições localizadas uma defronte a outra na Rua da Lapa – o *Refettorio* Gastromotiva e o espaço de comercialização Terra Crioula – nos permitirão acessar redes de produção, circulação e consumo de comida que, além de significativamente distintas, são bons casos para pensar sobre o que sustentamos quando nos alimentamos.

O conhecimento construído sobre as conjugadas entidades necessárias à existência de nossa comida depende de uma maneira concreta de expressá-lo e os relatos que serão apresentados adiante são parte de uma maneira de falar sobre essas redes de entidades. A teoria ator-rede tem muito a contribuir para a pesquisa acerca das coisas com as quais nos relacionamos no cotidiano. Arendt (2008, p.7), ressalta que a ênfase do posicionamento epistemológico-metodológico da teoria ator-rede incide mais evidentemente no ‘como’ da pesquisa. Uma vez que a fonte de dados provém do cotidiano em suas articulações e proposições, pesquisadores alinhados com a teoria ator-rede privilegiam *modos* de falar sobre esse cotidiano que acabam por recair na descrição de redes sociotécnicas. Com a teoria ator-rede, é possível descrever coisas que não se parecem com uma rede — um prato de comida, uma semente, um ato político, uma camiseta, um logotipo — mostrando como elas, inevitavelmente, participam de uma rede na qual ganham seus contornos e identidades, ou seja, certa “estabilidade”. Ao mesmo tempo, a teoria ator-rede permite descrever as coisas que normalmente são percebidas como redes - como as redes agroalimentares - de um modo pelo qual ainda não foram descritas, de forma mais densa, explicitando as diferentes entidades e conexões que a rede em questão organiza.

A teoria ator-rede diz pouco sobre a forma daquilo que está sendo descrito através dela. Lembremos dos exemplos das redes de distribuição de gás ou energia: falar sobre elas à luz da teoria ator-rede é falar pouco sobre o mapa que os gasodutos transcontinentais conformam e percorrem ou sobre o traçado das linhas de cabos e postes que levam eletricidade aos lugares mais distantes de onde essa eletricidade é gerada. Falar sobre essas redes nos termos da teoria ator-rede é falar sobre todas as coisas heterogêneas que se arranjam com alguma estabilidade para que o gás chegue num fogão e a eletricidade chegue numa lâmpada. No caso do gasoduto, Latour (2019, p.39) inclui os “humores do presidente da Ucrânia” entre os elementos conformadores da rede; no caso dos cabos de eletricidade, podemos incluir movimentos de pessoas atingidas pela construção de grandes barragens como exemplos de coisas que entram na composição da rede. A teoria ator-rede descreve os atores e o que eles fazem e essa descrição depende do que se entende por ator e do que se entende por agência. Não é suficiente estar conectado, interconectado ou ser heterogêneo para constituir uma rede nos termos da teoria ator-rede. A rede é descrita pelo tipo de ação que por ela flui.

Além de descrever como redes coisas que não são normalmente descritas como tal, os relatos de campo permitem falar a partir dos diferentes tipos de atenção que continuamente configuram e reconfiguram o campo sobre o qual se constrói o conhecimento. E a atenção de

quem observa as redes e as descreve é, igualmente, parte conformadora dessas redes. Nas próximas seções, apresentaremos relatos que tratam de coisas heterogêneas conectadas com um certo grau de estabilidade para que nelas circulem alimentos. Alguns dos relatos narram visitas presenciais aos dois imóveis da Rua da Lapa e registram não só a marcação dos atores-redes, mas também, conforme explica Vermesh (2020a *apud* Kastrup, 2009 p. 43-44), a “janela atencional” pela qual cada marca foi percebida. Outros relatos são observações sobre publicações na internet e redes sociais virtuais. A cada ida ao *Refettorio* Gastromotiva e ao espaço Terra Crioula, ou a cada foto, texto, comentário publicado na internet, o modo como minha atenção selecionou elementos nos quais pousar configurou e reconfigurou o campo continuamente, evidenciando que o direcionamento de minha própria atenção já se dá dentro de uma rede.

Voltando às metáforas do cartógrafo (ou da formiga, ver Capítulo 1), não se trata de se deslocar em um território conhecido, mas de produzir conhecimento ao longo de um percurso, o que envolve atenção e, com ela, a criação daquilo no qual se presta atenção. Os relatos transparecem a criação do campo perceptivo, pelas seleções que a atenção faz e também quando ela nada seleciona. Nos relatos, percebe-se que a atenção é continuamente calibrada em janelas. Em suas flutuações de escala, a atenção passeia por cinco “janelas-tipo” que vão da “jóia”, uma janela micro, “na escala do joalheiro, da bordadeira, do leitor minucioso”; à “paisagem”, que detecta e conecta em movimentos rápidos elementos próximos e distantes. Os relatos registram e expressam aquilo que a atenção foi capaz de recolher em suas dinâmicas modulações, o que vantajosamente inclui na conformação da rede agroalimentar atores muito variados e sem os costumeiros limites de centro, início ou fim.

Os relatos podem ser identificados como a parte da pesquisa que tradicionalmente chamamos de “coleta de dados”. Ocorre que, para a postura epistemológica adotada neste trabalho, não pode haver “coleta” de dados - no sentido de que os dados seriam retirados de uma suposta realidade independente e permitiriam desenhá-la tal como ela seria em si mesma. O que ocorre é uma produção de dados, e essa produção não é arbitrária. A metáfora de uma “colheita” de dados pode ser útil aqui, se imaginarmos que os dados podem ser cultivados pelo tipo de atenção que dispensamos ao campo de observação, uma vez que a observação e a atenção acontecem dentro da própria rede sobre a qual nos debruçamos. Os relatos de campo são, portanto, a expressão primeira da colheita de dados.

Começamos, então, a traçar o mapa das redes agroalimentares partindo desses dois estabelecimentos situados um defronte ao outro numa mesma rua no centro da cidade do Rio de Janeiro. Iniciamos o mapeamento a partir de uma controvérsia que envolveu as duas

instituições, juntamente com diversas redes implicadas no tema agroalimentar, na organização de um ato público nacional no início de 2019 acontecido em mais de 40 cidades no país: o Banquete Nacional pela volta do CONSEA. Por serem as controvérsias pontos nos quais as conexões entre atores-rede ainda estão em processo de estabilização, a controvérsia do Banquete do Rio de Janeiro permitirá enxergar o que se encontra em jogo na assembleia que reúne interesses e interessados quando a questão é comida. Olhar para o Banquete e tudo o que ele juntou no ato político nos permitirá traçar algumas conexões entre certos atores-redes que conformam e sustentam a nossa alimentação.

2.1 O Banquete

A disputa em torno da participação ou não participação da Gastromotiva em um ato nacional que reivindicou a volta do órgão assessor do poder executivo para questões agroalimentares foi a controvérsia de partida para o mapeamento das duas redes. De um lado, havia o interesse da Gastromotiva em participar do ato doando comida e figurando entre os atores apoiadores do ato. Do outro lado havia o grupo formado para organizar a ação, que questionou a presença da Gastromotiva entre os diversos apoiadores do ato pela volta do CONSEA federal (Figura 11).

Figura 11 – Banquete Nacional



Legenda: Imagem de divulgação do Baquete nacional pró-CONSEA

Fonte: <https://www.dab.org.br/project/banquetaco-em-defesa-do-consea-dab-marca-presenca/> Acesso em mar.2020

No dia 02 de janeiro de 2019, o recém-empossado presidente Jair Bolsonaro extingue, “com uma canetada”, o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA)⁸, órgão de assessoramento imediato à Presidência da República. 56 dias após Bolsonaro extinguir o CONSEA, uma ação acontece em âmbito nacional. No dia 27 de fevereiro de 2019, em mais de quarenta cidades brasileiras, milhares de refeições são servidas gratuitamente em praças públicas como um ato de protesto que ficou conhecido como “Banquetaço Nacional pela volta do CONSEA”. O Banquetaço foi um projeto de muitos.

A variedade de atores, entre humanos ou não, que se associou para concretizar o ato permitiu vislumbrar numerosas e heterogêneas conexões estabelecidas para que tenhamos comida em um prato à nossa frente. Toda essa variedade de atores que se juntou para reclamar a volta do CONSEA federal pode ser compreendida como partes interessadas na questão da alimentação. Uma das principais estratégias dessa rede de atores é manter a questão agroalimentar como uma questão de evidente interesse, abrindo a caixa-preta de uma rede que conjuga diversos elementos em função da existência de comida em nossos pratos. A essa rede interessa questionar, sobre a comida, coisas como tipos de sementes das quais a comida nasce, formas de cultivá-las, o regime de propriedade das terras onde se planta a comida, o adubo que se deposita na terra para torná-la mais produtiva, as substâncias usadas para controlar insetos ou outros vegetais indesejados na plantação, políticas de aquisição de comida para escolas públicas, comunicação entre a saúde pública e a população sobre o que é ou não recomendável comer.

O ato organizado pelos interessados na questão procurou engajar de forma ampla, incluindo todo ser humano consumidor de comida, o que não deixa praticamente ninguém de fora. O aspecto amplamente inclusivo do ato pode ser verificado nas imagens usadas para divulgá-lo (Figura 12). Na identidade visual criada para o ato nacional pró-CONSEA, vemos a predominância das cores laranja, preta, cinza e branca e a palavra “banquetaço” em uma fonte tipográfica que imita letras feitas com stêncil vazado sob um prato ladeado por talheres – um garfo e uma faca – e uma boca aberta no centro.

⁸<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/bolsonaro-muda-regras-e-retira-atribuicoes-do-conselho-de-seguranca-alimentar.ghml>> Acesso em maio de 2020.

Figura 12 - Divulgação do Banquetaço em estados e capitais do Brasil.



Legenda: Imagens para divulgar e convidar para o Banquetaço Nacional: (a) Salvador, (b) Rio de Janeiro, (c) Porto Alegre, (d) Florianópolis, (e) todas as cidades participantes, (f) Brasília, (g) Goiânia.

Fontes: (a) https://ufba.br/ufba_em_pauta/porto-da-barravai-ter-banquetaco-contra-extincao-do-consea

(b) <https://www.annaramalho.com.br/banquetaco/> (c) <https://www.sul21.com.br/colunas/selvino-heck/2019/02/um-banquetaco-contra-a-fome-e-pela-vida/> (d) <http://desacato.info/banquete-publico-e-oferecido-em-florianopolis-em-defesa-do-conselho-de-seguranca-alimentar-e-nutricional/whatsapp-image-2019-02-16-at-14-19-22/> (e) http://conseaminas.blogspot.com/2019/03/nota-de-agradecimento_4.html (f) <https://www.slowfood.com/pt-pt/slow-food-junta-se-ao-banquetaco-amanha/> (g) <https://sagresonline.com.br/extinto-pelo-governo-bolsonaro-conselho-sera-lembrado-em-banquetaco-em-goiania/>

Entre as aplicações da marca nas imagens de divulgação do ato nas cidades, vê-se uma liberdade nos *lay-outs* que admitiu regionalismos particulares das muitas cidades onde os protestos aconteceram: fitas do Senhor do Bonfim para a Bahia (a), duas listras verde e amarela para o Distrito Federal (f) e um padrão geométrico para Goiás (g). A aparência das letras feitas com stêncil vazado é vista em outras palavras além do nome do evento (a), (d), (g), reforçando a ideia de manualidade e autonomia nas organizações locais, muitas lideradas pelos CONSEAs estaduais. Pelo mapa (e) é possível ver que os Banquetaços não se limitaram a acontecer nas capitais dos estados e, embora os marcadores indiquem ocorrências em quase todos os estados, eles aconteceram em maior número na região sudeste.

Entre os atores-rede agrupados e ordenados pela rede em questão estão eu mesma e minha forma de prestar atenção nas coisas, assim como o modo como eu associo ideias a partir de imagens é também parte da rede. O tipo de atenção que eu dispensei às visualidades já é ela mesma parte implicada na rede que me ocupo em descrever, e é com essa atenção que

é possível traçar linhas de associação com outras imagens que acabam por funcionar como referências - formais e conceituais - para a marca do ato político. Esse tipo de associação destaca-se no modo de descrição próprio da teoria ator-rede, juntando numa mesma composição coisas muito diferentes umas das outras e traçando as linhas por onde flui a agência que conforma a rede. Nesse sentido, podemos traçar uma linha que associa a identidade visual do Banquetaço a um célebre cartaz projetado por Jan Lenica em 1964 (Figura 13). A marca e o cartaz têm cores próximas no círculo cromático: vermelho, rosa e a cor laranja, compartilhada pelos dois exemplos. A figura da boca aberta, em ambas as imagens, ocupa posição central em relação às bordas e aos outros elementos que há em torno delas. As motivações do Banquetaço para defender a alimentação da ameaça representada pela extinção do CONSEA também podem ser conceitualmente associadas tanto com as motivações do autor do cartaz como com as motivações do compositor da ópera que o cartaz anuncia.

Figura 13 - Cartaz de Jan Lenica, 1964

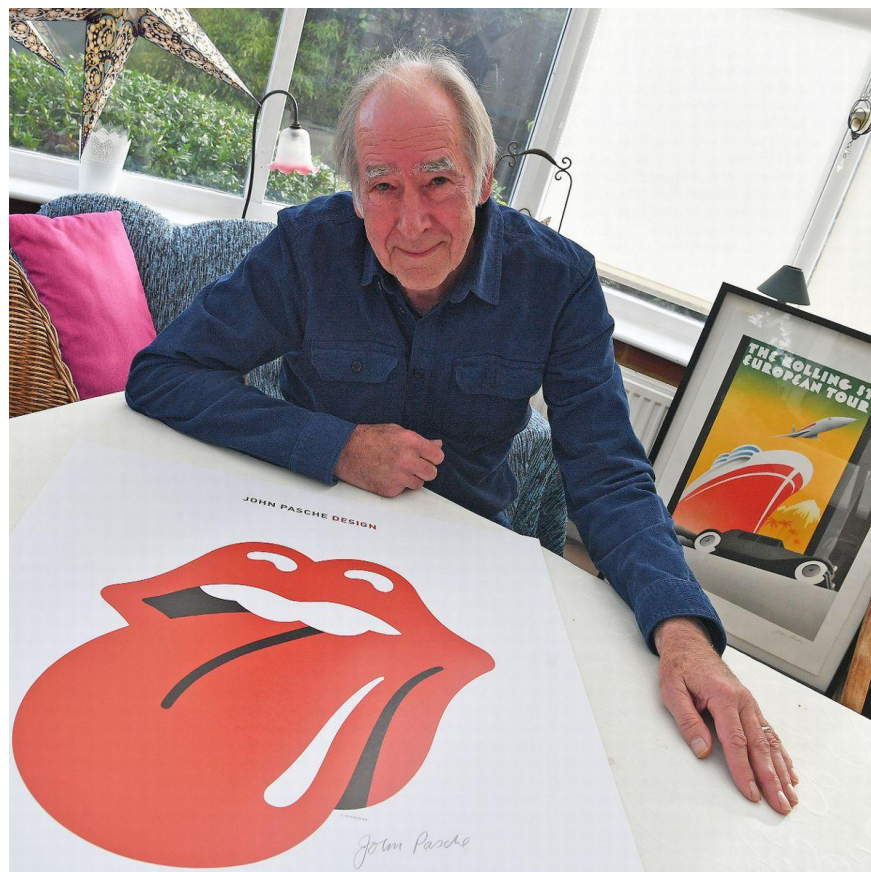


Legenda: Cartaz feito por Jan Lenica em 1964 para a ópera Wozzeck

Fonte: <<https://www.moma.org/collection/works/7203>> Acesso em março 2022

Obra do designer gráfico e cartunista polonês Jan Lenica (1928-2001), o cartaz divulga uma produção da Ópera Nacional Polonesa - *Wozzeck* - composta entre 1917 e 1922, pelo maestro austríaco Alban Berg, após ser autorizado a deixar seu regimento durante a Primeira Guerra Mundial . A ópera *Wozzeck* fala sobre “pessoas comuns lutando por dignidade diante do abuso e da brutalidade”, segundo a descrição do cartaz no *website* do *Museum of Modern Art* (MoMA), em Nova Iorque. Cerca de quinze mil desses cartazes foram impressos na Polônia e o trabalho ganhou medalha de ouro na primeira Bienal Internacional de Cartazes de Varsóvia, em 1966. A imagem da boca aberta que ocupa o centro de um prato associa o Banquete com pessoas comuns que lutam por dignidade ou com uma insubordinação a valores morais vigentes e outras questões de interesse usualmente evocadas pelas formas e cores “psicodélicas” durante a década de 60.

Figura 14 - John Pasche e a marca dos *Rolling Stones*



Legenda: O designer britânico John Pasche e a marca do *Rollings Stones*
Fonte: Surrey Advertiser - Grahame Larter, disponível em
<<https://www.getsurrey.co.uk/whats-on/music-nightlife-news/rolling-stones-tongue-logo-artist-17007663>> Acesso em março de 2022

Seguindo um pouco mais na linha associativa provocada pelas imagens, há um ícone que dificilmente não seria lembrado ao falarmos de bocas abertas: a marca da banda britânica *Rolling Stones*, formada em 1962 e que, a partir de 1970 adotou como símbolo a imagem projetada pelo designer John Pasche, que na época era estudante de mestrado no *Royal College of Art*, em Londres. (Figura 14) Durante uma reunião, Mick Jagger, líder dos Stones, mostrou a Pasche uma ilustração da divindade hindu Kali, que ele tinha visto em uma loja perto de sua casa.

O cantor estava especialmente interessado na cultura hindu, em moda na Grã-Bretanha. Mas o que impressionou Pasche foi a boca aberta e a língua protuberante de Kali — que para ele poderiam representar também um símbolo juvenil de protesto. — É o tipo de coisa que as crianças fazem, botam a língua para fora — explica. — Por isso pensei que funcionaria bem.⁹

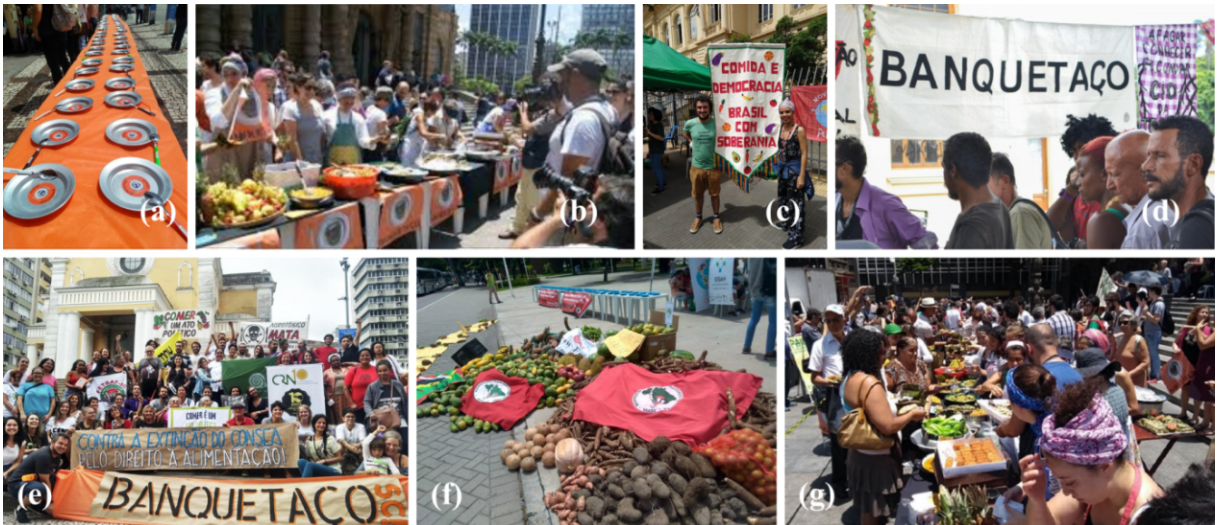
O ano de formação da banda - 1962 - é o mesmo ano em que aconteceu a *Conference on Systematic and Intuitive Methods in Engineering, Industrial Design, Architecture and Communications*, também em Londres (ver Introdução). A escola em que Pasch fazia o mestrado era local de trabalho de pelo menos um dos principais autores dos métodos de design (*design methods*) sistematizados na conferência. Pasche diz ter pensado na marca como algo que “funcionaria bem”, provavelmente inspirado pelos valores projetuais dos métodos que naquele tempo e naquele lugar, eram discutidos. A funcionalidade era então uma questão em que muitas partes estavam interessadas. Será que o que aconteceu com a imagem da boca dos Stones nesse meio século de existência corresponde à ideia que Pasche tinha sobre algo que funciona bem?

No Banquetaço, o bom funcionamento da marca pode ter sido uma das preocupações de quem a projetou. Funcionar bem, nesse caso, traduziu-se em facilidade de reprodução por meios manuais ou digitais. Foi o que aconteceu nas visualidades produzidas para o ato: fontes tipográficas digitais que sugerem manualidade e bricolagem parecem ter inspirado a construção de faixas e cartazes.

Na Figura 15 vemos algumas imagens de Banquetaços pela volta do CONSEA acontecidos em diversas cidades do país. É possível perceber o uso predominante de letras pintadas ou recortadas à mão e também da cor laranja, verificando-se a facilidade e a liberdade de apropriação e uso da identidade criada para o ato. Bandeiras do MST aparecem cobrindo pilhas de comida doada (f).

⁹ Em: <<https://fundacaoschmidt.org.br/saiba-como-nasceu-a-boca-que-virou-simbolo-dos-rolling-stones/>> Acesso em março de 2022.

Figura 15 – Banquetaços por todo o Brasil



Legenda: Imagens de Banquetaços ocorridos em várias cidades brasileiras em 27/02/2019.

Fontes: (a,e) <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/movimentos-sociais/banquetaco-mobilizou-mais-de-40-cidades-pela-alimentacao-saudavel-e-pelo-retorno-do-consea/39816/>> (b) <<http://degustavale.com/2019/02/23/banquetaco-contra-a-extincao-do-consea-pelo-direito-ao-alimento-sem-agrotoxicos/>> (c) <<https://midianinja.org/editorninja/banquetaco-reune-movimentos-sociais-e-sociedade-civil-pela-volta-do-consea/>> (d) <<http://mg.caritas.org.br/s174889.gridserver.com/com-forca-da-cultura-popular-banquetaco-afirma-em-bh-importancia-da-volta-consea/>> (f) <<https://www.brasildefato.com.br/2019/11/22/mst-promove-festival-comida-de-verdade-na-zona-leste-de-sao-paulo-sp/>> (g) <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/02/movimentos-organizam-banquetaco-em-defesa-da-alimentacao-como-direito-humano/>> Acessos em março de 2020.

Na divulgação do evento, a primeira explicação é que “será um grande banquete pela manutenção do CONSEA e em defesa da *comida de verdade*”. Acessando o “Manifesto da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional à Sociedade Brasileira sobre Comida de Verdade no Campo e na Cidade, por Direitos e Soberania Alimentar” lê-se, ao longo de um documento de três páginas, uma minuciosa descrição do que é *comida de verdade*:

Comida de verdade é produzida pela agricultura familiar, com base agroecológica e com o uso de sementes crioulas e nativas. É produzida por meio do manejo adequado dos recursos naturais, levando em consideração os princípios da sustentabilidade e os conhecimentos tradicionais e suas especificidades regionais. É livre de agrotóxicos, de transgênicos, de fertilizantes e de todos os tipos de contaminantes.¹⁰

No Rio de Janeiro, o ato aconteceu no Largo da Carioca, grande praça no centro da cidade, com uma das maiores estações de metrô e tradicional ponto de manifestações e eventos, como a Feira Estadual da Reforma Agrária Cícero Guedes, que acontece ali anualmente. Em uma lista com o título "Construtores do Banquetaço RJ", que aparece em peças de divulgação, contam-se mais de trinta apoiadores. Entre universidades públicas,

¹⁰ Manifesto disponível em <http://www.abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/copy2_of_Manifesto_comidadeverdade.pdf>. Acesso em março de 2020.

escolas de nutrição, parlamentares, movimentos agroecológicos, feiras orgânicas, associações, institutos e pequenos produtores, figura o nome *Gastromotiva*:

AARJ – Articulação de Agroecologia do RJ | ABIORJ Associação de Agricultores Biológicos produtores, feirantes e clientes | Ação da Cidadania | ACT – Promoção da Saúde | ADDH-RJ | Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável | Associação Ressurgir | Cambucá Consultoria | Capina | CEDAC | Coletivo de SAN RJ | Comer Pra Que? | Comitê Elos | Consea RJ | Cooperativa Cedro | CRN-4 | Escola de Nutrição/UNIRIO | FBSSAN – Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional | Feira Agroecológica Josué de Castro – Fiocruz | Feira da Roça de Queimados (Agricultor Dininho) | Gastromotiva | Instituto BIO | Instituto de Nutrição/UERJ | Leonardo Chaves | Mídia Ninja | Rede de Comunidades Sustentáveis | Sítio Bananeiras (Ajuriná e Janaina) | Slow Food | Subvisa | UERJ | UFF | UFRJ | UNACOOOP – Agricultores Familiares Associados na Gestão do Pavilhão 30 da CEASA | UNEGRO | UNIRIO | Wursteria | MPA/Raízes do Brasil | Mandatos: Benedita da Silva, Renata Souza, Glauber Braga, Flavio Serafini, Tarcisio Motta e Leonel Brizola Neto.¹¹

A lista dos construtores do Banquetaço RJ, apresentada em insuspeita ordem alfabética, não revela as controvérsias que tiveram que ser estabilizadas para que todos os nomes pudessem estar ali. Entretanto, conversando com Angelita — conselheira do CONSEA-RJ — e outras duas participantes não identificadas do evento, ficamos sabendo que o apoio da Gastromotiva não foi unanimemente bem-vindo. Por que rejeitariam um apoio a mais no meio de tantos outros? E um que ofereceria algo mais do que necessário para o evento: comida. As respostas recebidas incluíam expressões como: “é comida com veneno”, “é outra ideologia”, é “uma empresa”, “comer é um ato político”. As expressões entre aspas foram retiradas das anotações de campo de conversas posteriores ao Banquetaço, em um evento de agroecologia no Largo da Lapa. Foram conversas curtas, interrompidas, e as anotações correspondem ao que foi imediatamente memorizado por um tipo de atenção dividida, focalizada, porém capaz de assimilar a multiplicidade de partes com graus variados de nitidez.

A mobilização dos interessados na permanência do CONSEA conectou uma rede que incluiu muitos e variados atores. O Conselho era um órgão consultivo diretamente ligado à Presidência da República – um espaço de participação da sociedade civil na formulação e avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional. Criado em 1993, pelo então presidente Itamar Franco, o CONSEA foi revogado no governo Fernando Henrique Cardoso com a criação do Programa Comunidade Solidária. O conselho foi reorganizado em 2003, no primeiro governo Lula.

¹¹ Lista disponível em:

<<https://www.acaodacidadania.com.br/blog/duas-mil-refeicoes-servidas-no-banquetaco-do-rio>>. Acesso em março de 2020.

Conselhos são formas de participação em espaços institucionais e estão previstos na Constituição Federal de 1988 (artigos 37, §3º, 198 e 204). Políticas públicas são implementadas com a participação ativa de conselhos. A composição do CONSEA seguia a proporção de dois terços de representantes da sociedade civil e um terço de representantes governamentais. A presidência do conselho é exercida por um representante da sociedade civil, indicado entre os seus membros e designado pela Presidência da República.

O CONSEA é um espaço institucional para o controle social e participação da sociedade na formulação, monitoramento e avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional, com vistas a promover a realização progressiva do Direito Humano à Alimentação Adequada, em articulação com diferentes setores de governo.¹²

A extinção do CONSEA aconteceu nas primeiras 24 horas da gestão presidencial de Jair Bolsonaro e provocou as primeiras grandes mobilizações populares em território nacional de inconformados com seu mandato. Mesmo com todos os protestos, o CONSEA não voltou.

Figura 16 – Comer é um ato político



Legenda: Faixa com a frase “comer é um ato político” exposta na frente de uma mesa com espigas de milho, folhas de taioba, raízes de mandioca e outros alimentos.

Fonte: <<https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/movimentos-sociais/banquetaco-mobilizou-mais-de-40-cidades-pela-alimentacao-saudavel-e-pelo-retorno-do-consea/39816/>> Acesso em março 2020.

Na Figura 16 vemos uma das frases usadas para explicar as restrições à participação da Gastromotiva no ato e que apareceu em faixas, cartazes, textos e imagens de divulgação do

¹² Informações encontradas em <<http://www4.planalto.gov.br/consea/aceso-a-informacao/institucional/o-que-e-o-consea>> Acesso em dezembro de 2020

Banquetaço. Assim como a pergunta “o que você sustenta quando se alimenta?”, a frase “comer é um ato político” provoca pensamentos sobre quem e o quê se encontram implicados, que interesses se apresentam e se disputam em torno de algo tão comum e aparentemente apolítico como a comida. Dizer que a Gastromotiva não deve participar do Banquetaço porque comer é um ato político deixa claro que as informantes não apenas têm consciência de que fazem parte de uma rede de interessados associados como também que a Gastromotiva integra outra rede de interessados supostamente incompatível com a rede conectada pelo Banquetaço. É então que a controvérsia nos revela como certa rede se conecta também pela recusa de alguns elementos.

A percepção daqueles que não queriam o apoio da Gastromotiva era de que esta fazia parte de outra rede, que prejudicava os meios de existência ou expansão da rede da qual aquelas que falavam consideravam-se parte. A Gastromotiva estaria associada a atores que usam e vendem agrotóxicos (“é comida com veneno”) e ligada a ideias de empreendedorismo e de sucesso vistas com desconfiança (“é outra ideologia, é uma empresa”). Mas os atores ligados à Gastromotiva, por sua vez, embora interessados em se vincular ao Banquetaço — o que de fato acabou ocorrendo, tornando evidente a complexidade das junções e separações de redes — também têm suas desconfianças sobre muitos dos atores e das visões ligadas ao Banquetaço. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por exemplo, ao qual está ligado o espaço Terra Crioula, antagoniza-se declaradamente com grandes empresas do agronegócio como a Cargill, que patrocina a Gastromotiva e o seu movimento social - o *Social Gastronomy Movement*.

Olhar para tudo que se conectou ou não conectou no ato público pela volta do CONSEA traz a imagem de uma teia por onde circula comida. (Figura 17) Não apenas e unicamente comida, há outros fluidos correndo pelas pontes encaixadas para que tenhamos o que comer, mas o que se encontrou sobre a mesa nas praças de norte a sul em 27 de fevereiro de 2019, pronta para ser escrutinada, das sementes aos dentes, foi a nossa comida.

para pessoas que buscam sentido transformador para suas atividades. O salário dos trabalhadores remunerados é pago com o dinheiro dos patrocinadores do projeto: Cargill, Carrefour, Coca-Cola e Swiss Philantropy são os principais. Além dos “jantares solidários”, como são chamados, acontecem também no *Refettorio* cursos gratuitos de empreendedorismo e “gastronomia social”. O *Refettorio* é parte da *Gastromotiva* que por sua vez é parte do *Social Gastronomy Movement* ou Movimento de Gastronomia Social.

A *Gastromotiva*, seu *Refettorio* e seu movimento social conectam-se com uma rede de implicados no processo agroalimentar: empreendedorismo, gastronomia, comida desperdiçada, trabalhadores voluntários, *chefs* de cozinha, ONGs e grandes corporações do setor alimentício. Os próximos relatos contarão como a controvérsia do Banqueteço pode ser desdobrada ao trilharmos a teia de vínculos que se constrói a partir da *Gastromotiva*. Os desdobramentos começam a desenhar uma certa organização de elementos heterogêneos, resultado provisório das estabilizações de suas controvérsias, uma das respostas possíveis à pergunta sobre o que é sustentado quando nos alimentamos.

2.2.1 Gastromotiva faz contato com horta comunitária - relato de campo

Em setembro de 2018 eu ainda tinha a agricultura urbana como objeto de pesquisa, o que me levava a frequentar algumas hortas comunitárias e a participar dos grupos virtuais de comunicação interna e organização de mutirões. Na rua General Glicério, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, há uma horta mantida por vizinhos e esta veio a ser a primeira de algumas hortas comunitárias nas quais me engajei ao longo de 2018. Estas hortas costumam se organizar através de grupos virtuais do aplicativo *Whatsapp*. É por estes grupos que as pessoas se comunicam, noticiam algo que tenham feito naquele dia para a horta, combinam os mutirões, avisam o que precisa ser feito “caso alguém passe hoje na horta”: tirar uns matinhos do caminho, levar água para rega, abastecer a pilha de folhas secas usadas na composteira e etc.

No dia 24 de setembro de 2018 leio no grupo de *Whatsapp* da Horta da General Glicério que um “tal super *chef*” italiano procurara a horta para uma visita. O texto do *e-mail* recebido, copiado e colado no grupo, é escrito em primeira pessoa por alguém que se apresenta como trabalhadora do *Movimento da Gastronomia Social*, localizado no *Refettorio* *Gastromotiva*, “primeiro *hub* de gastronomia social do mundo”. O texto explica que todo ano

“nos comprometemos a organizar ou *co-organizar* eventos de gastronomia social” [grifo meu]. Ela apresenta o festival *Colaboramerica* como um dos eventos e ressalta que é “o maior da América Latina, focando em novas economias e corporações tipo B”, e esclarece:

(...) somos responsáveis por criar uma jornada de aprendizado sobre gastronomia social, onde apresentamos aos convidados os projetos já existentes no Rio de Janeiro e os levamos para colocar a mão na massa junto com eles.

O parágrafo seguinte conclui o *e-mail* com um enfático convite à Horta da General:

É aqui que vocês entram: queremos *co-criar* com vocês alguma dinâmica que possamos fazer aí com os convidados, para que eles possam aprender sobre vocês e sobre a gastronomia social, levando consigo ideias para reproduzir em seus países. [grifo meu]

Ela sugere uma visita à horta “pra sabermos se é possível”, e assina, incluindo sob seu nome “equipe SGM” – abreviatura de *social gastronomy movement*.

O diálogo por mensagens que se segue no grupo começa falando em “preguiça” de se envolver no convite recebido. Alguém se diz “avesso às grandes corporações”. Quando leio a palavra preguiça, me remeto, por oposição, à ideia de trabalho. Curioso como ela nunca havia aparecido no grupo para justificar alguma ausência em mutirão: ninguém jamais disse estar com preguiça de revolver a composteira, recolher folhas secas, capinar os caminhos. E no entanto a palavra surgia ali, escrita por três pessoas diferentes, diante de um convite ainda não aceito. Ou melhor, um convite ainda não feito, pois o que parece é que a Gastromotiva é que está se convidando para visitar e “co-criar” coisas com a horta da Rua General Glicério. Por fim, alguém reconhece que ali se apresentava um convite para trabalhar não-remuneradamente:

(...) devemos pensar se esse *trabalho extra* vale a pena. Já temos uma força de trabalho bem reduzida, se desconcentramos, gastamos energia para os outros e nossa questão central, a manutenção da horta, pode ficar em segundo plano. [grifo meu]

Na sequência das mensagens, o convite é interpretado como uma “ação de *marketing*” na qual empresas buscam aval em “ações comunitárias verdadeiras” e a aproximação seria assimetricamente convertida em lucros para a empresa, enquanto que o projeto social ganharia “visibilidade”. Essa troca não é vista como justa, porque “a empresa sai ganhando muito mais do que o grupo que a acolhe.” Além disso, a visibilidade poderia atrair pessoas potencialmente descompromissadas “podendo zoar todo nosso trabalho”.

Uma participante do grupo da Horta da General Glicério informa que já foi “voluntária” na Gastromotiva servindo refeições para pessoas em situação de rua. Ela diz que acha o projeto “interessante e super organizado” e que fazer refeições com frutas e vegetais que seriam jogados fora lhe parece “um achado”. Reconhece que as críticas podem existir,

pondera que “eles estão querendo primeiro visitar para conhecer como funciona a horta” e questiona a interpretação apresentada pelos outros hortelões da General Glicério. Ela acredita que o contato com “outras iniciativas ou propósitos semelhantes” pode ser positivo e que “o proveito das grandes corporações é justamente que eles têm estrutura.”

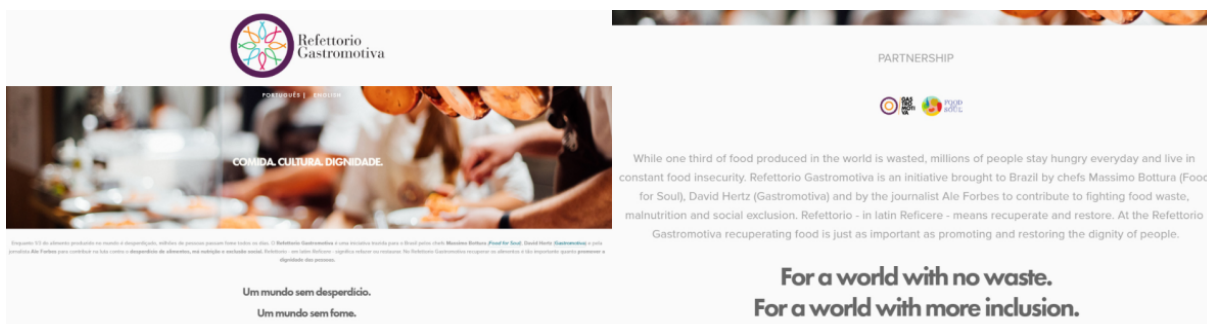
Chama a atenção, no texto do *e-mail*, o uso do prefixo “co”, no sentido de “junto com” – co-organizar, co-criar, a própria palavra colaboração e suas variações como verbo, adjetivo e como nome de evento – Colaboramérica – aparecem na mensagem enviada à Horta da General Glicério. O prefixo “co” tem se verificado comum em certos discursos ligados a empreendedorismo, novas economias, bem como em atividades criativas/projetuais. A palavra co-design, por exemplo, tem sido usada para nomear o processo projetual que inclui os convencionalmente passivos “usuários” entre os que projetam qualquer coisa. Chama a atenção também a compreensão da mensagem entre os hortelões da rua General Glicério: eles discutem se o *e-mail* oferecia uma oportuna visibilidade para a horta ou se, ao contrário, se tratava de um cavalo-de-tróia buscando criar vínculos – desvantajosos – entre a horta e grandes empresas, arriscando atrair pessoas nada colaborativas. A disputa é estabilizada ao questionarem se valeria a pena tanta co-organização, co-criação e colaboração com quem repentinamente se apresenta como transformador da realidade do mundo. O apelo em lembrar o quê, afinal, o grupo realiza junto – uma horta urbana no fim da rua onde moram – parece encerrar a discussão, sugerindo que não há motivo para se engajarem colaborativamente com uma entidade que eles pouco conhecem e que propõe, de forma pouco clara, trabalho extra e gratuito para os ocupados hortelões urbanos da rua General Glicério. O trabalho sem remuneração, como veremos mais adiante, é um aspecto relevante na Gastromotiva, que conta com um exército de voluntários e parceiros reunidos no “combate ao desperdício”.

2.2.2 Website do Refettorio Gastromotiva

“Um mundo com menos desperdício. Um mundo mais inclusivo.” As frases podem ser lidas no alto do *website* do Refettorio Gastromotiva. O nome é escrito em italiano, em tipos serifados. Logo abaixo, lemos *português/inglês*, e, sobre o fundo fotográfico de pratos sendo preparados por mãos, encontramos as palavras *comida, cultura, dignidade*, em caixa alta e

intercaladas por pontos finais. Abaixo do fundo fotográfico a marca da Gastromotiva aparece ao lado da marca *Food for the Soul*, ambas sob o pequeno título *parceria*. (Figura 18).

Figura 18 – Página do *Refettorio* Gastromotiva



Legenda: Capturas de tela da página do *Refettorio* Gastromotiva na internet.

Fonte: <<http://www.refettoriogastromotiva.org/>> e <<http://www.refettoriogastromotiva.org/english>>

Entre títulos e frases destacadas, um texto corrido, em corpo pequeno, cinza claro sobre fundo branco, explica que o *Refettorio* Gastromotiva é uma iniciativa de três pessoas: Massimo Bottura, David Hertz e Alexandra Forbes. Massimo e David são *chefs* associados à *Food for the Soul* e à Gastromotiva. Alexandra, de acordo com sua própria página na internet, é jornalista e crítica gastronômica:

Ela já foi editora da revista VIP, é autora dos livros *Isabella Suplicy: Arte em Açúcar e Jantares de Mesa e Cama*, e hoje divide seu tempo entre Montreal e São Paulo. Colunista de revistas nacionais e estrangeiras, especializada em gastronomia e turismo de luxo, Alexandra faz parte do prestigioso júri que elege anualmente os 50 Melhores Restaurantes do Mundo (*50 Best*) e viaja pelo mundo comendo e bebendo.¹³

Na página do *Refettorio*, o texto corrido ainda nos informa que “enquanto 1/3 do alimento produzido no mundo é desperdiçado, milhões de pessoas passam fome todos os dias”, para logo esclarecer que o objetivo da iniciativa é contribuir na luta contra o desperdício de alimentos, má nutrição e exclusão social. Explica que o nome *Refettorio* vem do latim *reficere*, que significa refazer ou restaurar – e reitera que “no *Refettorio* Gastromotiva recuperar os alimentos é tão importante quanto promover a dignidade das pessoas.”

O *Refettorio* Gastromotiva oferece comida, cultura e dignidade para todos em um espaço cheio de arte. Lançado durante os jogos olímpicos, já se tornou um legado para a cidade: um HUB do Movimento da Gastronomia Social no coração do Rio de Janeiro. Ele funciona como um restaurante-escola onde chefs convidados e jovens talentos da Gastromotiva cozinham com ingredientes excedentes. Servimos jantares gratuitos para população em situação de rua e, em breve, almoços para o público em geral com o conceito “pague o almoço e deixe o jantar”.

¹³ Disponível em <<https://alexforbes.wordpress.com/sobre/>>. Acesso em abril de 2019.

O principal fornecedor desses alimentos já impossíveis de se vender mas ainda bons para comer, é o Grupo Benassi, que comercializa comida do tipo “frutas, verduras e legumes” nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo¹⁴. (Figura 19). A família Benassi é uma antiga associada dos grupos Ceagesp-Ceasa, grandes centrais estaduais de abastecimento urbano. A marca aparece entre os patrocinadores/apoiadores do *Refettorio*.

Figura 19 – Patrocinadores e apoiadores do *Refettorio* Gastromotiva



Legenda: Captura de tela da página do *Refettorio* Gastromotiva com marcas e nomes de seus patrocinadores e apoiadores.

Fonte: <<http://www.refettoriogastromotiva.org/>> Acesso em maio 2020.

Uma frase se destaca, centralizada em corpo maior: “alimentar o mundo de amor, respeito e oportunidade” e surge o imperativo: “seja um voluntário(a)!” O texto explica que a Gastromotiva trabalha diretamente com pessoas em situação de “vulnerabilidade social”, que o combate ao desperdício é uma de suas metas, informa que milhares de voluntários já passaram por lá e conclui que servir dignifica tanto quanto ser servido. O *link* para se

¹⁴ Informações encontradas em <<http://www.grupobenassi.com.br/>>. Acesso em maio de 2020.

inscrever como trabalhador voluntário aparece com outro imperativo: “para viver a experiência basta se inscrever aqui!”.

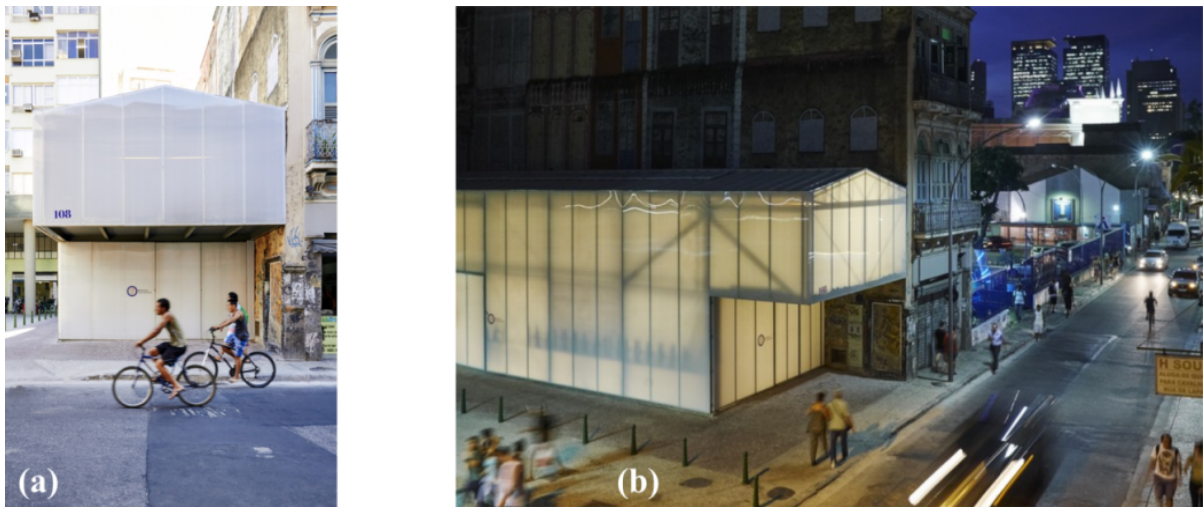
O projeto das instalações do *Refettorio* na Rua da Lapa envolveu curadoria de um artista plástico, um escritório de design e outro de arquitetura, um iluminador, um fotógrafo (francês, enfatizado pelo texto) e artistas doadores de obras para o espaço. Esses trabalhos projetuais também foram “doações” individuais, de sujeitos-projetistas – arquitetos, designers, artistas, iluminadores – como usualmente são chamados. À rede, na qual se dissolve o sujeito que a projeta, podem juntar-se também outros projetos, concebidos por sujeitos, daqueles clássicos resolvedores de problemas. O arquiteto Gustavo Cedroni, os designers Humberto e Fernando Campana, o iluminador Maneco Quinderé e o artista plástico Vik Muniz foram, em uma análise, chamados a resolver problemas no processo que trouxe o *Refettorio* à existência: o prédio, os móveis, a marca, as lâmpadas, os quadros pendurados nas paredes do *Refettorio* foram, um dia, problemas para os quais os profissionais do projeto se ocuparam em criar soluções. As atividades que esses profissionais realizam de projetar um edifício, um mobiliário, uma obra de arte ou a iluminação de um ambiente costumam ser remuneradas com dinheiro, porém, nesse caso, os profissionais implicados trocaram seus trabalhos por outro valor que não o monetário. Ao doarem seus serviços e suas criações para a *Gastromotiva*, esses profissionais receberam, em troca, a associação de suas pessoas ao projeto de um restaurante-escola filantrópico. Completando a troca, há também, como um pagamento, a explícita comunicação dessas colaborações, da mesma forma como são comunicados os patrocínios e colaborações das empresas que financiam o *Refettorio*.

2.2.3 Almoço no *Refettorio* *Gastromotiva* - relato de campo

O episódio da horta da General Glicério voltou aos meus pensamentos quando, pela segunda vez, a *Gastromotiva* reaparece buscando contato com os Espaços Verdes – laboratório de agricultura urbana da ESDI no qual eu também fazia observações exploratórias para a pesquisa de doutorado. Em abril de 2019 fico sabendo pelo grupo de *Whatsapp* do laboratório que a *Gastromotiva* estava interessada em aproveitar algumas “plantas alimentícias não-convencionais” (PANC) que cresciam em nossa pequena ocupação agroflorestal no terreno da escola. Peço ao colega Pedro Themoteo, mestrando e participante dos Espaços Verdes que comunicou a notícia no grupo, que me dê o contato da pessoa da

Gastromotiva que buscara o laboratório. Pedro, prontamente, me passa o telefone de Renan Uga, com quem combino minha primeira ida ao *Refettorio* Gastromotiva. Nos termos do método cartográfico, eu via que minha atenção, inicialmente flutuante pelas hortas e ocupações agroecológicas urbanas, pousava em algo. Era preciso ver o que estava acontecendo. Mande mensagem para Renan Uga e marcamos de eu ir almoçar no *Refettorio* nos próximos dias.

Figura 20 – Fachada do *Refettorio* na Rua da Lapa, 108.



Legenda: (a) Fachada de dia. (b) Fachada de noite.

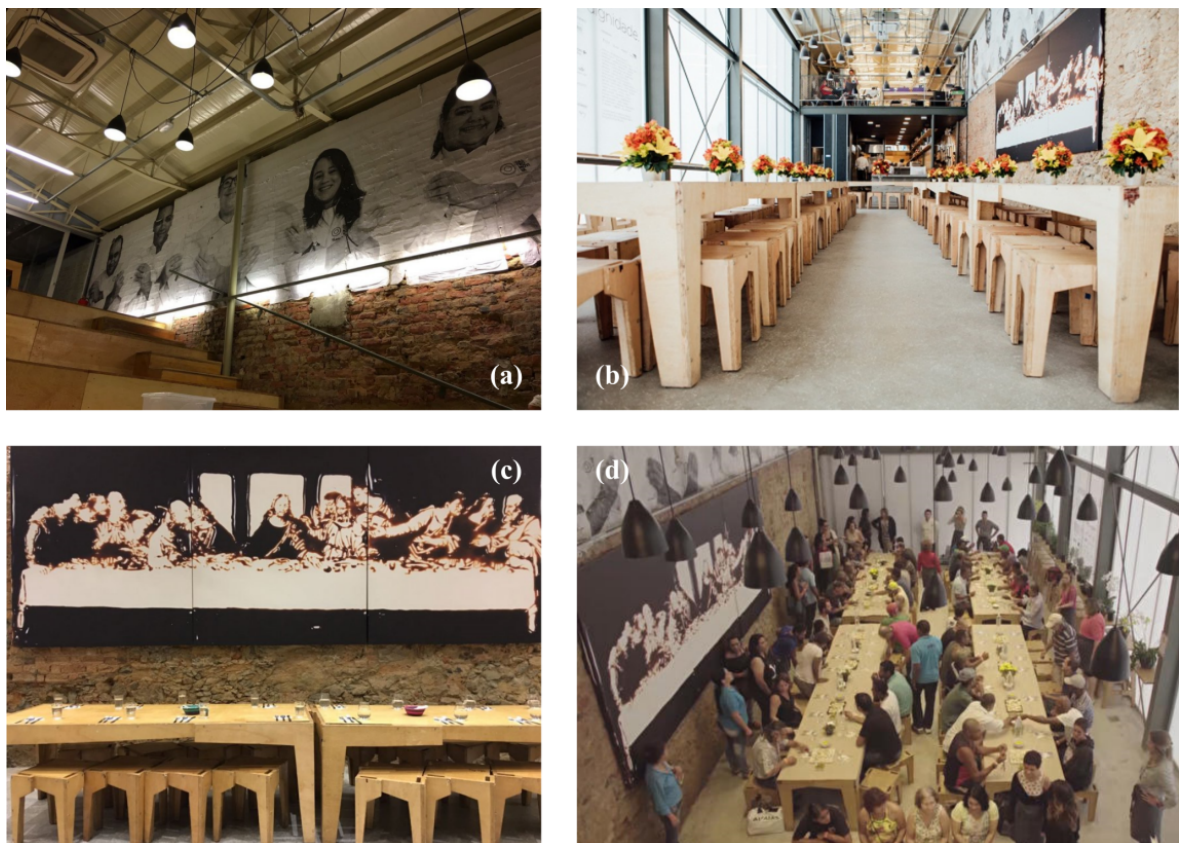
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/801226/refettorio-gastromotiva-metro-arquitetos-associados>> Acesso em maio de 2020.

No dia combinado, me dirijo à Lapa com um pouco de antecedência. Paro na frente do *Refettorio*. Parece um galpão com telhado em duas águas. A forma triangular do telhado faz o galpão parecer uma casinha, um ícone de lar. Olhando por fora, o que aparece na fachada voltada para a Rua da Lapa é a superfície lisa e branca das chapas de policarbonato usadas como parede: é um material translúcido, que deixa passar claridade de fora pra dentro. À noite, com as luminárias acesas, isso se inverte, e o volume do galpão-lar se acende com uma luz amarela e suave. (Figura 20). Ainda não conheço Renan pessoalmente, mas vejo, pelo telefone, a frase que ele usa sob sua foto: “no caminho do bem”.

Não há nada que indique onde há uma porta para que eu possa bater ou tocar uma campainha. Na fachada de policarbonato, vejo apenas o logotipo do *Refettorio* Gastromotiva aplicado em vinil, na altura compatível com os olhos de uma pessoa adulta. Bato de leve na parede de plástico e vejo que alguém se aproxima do outro lado. A parede se abre, é uma porta. Um homem abre a porta, eu me identifico e Renan aparece chamado pelo aceno do homem que controlava a entrada das pessoas.

O primeiro recinto que se apresenta é o salão de refeições, com suas mesas longas rodeadas por banquetas – mobiliário projetado pelos irmãos Humberto e Fernando Campana, conforme me informou o *website* do *Refettorio*. (Figura 21, b). No centro da parede do salão está pendurado um tríptico com a reprodução fotográfica de uma obra de Vik Muniz, que é, por sua vez, a reprodução do afresco *L'Ultima Cena*, de Leonardo Da Vinci, desenhada em alto contraste com chocolate. (Figura 21, c)

Figura 21 – Interior do *Refettorio* Gastromotiva



Legenda: Imagens do interior do *Refettorio* Gastromotiva.

Fontes: (a) <https://www.skyscrapercity.com/threads/restaurantes-do-brasil.2069027/page-4#post-146273991> (b) https://boadiversao.com.br/guia/rio-de-janeiro/gastronomia/noticia/id/74206/refettorio_gastromotiva_recebe_feir_a_dos_empresendedores (c) <https://viajarverde.com.br/voluntaria-no-refettorio-gastromotiva/> (d) <https://epoca.globo.com/sociedade/bruno-astuto/noticia/2018/02/refettorio-gastromotiva-realiza-acao-na-luta-contra-o-desperdicio-de-comida.html> Acessos em maio de 2020.

A parede não tem reboco, deixa aparente as pedras e os antigos tijolos maciços que a constroem e que conferem à sua superfície uma textura heterogênea: é a velha parede externa do sobrado vizinho ao terreno do galpão. No alto, uma gigantografia impressa em uma faixa de papel branco mostra retratos da primeira turma formada por lá. As fotos são preto & branco contrastadas, e a faixa de papel está colada à maneira lambe-lambe por sobre a parede irregular, em quase toda a extensão do galpão. O papel impregnado de cola se acomoda nas irregularidades da parede, revestindo-a, sem uniformizar sua textura. (Figura 21, a) Dezenas

de luminárias pendem do teto alto. São cúpulas metálicas pintadas de preto com lâmpadas de led de luz amarelada (Figura 21, d). O chão é de cimento cinza claro. Sentamos em bancos próximos a uma das mesas e conversamos.

Renan me conta que o *Refettorio* Gastromotiva integra o Movimento de Gastronomia Social, que dá aulas de empreendedorismo e prega contra o desperdício de alimentos. Existe em São Paulo, Curitiba, Cidade do México, El Salvador. Porém, uma sede própria, aqui no Brasil, só aquele da Lapa. Nas outras cidades o movimento faz suas atividades dentro de instalações de universidades privadas e escolas técnicas. A construção está em um terreno cedido pela prefeitura do Rio conseguido graças ao contato pessoal da jornalista Alexandra Forbes com o então prefeito Eduardo Paes, na época que antecedeu os jogos olímpicos de 2016, quando a cidade se encontrava em processo de obras para receber o megaevento. Renan me explica isso fazendo com a mão um gesto familiar, característico de segurar um telefone junto ao rosto: “A Ale ligou para o prefeito – Dudu, é o seguinte... – e conseguiu o terreno para a construção do *Refettorio*.”

Entramos na pequena fila para nos servir. Os pratos, fundos, são de porcelana branca e os talheres são de aço e têm cabo decorado. A comida é servida em travessas aquecidas sobre a chama de pequenas velas. São três tipos de combinação de massas e molhos e uma salada crua de cenoura, milho, repolho e tomates cereja. Renan me explica que “hoje a aula foi sobre massas”. O ambiente está cheio dos alunos do dia, dos funcionários e de seus convidados. Renan fala e cumprimenta as pessoas, e me explica que ali, na hora do almoço, ficou combinado que não se usa celular. Sentamos nos bancos próximos a uma das longas mesas do salão. Vejo a marca dos Campana na espessura da chapa de compensado sem disfarces, nas junções entre tampos e pernas dos móveis, nas cabeças hexagonais e evidentes dos parafusos de zinco.

Sentada em meu tamborete, um prato cheio em frente, sobre a mesa que, agora olhando de perto, percebo que tem um verniz que sela a superfície da chapa de madeira e grava as marcas do uso intenso do mobiliário, olho a parede de plástico iluminada pelo sol de uma hora da tarde. Reparo nos nomes dos patrocinadores/apoiadores recortados em vinil e aplicados sobre ela. Leio, entre os pequenos apoiadores do projeto, o nome *Humaitá Louças* e imagino que a louça tenha sido doada por esse bazar. Os três maiores patrocinadores aparecem destacados: Coca-Cola, Carrefour e Cargill. Estes nomes não estão simplesmente escritos numa lista. Eles trazem suas identidades corporativas nas assinaturas, em suas próprias tipografias (Figura 19).

Renan me conta que os convites para jantar no *Refettorio* são distribuídos em abrigos da prefeitura. São abrigos para passar a noite e quem dorme neles deve ser cadastrado e entrar até às 20h. Os convites são de papel, como bilhetes de entrada. Às vezes não aparecem os 90 convidados que o lugar é capaz de receber, então, os lugares são completados com pessoas ali da Lapa mesmo, convidadas na hora. Renan observa que talvez nem todas as pessoas que vivem na rua se sintam encorajadas a fazer cadastros de si mesmas em abrigos municipais e prefiram levar a “vida louca” por conta delas mesmas. Comenta que, entre os mais frequentes, há uma senhora que sempre aparece e gosta de sentar na cabeceira da mesa. O jantar termina necessariamente às 19h, para que o veículo da prefeitura leve todos de volta para o abrigo.

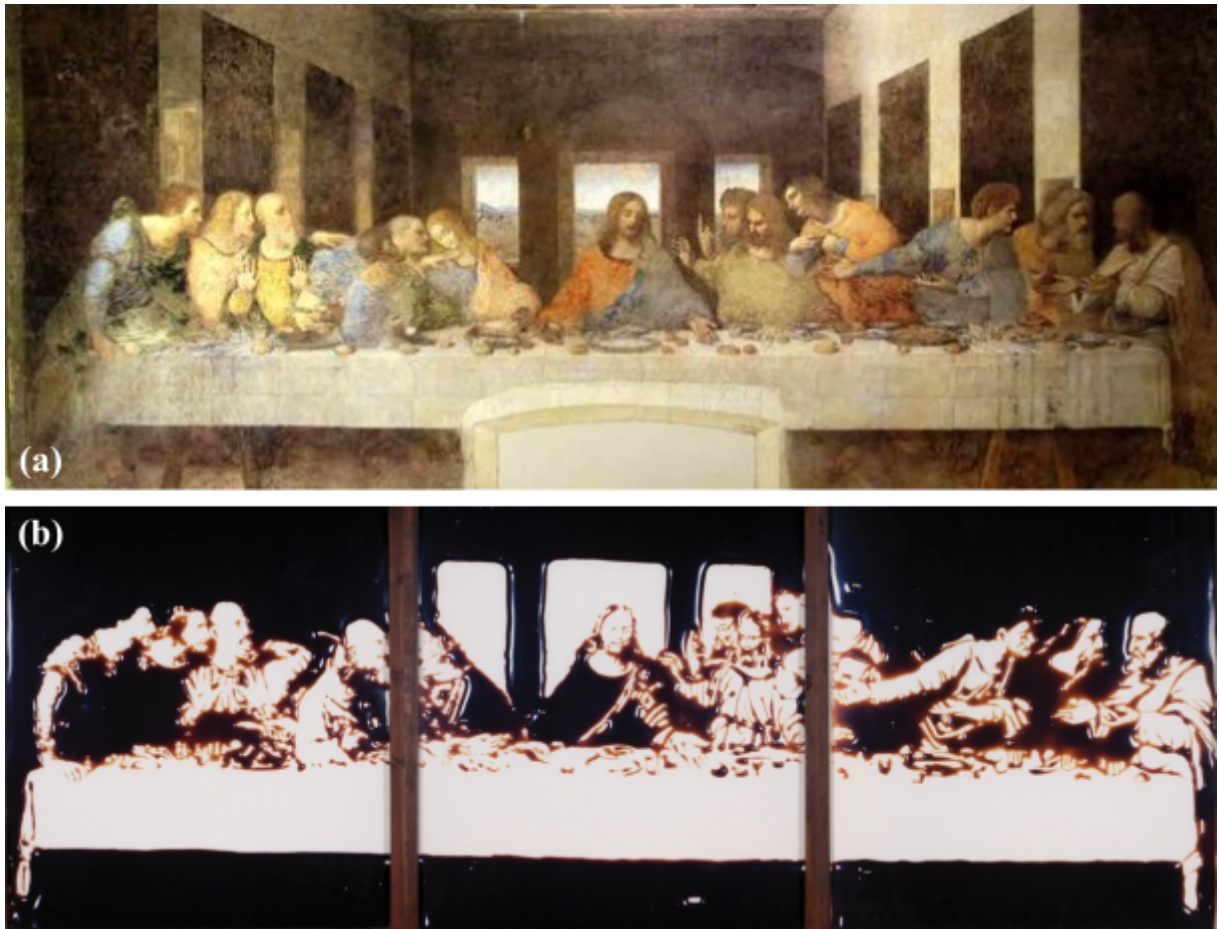
Sobre os cursos de empreendedorismo e gastronomia social oferecidos, Renan explica que são gratuitos e que a demanda é maior que a oferta de vagas. Os candidatos se inscrevem pelo *site* e são selecionados por critérios que ele não soube me dizer por não trabalhar diretamente com isso. Fico sabendo que ele trabalha há dois meses como coordenador no *Refettorio*, que é do Rio, mas se formou em relações públicas em São Paulo, que sua avó já foi voluntária servindo jantar e que tem uma filha pequena pra quem já levou doce de jiló para ela experimentar. Ele conta que o projeto se mantém por seus patrocinadores.

As pessoas vão terminando de comer e logo uma fila se forma em frente a pia da cozinha industrial. Cada pessoa lava o prato e os talheres que usou. No balcão próximo à pia tem sorvete de goiaba de sobremesa junto com uma pilha de pequenas tigelas de louça branca e colheres. Nós nos servimos de sorvete e caminhamos em direção a parte de trás do *Refettorio*. Atrás da cozinha há uma pequena exposição montada sobre painéis de acrílico transparente. Entre imagens e textos impressos em adesivo transparente, vejo o *print* da conversa por *e-mail* ocorrida entre Massimo Bottura, David Hertz e Alexandra Forbes e que originou o *Refettorio* da Lapa. Os painéis de acrílico estão pendurados por fios de *nylon* em algo que parece ser um tubo de eletricidade ou água do galpão. Um desses painéis expõe produtos para vender: camiseta, avental, agenda, caneca, com a marca da Gastromotiva. Caminhando mais ainda para o interior do prédio, vejo uma arquibancada feita de chapas de madeira compensada com algumas almofadas de tecido preto dispersas pelos seus assentos. Junto à parede lateral, uma escada, também de madeira, permite acesso aos assentos. Subimos por ela. Atrás da arquibancada, uma parede de vidros revela o fim do terreno em um pequeno jardim. Vejo pimenteirias, pedras, *pallets* e umas espreguiçadeiras dobráveis. A escada nos leva ao mezanino. Vejo as palavras “cultura”, “dignidade”, “transformação”, “oportunidade” recortadas em adesivo vinílico e aplicadas nos espelhos dos degraus da escada.

Os contatos buscados pela Gastromotiva com a horta da General Glicério e com a ESDI me causaram a impressão de que algo irrecusável estava sendo ofertado, embora não fosse muito claro o que exatamente estava sendo ofertado. O que estava claro é que a Gastromotiva buscava conectar os destinatários de suas mensagens a sua rede de colaboradores. Com a atenção pousada sobre o *Refettorio* e modulada em uma nova janela atencional, eu procurava esclarecer para mim o tipo de associação buscada pela Gastromotiva enquanto encontrava pistas que remetiam a uma ideia geral de bem, de algo absolutamente bom. Os convites, as propostas de colaboração, traziam essa indefinição em seus textos. A fachada branca, despida de elementos, em formato de casinha, reforçou a impressão de algo propositalmente pouco definido em termos visuais e conceituais, bem como a frase sob a foto de Renan. Como seria esse caminho do bem no qual ele anunciava estar? Como andar e seguir nele? Não encontrei resposta evidente no objeto para o qual olhava, o que encontrei foi um notável empenho em associar aqueles atores-rede com um padrão de elevada moralidade, pela beleza das formas, pelas palavras salpicadas em vinil nas superfícies disponíveis – dignidade, tolerância, amor, sorrisos. O conjunto dos elementos apontava para uma ideia contra a qual ninguém se coloca, embora pouco definida. Ou talvez por isso mesmo.

Dispensando um pouco mais de atenção ao tríptico de Vik Muniz que reproduz a Santa Ceia e decora o salão de refeições (Figura 22, a), verifico, posteriormente à visita, que a obra original, o afresco pintado em 1495 por Leonardo Da Vinci - *L'Ultima Cena* ou *Il Cenacolo* (Figura 22, b) – encontra-se na parede de um refeitório monástico, na igreja de Santa Maria delle Grazie, em Milão, na Itália. A imagem, que representa o episódio bíblico da última refeição de Jesus com os apóstolos antes de ser preso e crucificado, é um dos bens culturais mais conhecido, reproduzido e estimado do mundo. Essa informação me faz lembrar das inúmeras vezes que encontrei reproduções da Última Ceia decorando recintos domésticos onde são feitas refeições. Das pequenas cozinhas às respeitáveis salas-de-jantar; reproduzida em fotografia, metal ou madeira entalhada, tapeçaria bordada, plástico termo moldado ou óleo sobre tela, o Cristo janta com seus apóstolos no imaginário e na memória do mundo cristão ocidental na pregnante imagem projetada e executada por Leonardo há mais de quinhentos anos.

Figura 22 – A Última Ceia



Legenda: (a) *L'Ultima Cena*, afresco, Leonardo da Vinci, 1495.

(b) Milão (última Ceia), Cibachrome, Vik Muniz, 1998.

Fontes: (a) <<https://www.frammentiarte.it/2016/40-0-il-cenacolo/>> (b) <<http://www.artnet.com/artists/vik-muniz/milao-c3a3o-c3balta-ultima-ceia-pZt38k9IXZVSKKc-4nWwQQ2>> Acessos em abril de 2020

2.2.4 Cafê-da-manhã do Refettorio Gastronomativa - relato de campo

Manhã de 27 de junho de 2019. Nove horas e dez minutos. A porta do *Refettorio* já está semi-aberta e há um rapaz sentado num tamborete alto em frente a ela. Assim que me aproximo o suficiente para falar com ele, ele fala primeiro: “café-da-manhã?” e abre a porta para eu passar. Entro no salão e vejo que as mesas foram deslocadas e alinhadas junto às paredes e no espaço aberto no meio do recinto há um círculo de tamboretos. Sobre as mesas há alguns pacotes de *post-it* coloridos ainda fechados e canetas hidrográficas pretas.

O convite para estar ali me chegara por e-mail, um mês antes. Parecia ser um texto endereçado a múltiplos destinatários: “Olá Querid@s parceiros do Movimento de

Gastronomia Social”. No texto, o “Coordenador do Movimento de Gastronomia Social no Brasil” informa sobre o “primeiro café-da-manhã do Movimento aqui no *Refettorio Gastromotiva*” e explica:

Nesse encontro iremos apresentar as novas ações do MGS no Brasil, criar um espaço de interação entre os projetos de gastronomia social, empresas interessadas e indivíduos que podem ajudar a construir e desenvolver essa comunidade através de um espaço de confiança e escuta ativa.

Ainda no e-mail, o “Coordenador do Movimento” diz saber que “dividindo uma refeição e alinhando nossas vontades conseguimos chegar mais longe”, e termina o texto informando que acontecerão outros sete cafés-da-manhã em diferentes cidades do Brasil para, por fim, “traçar os planos do Movimento de Gastronomia Social, juntos, em um grande evento”. A última frase, antes da assinatura e das marcas do movimento e apoiadores, é uma pergunta que incentiva: “Vamos *transformar* a nossa realidade na *sociedade que realmente queremos* através da alimentação?” [grifos meus].

Atravesso o salão rumo ao auditório no fundo do prédio. Subo a pequena escada e vejo que faltam algumas letras nas palavras motivacionais recortadas em vinil e aplicadas nos espelhos dos degraus. Sento na arquibancada. Logo os outros convidados também se acomodam e tem início uma apresentação guiada por uma projeção de *slides*.

Figura 23 – Café-da-manhã com metodologia de facilitação de processos



Legenda: Publicação no Instagram sobre o café-da-manhã acontecido em 27 de junho de 2019.

Fonte: <<https://www.instagram.com/p/BzjKWVJFOtt/>> Acesso em maio de 2020.

O evento durou cerca de quatro horas, com mais de trinta pessoas e “facilitadores” que se apresentaram como formados pelo “*Gaia education*”. Foram algumas dinâmicas no salão, nas quais ou estávamos em roda ou circulando pelo espaço e interagindo uns com os outros sob o som de um gongo de meditação. (Figura 23) Os *post-it* foram usados em algumas dinâmicas como a “ofereço-preciso”, na qual cada pessoa escreve três coisas que tem para oferecer e três coisas que está precisando. Os papezinhos são colados na parede e disparam o *networking* entre os presentes. A refeição é servida em um intervalo onde todos conversam e é nesse momento que troco rápidas palavras com o professor Ivan Bursztyń, do curso de

gastronomia da UFRJ e que orienta um projeto de extensão junto ao MST. Ele precisa sair mais cedo e aproveita o intervalo da refeição para partir. Antes que ele saia, pergunto se acha possível alguma parceria entre os eventos do MST do outro lado da rua e o *Refettorio*. Ele balança a cabeça negativamente, evitando falar alto, e aponta para a parede onde os nomes dos patrocinadores estão aplicados. Deixa comigo seu cartão de visita e sai.

Pela hora adiantada e pelos rumos que a dinâmica toma, percebo que o evento se encaminha para um desfecho. O “facilitador” pede que fiquemos de pé, formando um círculo, próximos ao ponto de nossos ombros se tocarem, e que fechemos os olhos. Com meus olhos abertos, vejo que ele tem nas mãos a cartolina onde a “facilitadora gráfica” escrevera as frases ditas pelos participantes quando solicitados a responder “o que esta rede tem ou é que faz dela um sucesso?”. O “facilitador” no centro da roda diz: “Eu faço parte de uma rede. Esta rede é um sucesso. Ela...” e começa a ler as frases escritas na cartolina. Quando ele termina a leitura, pede que os olhos se abram e que nós nos olhemos. Há alguns segundos de silêncio enquanto os olhares se cruzam. O facilitador diz com voz baixa e pausada que “esta rede somos nós”. Ele pede que, ao contar até três, todos digamos juntos “eu sou gastronomia social”.

– Mais uma vez, eu sou gastronomia social, um, dois três!


– EU SOU GASTRONOMIA SOCIAL!

Todos aplaudem e eu me encaminho para a grande porta de plástico que dá para o exterior. Deixo atrás de mim pessoas rindo e se abraçando no salão, menos os dois fotógrafos, que, em posições diferentes, registram a cena com teleobjetivas capazes de captar de longe os rostos e as expressões faciais dos fotografados.

2.2.5 Conectando elementos da rede: Movimento da Gastronomia Social

Social Gastronomy Movement é o nome sob o qual se reúnem entidades diversas, conectadas pela comida (ou pela gastronomia, como preferem seus atores) com o intuito de transformar “o social” (Figura 24). Os primeiros relatos sobre a rede do SGM, a qual se conecta o *Refettorio* Gastromotiva, já permitem falar um pouco do princípio que organiza e distribui agências em tal rede.

Figura 24 - Gastronomia social



What if change started with food?

#SOCIALGASTRONOMY

The Social Gastronomy Movement (SGM) is a global network of interconnected local communities that uses the power of food to transform realities.

We cultivate connections, collaborations, and partnerships that strengthen our individual and collective capacity to co-create an equitable future, inclusive society, and a healthy planet.

[LEARN MORE](#)

Legenda: Captura de tela da página inicial do *website* do *Social Gastronomy Movement*
 Fonte: <https://www.socialgastronomy.org/> Acesso em fev. 2021.

Conforme explicado em 1.4, chamaremos de cosmograma o princípio ordenador que nos permitirá fazer comparações entre coletivos, já que uma das funções que Latour (2020, p.254) atribui aos cosmogramas é tornar os coletivos comensuráveis, estabelecendo relações entre seus elementos e até mesmo limites definidores do que está dentro e do que está fora da rede que eles se consideram parte.

A partir dos relatos, podemos dizer que um possível primeiro esboço de cosmograma para o Movimento da Gastronomia Social pode incluir, entre conexões e conectados, a comida desperdiçada por grandes comerciantes de alimentos *in natura*, o trabalho de voluntários, doações de comida, tempo, mão-de-obra, projetos de arte, certo tipo de design e arquitetura, pessoas em situação de rua, relações pessoais de amizade com o prefeito da cidade, um terreno na Lapa, trabalhadores remunerados, financiamento de grandes empresas de alimentos e do agronegócio, *chefs* de cozinha brasileiros e estrangeiros, redes sociais na internet, empreendedorismo, teleobjetivas e fotógrafos, por exemplo. O traçado dos cosmogramas pode também refletir o quão sensível à lista de associações heterogêneas estou eu, por exemplo, enquanto pessoa ocupada em traçá-las. As associações podem se dar por conveniência, podem ser de coexistência, de oposição e até mesmo de exclusão. As listas de entidades - construtores do ato, patrocinadores do Refettorio, signatários do manifesto - são interessantes cosmogramas, na medida em que põem à prova os agrupamentos diante da pergunta elementar: quem somos “nós” (os incluídos no arranjo) e quem são “eles”(os excluídos do arranjo). Como exemplos, temos a lista dos construtores do Banquete RJ (ver 2.1), na qual

a inclusão do nome Gastromotiva foi motivo para se retrair o cosmograma, já que as partes interessadas se reconheceram diante de uma dúvida, de uma incerteza. Daí a importância sintetizadora dos cosmogramas: é no calor das disputas que eles são lembrados.

O café-da-manhã relatado em 2.2.4 trouxe pistas do quê, afinal, busca se agregar sob a sigla da Gastronomia Social e seu movimento. Na “roda” de apresentação inicial, na qual todos dissemos nossos nomes e de “onde” somos, pode-se ouvir, nas falas de quem se apresentava, sotaques estrangeiros de quem se identificou como “*chef* de gastronomia social” mesclados a vozes indisfarçadamente “periféricas” de moradores de “complexos”, como são chamadas as grandes favelas no Rio de Janeiro, ex-alunos que passaram pelos cursos de empreendedorismo gastronômico-social ofertados pelo *Refettorio*. Quase nenhuma das vozes se declarou, de primeira, como “ativista da gastronomia social”, o que me fez imaginar que o movimento estava, justamente, buscando se conectar aos seus potenciais catalisadores. Minha impressão foi confirmada pela dinâmica final, na qual todos fomos convidados a falar, juntos, em voz alta, por três vezes, “eu sou gastronomia social”. No início do evento, poucos assim se identificaram.

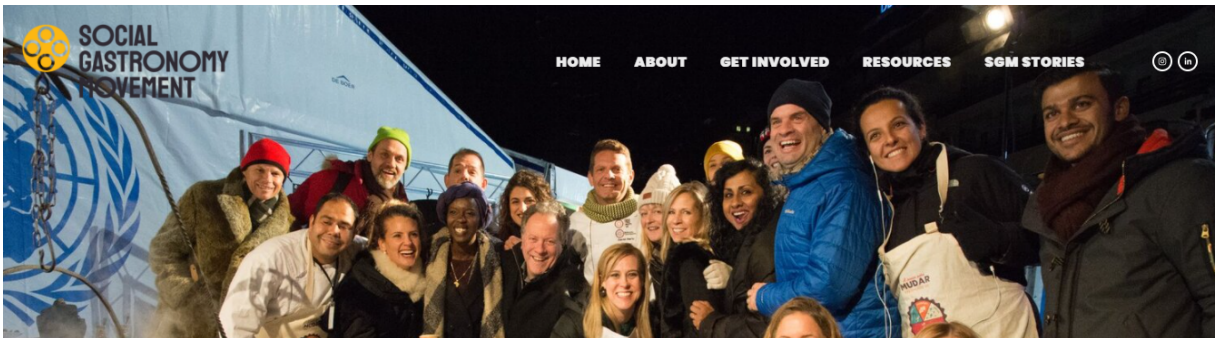
O *Social Gastronomy Movement* pode ser melhor compreendido pelo seu *website*, inteiramente em inglês, que informa que o movimento é uma “rede global” que conecta “comunidades locais” e que usa “o poder da comida para criar mudança social”. Essa foi, segundo o *site*, a visão que guiou o chef curitibano David Hertz a fundar o movimento. Seu perfil no *LinkedIn* o identifica como

Idealizador, co-fundador e articulador (*thinking partner*) do Movimento de Gastronomia Social, que se desenvolve por meio da colaboração com chefs e restaurantes, empreendedores sociais, líderes governamentais e empresariais. Ao mesmo tempo, incentiva e engaja o mercado de hospitalidade, os governos e a indústria de alimentos a se tornarem mais inclusivos e socialmente responsáveis para garantir a sustentabilidade de nosso sistema de alimentação e saúde.¹⁵

O movimento foi, portanto, recentemente criado e articulado por uma pessoa (ou por poucas pessoas), o que explica os sete cafés-da-manhã previstos para acontecerem após aquele em que estive presente. Um movimento social, afinal, precisa informar seus ativistas que eles fazem parte de um movimento. Com efeito, o SGM ficou “incubado” na Gastromotiva por dois anos e, em janeiro de 2018 foi oficialmente apresentado como tal durante o Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça. A imagem que se vê sob a aba “*our story*” é a de um grupo no qual David Hertz aparece ao centro, usando um dólma de cozinheiro com a marca da Gastromotiva (Figura 25). O grupo se encontra do lado de fora de uma tenda na qual se vê a marca da Organização das Nações Unidas.

¹⁵ Retirado de <<https://www.linkedin.com/in/david-hertz/?originalSubdomain=br>> Acesso em fev.2021

Figura 25 - Fundadores do *Social Gastronomy Movement*



Legenda: David Hertz e o grupo fundador do SGM no Fórum Econômico Mundial de Davos, Suíça.
Fonte: <https://www.socialgastronomy.org/our-story> Acesso em fev. 2021.

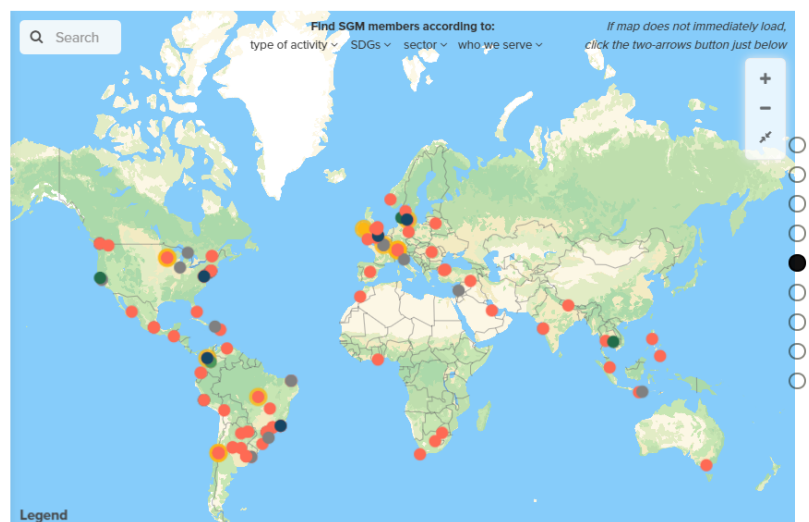
A articulação global de comunidades locais promovida por Hertz em seu movimento gastronômico-social pode ser visualizada em um mapa (Figura 26) no qual a legenda identifica pontos coloridos como catalisadores, especialistas, coordenadores de *hub*, organizadores e equipe.

Figura 26 - Mapa da comunidade global do SGM

Meet our Global Community...

Curious about Social Gastronomy? Check out this public version of our map where you can view our global movement. Meet all of the individuals and organizations that implement Social Gastronomy models, using the power of food to create local change.

Stuck in the middle of the Atlantic Ocean? Don't fret! Just click the two arrows in the upper-right hand corner of the map to view the entire world.

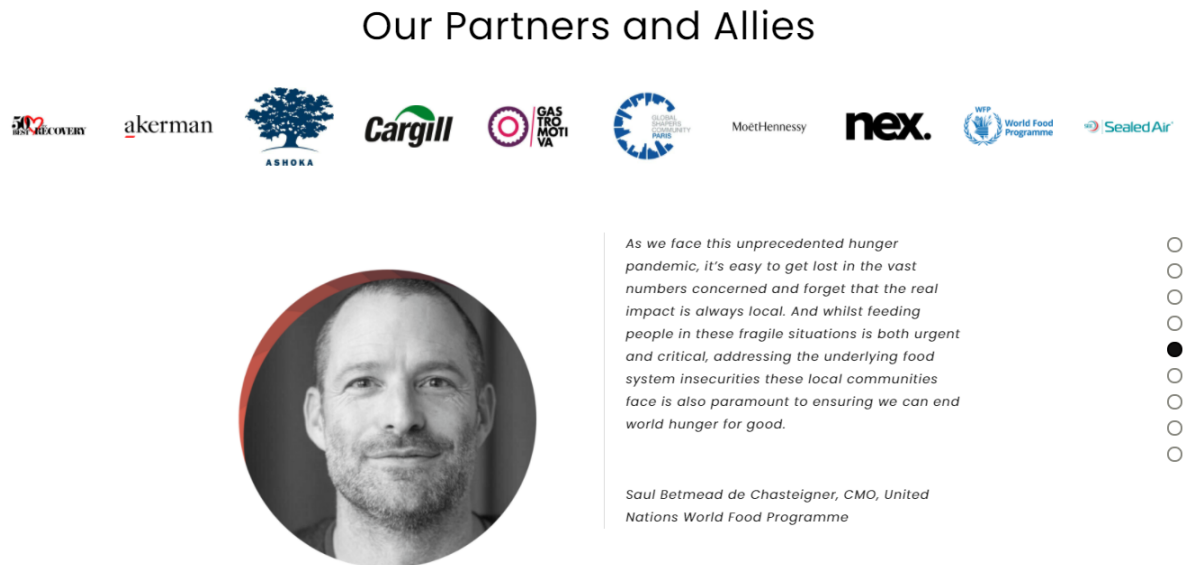


Legenda: Captura de tela mostra mapa interativo na página inicial do SGM
Fonte: <https://www.socialgastronomy.org/> Acesso em fev. 2021

No *website* são comunicadas também as indefectíveis “parcerias” e “aliados” do SGM, na forma de marcas institucionais. Entre elas, a Gastromotiva e a Cargill, juntamente com um pequeno texto atribuído ao CMO (*Chief Marketing Officer*) do programa das Nações Unidas para a Alimentação. Novamente, destacamos as listas nominiais - parceiros, aliados, apoiadores, patrocinadores, construtores, signatários - como formas que permitem o traçado

imediatamente de quem e do quê se associa sob determinado projeto de mundo ordenado, bem como quem ou o quê não se associa ao arranjo. (Figura 27).

Figura 27 - Parcerias do Movimento da Gastronomia Social



Legenda: Captura de tela do *site* do SGM mostra as marcas das entidades parceiras.

Fonte: <https://www.socialgastronomy.org/> Acesso em fev. 2021.

Através dos primeiros relatos de campo, já é perceptível o esforço dessa rede em construir “acordos gerais de paz” sobre questões nada pacificadas. A forma de sugerir esses acordos de estabilização sobre questões controversas foi, no caso do *e-mail* enviado pelo SGM para a horta da General Glicério, pela linguagem um tanto sedutora, associando a Gastromotiva à atores globais e/ou internacionais, pelos convites com aspecto de “oportunidades imperdíveis”, porém pouco claros sobre o que propunham aos destinatários do *e-mail*. A percepção de todos os convites sedutores e aparentemente imperdíveis como - nas palavras de uma pessoa da horta - “trabalho extra”, só veio depois de alguma discussão sobre o que ali se apresentava, tornando claro para nós que transformar questões de interesse em questões de fato é uma estratégia presente entre aquelas utilizadas por atores que se interessam por conservar certos ordenamento da rede que compõem.

Não somente pela linguagem, mas também pelas materialidades e visualidades, é notável o trabalho de estabilização específico praticado no lado par da Rua da Lapa. Valores tradicionais de amor e compaixão podem aparecer em objetos como a obra de arte que reproduz a última ceia de Cristo, e também nas visualidades projetadas para o *website* e para as redes sociais das entidades associadas ao Movimento da Gastronomia Social. As expressões materiais e visuais evocam algo que, embora vago, direciona para aprovações

totais, coisas contra as quais ninguém costuma ser: combater a fome, o desperdício de comida, servir aos necessitados, aos excluídos, amar, ser grato, ser solidário. No Capítulo 3 veremos como esses “acordos gerais” pelos quais a Gastromotiva se apresenta acabam por ser um dos “serviços” que ela vende a outras partes interessadas na estabilização do arranjo agroalimentar que elas compõem. O dinheiro que patrocina a existência do *Refettorio* é conseguido graças a essa oferta de associação com valores sobre os quais vigora um acordo evidente. Por que razão há, por parte das entidades patrocinadoras, o interesse em se vincular a valores tão indiscutíveis?

A Figura 28 ilustra graficamente uma certa composição do arranjo agroalimentar que dá existência à refeição servida no *Refettorio*. Essa representação gráfica contém elementos já mencionados no texto e é uma expressão visual dos relatos sobre a rede que se conforma a partir do lado par da Rua da Lapa. A comparação das redes continua com os próximos relatos e descrições do outro caso na rua da Lapa tomado como ponto de partida para se traçar a rede agroalimentar. Embora próximo fisicamente do *Refettorio*, a rede que se desenha a partir do espaço de comercialização Terra Crioula é bem diversa dessa primeira associação de atores e motivos esboçada a partir da Gastromotiva.

Figura 28 - Rede agroalimentar conformada a partir do lado par da Rua da Lapa



Legenda: A rede heterogênea de atores-rede que conforma a comida servida no *Refettorio* Gastromotiva.
Fonte: a autora, 2022.

2.3 Terra Crioula

O espaço de comercialização Terra Crioula nasceu em 2010 como um braço do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) para a comercialização de produtos da Reforma Agrária no estado do Rio de Janeiro. Esse “espaço”, uma espécie de feira, reúne a produção de assentamentos rurais e acampamentos da reforma agrária para comercialização no varejo e na forma de “cestas da reforma agrária”. A feira quinzenal acontece dentro de um sobrado (Figura 29) alugado pelo mandato do vereador Renato Cinco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e cedido para que o evento aconteça. O nome do espaço que funciona no sobrado alugado – Espaço Plínio de Arruda Sampaio – é uma homenagem ao advogado, intelectual e ativista político brasileiro, filiado ao PSOL, candidato à presidência da república do Brasil nas eleições de 2010 e falecido em 2014. No Espaço Plínio, como é familiarmente chamado pelos frequentadores, acontecem, além da feira do Terra Crioula, palestras, reuniões, ensaios e festas, fazendo do sobrado um espaço de múltiplos usos por diversos coletivos, além do Terra Crioula e do MST.

Figura 29 – Espaço Terra Crioula no sobrado 107, na Lapa, RJ.



Legenda: Fachada do sobrado nº 107 na Rua da Lapa, Rio de Janeiro
Fonte: <<https://www.facebook.com/MovimentoSemTerra/posts/3018509384888422/>> Acesso em mar.2020.

2.3.1 Almoço no Terra Crioula - relato de campo

Entro por uma das três portas abertas ao rés-do-chão do sobrado, que de original, só tem a fachada. A reforma do interior é recente: vigas de aço aparentes, mezaninos desencontrados, escadas de ferro que, quando se sobe, vê-se o quão inacabada a obra ainda está. Mas a pequena feira parece bem instalada em bancadas sobre cavaletes, com frutas, verduras, legumes, cereais, produtos de indústrias caseiras, pães, bolos, conservas, bolsas de algodão e camisetas estampadas em serigrafia. Uma grande bandeira vermelha do MST está pendurada em local evidente, assim como um grande quadrado de tecido branco com a marca do Terra Crioula. Mais para o meio do salão há algumas mesas de plástico cobertas com chita estampada de flores. Sobre as mesas, cardápios da Culinária da Terra, outro “espaço de comercialização”, só que de comida preparada e servida na forma de refeições.

Sento em uma cadeira de plástico próxima a uma das mesas cobertas de chita. Vejo no cardápio as opções para o almoço: galinhada com purê de batata-doce e nhoque de batata-doce com pesto de rúcula. Há um *grafitte* na parede à minha frente: o perfil de da vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018, e uma favela como fundo da composição. Logo vejo o professor Ivan Bursztyrn, do curso de bacharelado em gastronomia da UFRJ e que conheci no café-da-manhã da Gastromotiva. Ele vem anotar meu pedido e responde algumas perguntas que faço sobre a Culinária da Terra e a presença dele ali. Há um projeto de extensão universitária no qual os alunos do curso de gastronomia cuidam da elaboração e preparo das refeições ali servidas. Os ingredientes são produtos dos assentamentos e a mão-de-obra é do grupo que promove o Terra Crioula e algumas alunas e alunos de Ivan. Ele mesmo estava ali na função de garçom.

Peço nhoque de batata-doce com pesto de rúcula. A refeição logo chega em um prato de vidro transparente, junto com talheres de metal com cabos de plástico. Como cheguei cedo, minutos depois das 12h, o restaurante improvisado ainda estava com suas mesas vazias, mas enquanto almoço vejo o movimento crescer, as mesas serem ocupadas e o professor Ivan cada vez mais atarefado em recolher os pedidos e trazer as refeições. Observo o cardápio impresso em uma folha de papel A4 e protegido por um envelope plástico transparente com duas perfurações características na borda esquerda, originalmente para se guardar o envelope em um fichário ou pasta com trilho, mas no cardápio da Culinária da Terra as perfurações receberam um laço decorativo feito com uma estreita faixa da mesma chita estampada que cobre as mesas.

Termino de almoçar e logo Ivan vem recolher o prato, me perguntando se a comida estava boa e me pedindo que entrasse em certa página ou certo aplicativo para mandar minha avaliação sobre a Culinária da Terra. Prometo que farei isso, agradeço o serviço e elogio a comida. Ele se afasta para atender mais um cliente e eu me dirijo ao canto onde uma moça atrás de uma mesa recebe os pagamentos em um caixa improvisado.

2.3.2 Terra Crioula na internet

O espaço de comercialização Terra Crioula pode ser definido como uma certa estabilização de rede que possibilita certa circulação de comida nos dutos do lado ímpar da Rua da Lapa. Não é a única, é mais uma delas. O Armazém do Campo, a Feira Cícero Guedes, as cestas por assinatura são outros circuitos por onde escoam a produção dos acampados e assentados pela reforma agrária. Na rede organizada para que o Terra Crioula aconteça há muitos elementos heterogêneos conectados, a maioria, do estado do Rio de Janeiro. É uma rede que organiza a compra e a venda de produtos cultivados no estado, assentamentos e acampamentos organizados em “regionais” norte e sul fluminense. O espaço comercializa também os agroindustrializados das cooperativas de outros estados do Brasil. As frutas, legumes e hortaliças vêm das regionais sul e norte fluminense, as regionais são um conjunto de assentamentos e acampamentos geograficamente próximos.

A pandemia veio interromper uma das “manifestações” do Terra Crioula, a feira quinzenal no espaço Plínio Arruda Sampaio, que já se encaminhava para o terceiro ano de conexões estabilizadas. O sobrado de número 107 foi devolvido ao locador pelo mandato do vereador carioca Renato Cinco. Já não havia sentido em manter o espaço se não mais aconteciam ali as atividades que aglomeravam pessoas no recinto. Nos primeiros meses de isolamento, algumas entregas de produtos adquiridos no Terra Crioula aconteceram na sede do Armazém do Campo, também na Lapa, na Rua Mem de Sá. Em outubro de 2020 houve eleições para a câmara municipal e Renato Cinco não foi reeleito vereador. O espaço Terra Crioula, porém, continuou existindo, não só comercializando comida por meios virtuais e entregando nos pontos anunciados previamente aos seus consumidores, como também por suas produções imateriais, seu *podcast*, seus perfis nas redes sociais e em notícias na página do MST (Figura 30).

Figura 30 – Terra Crioula na página do MST



Legenda: Notícias sobre o espaço de comercialização Terra Crioula na página do MST.

Fontes: (a) <<https://mst.org.br/2018/02/21/espaco-de-comercializacao-terra-crioula-se-consolida-na-lapa-centro-do-rio-de-janeiro/>> (b) <<https://mst.org.br/2019/08/22/espaco-da-terra-crioula-completa-2-anos-no-centro-do-rio-de-janeiro/>> Acessos: maio de 2020.

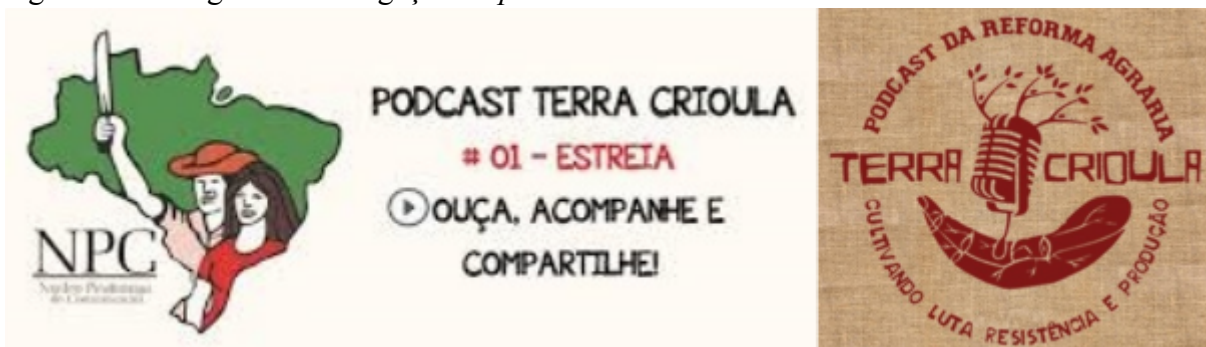
Buscando na internet, tomo conhecimento que já existem 5 episódios do *podcast* Terra Crioula. Eles têm duração de 8 a 13 minutos e trazem informações, notícias e entrevistas com pessoas que compõem a rede do MST no estado do Rio de Janeiro.

É com muito entusiasmo que nós do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Rio de Janeiro (MST-RJ) estamos dando início a esse projeto em conjunto com o Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC). O *podcast* Terra Crioula é mais uma ferramenta de comunicação do MST-RJ com o objetivo de expandir nosso alcance nas redes, trazendo informação sobre temas como reforma agrária, meio ambiente, alimentação e agroecologia.¹⁶

Ouvindo os episódios fico sabendo um pouco mais sobre os assentados e acampados no Rio de Janeiro e sobre o curso de formação de comunicadores populares oferecido pelo Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) a pessoas do MST interessadas, como Rute Rodrigues e Vitor Gabriel, que apresentam o *podcast*. A parceria NPC-MST é comunicada tanto visualmente como nas vozes dos apresentadores do *podcast*, que citam a associação em todos os episódios já lançados (Figura 31).

¹⁶<<https://soundcloud.com/terra-crioula-593683699/terra-crioula-cultivando-luta-resistencia-e-producao>> Acesso em dezembro de 2020.

Figura 31 – Imagens de divulgação do *podcast* Terra Crioula



Legenda: Comunicação visual da parceria NPC – MST e marca Terra Crioula adaptada para a versão *podcast*, com um microfone ao centro e o título “*podcast* da reforma agrária”.

Fontes: <https://www.facebook.com/watch/?v=587604198812694> e

<https://www.listennotes.com/podcasts/terra-crioula-mst-rj-8CxGlyB69Fb/> Acessos em dezembro de 2020.

2.3.3 Compras no Terra Crioula - relato de campo

Em uma tarde de outubro de 2019, após almoçar com João Sarmento e Bibiana Serpa, colegas da representação discente da pós-graduação, em um restaurante na Rua da Lapa, caminhando de volta para a ESDI, passamos em frente ao sobrado de número 107 e vimos que era dia de Terra Crioula. As três portas do sobrado estavam abertas e as bancadas montadas. As bandeiras costumeiramente penduradas nas vigas faziam fundo para os produtos à venda que, àquela hora da tarde, eram doces e conservas de pimentas em potes de vidro, pães, bolos, arroz, café, pois as verduras e frutas mais frescas já haviam sido vendidas e escoadas nas cestas de produtos.

Entramos e começamos a olhar o que havia para ser comprado. João conversa com um homem atrás da bancada e logo vejo que adquiriu uma penca de bananas. Não era uma dúzia, ou um cacho: era uma penca, na forma como as bananas nascem na bananeira. Devia haver umas trinta bananas ali, ainda verdes, mas que “com certeza vão amadurecer”, de acordo com o vendedor. Vejo que há produtos embalados à venda e que os laticínios trazem as marcas das cooperativas produtoras e do MST em embalagens *tetra-pack* idênticas às encontradas comumente nos supermercados. Compro um bolinho de chaya de sobremesa e olho algumas camisetas serigrafadas expostas em uma arara. Bibiana passa os cabides com camisetas ao meu lado e exclama “olha essa!”, até que paramos em uma camiseta que traz a imagem de mãos semeando a terra e, nas sementes, palavras como paz, liberdade, autonomia.

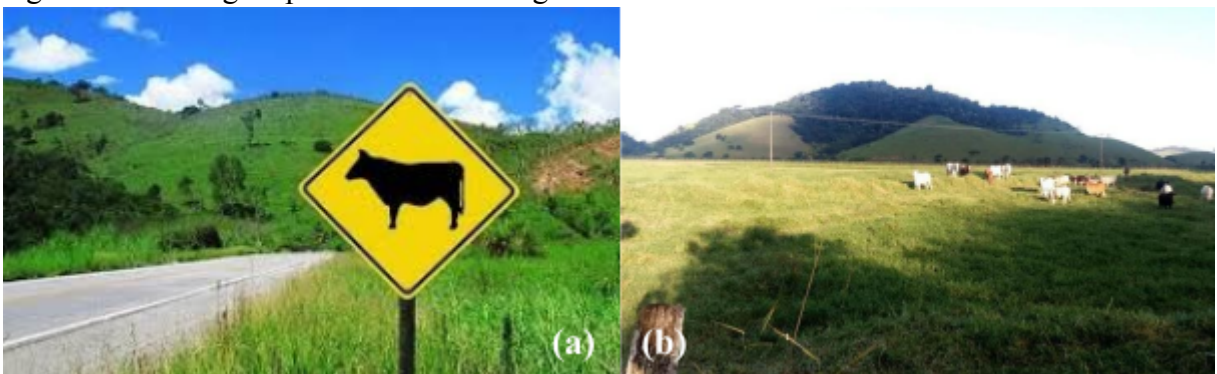
Demoramos-nos mais tempo observando o desenho que parecia uma xilogravura, impresso em tinta preta sobre uma camisa branca.

Nossa contemplação é interrompida por João, que me avisa apontando para o outro lado da rua: “olha lá umas pessoas saindo do teu objeto de estudo!”. Nós três chegamos na soleira do sobrado e ficamos assistindo as pessoas que saem pela porta de plástico entreaberta do *Refettorio* Gastromotiva. É um pequeno grupo de homens de gravata seguido por uma mulher que veste uma camiseta impressa em caracteres *bold* e sem serifa, ocupando quase todo o espaço da frente com a frase “*food is a tool for social change*”.

2.3.4 Ocupação Edson Nogueira - relato de campo

Na estrada RJ162, em Córrego do Ouro, a paisagem predominante mostra pastagens e o gado bovino que nelas se cria. As curvas da estrada se sucedem e eventualmente vê-se um curral ou uma placa alertando sobre “boi na pista”. (Figura 32).

Figura 32 – Paisagem predominante na região de Macaé no norte fluminense



Legenda: Pecuária na paisagem de Córrego do Ouro, Macaé-RJ

Fonte: (a) <<http://www.sts.com.br/informativos/139/boi-na-pista---autopista-indenizara-acidente>> (b) <<https://www.imovelweb.com.br/propriedades/fazenda-corrego-do-ouro-maca-e-rj-2945109955.html>> Acessos em fev. 2021.

Até que uma curva mostra, ao longe, o *acampamento*: bandeiras vermelhas fincadas em longos bambus e os indefectíveis barracos de lona (Figura 33a). É para lá que vou, levada por Izaura, professora da rede pública de ensino do município de Macaé. Ela freia o Fusca próximo à cerca e desliga o motor. Descemos do carro e nos aproximamos a pé da entrada da Ocupação Edson Nogueira, do Movimento dos Sem Terra. Há algumas pessoas ali na frente: uma jovem grávida, algumas crianças. Um homem manobra uma caminhonete onde leio “aluguel de mesas e cadeiras para eventos” e estaciona embaixo das frondosas mangueiras

agrupadas ali perto. Falamos “bom dia” e ouvimos “bom dia” do pequeno grupo, sem saber muito ao certo quem nos saudava, já que tínhamos máscaras de tecido cobrindo a parte de baixo de nossas faces. Apresentamo-nos – Izaura como moradora da região, professora de alguns sem-terra e eu como sua amiga que queria conhecer a ocupação. Logo a porteira está aberta, um homem com sotaque nordestino se aproxima, diz que somos bem-vindas, se oferece para nos mostrar o acampamento, diz a um menino “corre ali na cozinha, pega a chave da escola”.

Uma *escola de agroecologia*: esse era, desde 21 de abril de 2018, o motivo da Ocupação Edson Nogueira (Figura 33b). Caminhando pelo acampamento tenho duas impressões contrastantes: uma de caos e outra de ordem. Paredes de *barracos* visivelmente construídas com materiais heterogêneos formando padrões caóticos com seus retalhos encaixados. Pedacos de *banners* publicitários, tapumes de obra, lonas pretas e coloridas se juntam para compor as paredes. Os barracos, porém, formam uma “rua” muito reta e parecem todos ter o mesmo tamanho e formato, mantendo um espaçamento regular entre si. Entre eles, crescem girassóis e touceiras de cana-de-açúcar. Uma armação de bambus sustenta um pé de maracujá e entre as maiores distâncias ainda se vê o onipresente capim braquiária (*brachiaria urochloa*), gramínea forrageira nativa da África, aqui introduzida para fazer da pecuária uma atividade lucrativa e, do Brasil, o maior exportador de carne do mundo.

Figura 33 – Ocupação Edson Nogueira, Córrego do Ouro, Macaé – RJ



Legenda: Imagens relacionadas ao acampamento Edson Nogueira publicadas na internet.

Fontes: (a)(b) <<https://mst.org.br/2019/02/21/familias-sem-terra-comemoram-a-aprovacao-de-unidade-pedagogica-no-rio-de-janeiro/>> (c) <<https://www.brasildefatorj.com.br/2019/02/21/acampamento-da-mst-inaugura-escola-agroecologica-em-macaee-rj>> Acessos em fevereiro de 2021.

Um homem empurra um carrinho-de-mão e cumprimenta Djalma, o cicerone que nos conduz em direção ao maior de todos os barracos: a *escola*. O barracão tem uma porta, o que me provoca novamente a dupla impressão de contraste: no meio de paredes tão improvisadas, uma porta com dobradiças e fechadura transmitia a sensação de que algo ali fora projetado antes de ser construído. Dentro do recinto, vejo que os tapumes de madeira rosada têm tomadas elétricas encaixadas, embora o acampamento não conte com eletricidade em suas instalações. Seria uma previsão otimista? Ou os acampados dispunham de algum gerador para

a escola? Além das tomadas, no centro do recinto, pendurado na armação triangular que sustenta as telhas de amianto, vejo um suporte para projetor construído com pequenas tábuas e pregos, na característica improvisação das coisas do lugar. Alguns quadros coloridos pintados pelos acampados decoram as paredes. Em um dos tapumes rosados, um desenho feito com giz branco reproduz vagamente as figuras humanas masculina e feminina presentes na marca do MST. O mobiliário são as tradicionais carteiras escolares – assentos individuais com um pequeno apoio acoplado que serve de mesa. São carteiras escolares desiguais: algumas são de madeira, outras de fibra de vidro. Todas, porém, mostram sinais de desgaste: as lâminas da madeira compensada já bastante descoladas, as muitas camadas de pintura sobre a fibra de vidro moldada que descascam e exibem a superposição das demãos de tinta que receberam ao longo do tempo. Há, em todo o perímetro da sala, um vão entre a borda superior das paredes e o telhado. Como não vi janelas, calculei que o vão promovia a ventilação passiva do local, expulsando ar quente do interior. É por esse vão que também entra alguma luminosidade, atenuada por uma estreita cortina de pano vermelho. A luz do dia, filtrada pelo pano vermelho, torna mais avermelhado o interior do barracão, gravando em minha memória uma característica tantas vezes percebida nas imagens divulgadas pela internet.

Djalma conta que é da coordenação nacional do MST e veio de Pernambuco há dois anos para ajudar a organizar o movimento no Rio de Janeiro. Diz que “lá no nordeste o movimento tem mais força” e conquista mais rapidamente as demandas. Os principais adversários do MST na região norte fluminense são os pecuaristas, que reivindicam que no terreno ocupado seja construído um abatedouro municipal para o escoamento da carne bovina, e não uma escola de agroecologia. Ele argumenta que um abatedouro servirá aos criadores de gado e uma escola servirá à *sociedade*. Djalma cita o fato de o acampamento Edson Nogueira ainda não ter eletricidade dizendo que é o único acampamento sem luz que ele já conheceu, mas ao mesmo tempo receia que fazer um “gato” a partir de um poste da estrada ou qualquer ligação clandestina de algum serviço público possa atrapalhar o processo de conseguir o terreno, contando como uma acusação contra os acampados. Diz que, à noite, o que se vê são os *fifós* (lâmparas feitas com latas e um pavio de algodão) iluminando o interior dos barracos.

Nosso interlocutor ainda nos conta que já veio gente da UFF e da UFRJ dar aulas na escola, que as aulas são frequentadas tanto por “gente do movimento” como por pessoas da região interessadas em aprender a plantar de forma agroecológica, que a pandemia forçou a interrupção dos cursos e nos convida para almoçar “com a companheirada” ali no

acampamento. Apesar do céu nublado, o mormaço nos lembra que já deve ser meio-dia e do barracão-cozinha o cheiro de comida anuncia que é hora de almoçar.

2.3.5 Almoço no acampamento - relato de campo

Caminhamos em direção à cozinha, que tem uma grande janela com um balcão largo através do qual as pessoas que se aproximam falam com quem está lá dentro, entregam e pegam coisas. Quando chegamos mais perto, pude ler em um quadro pintado de preto e escrito com giz branco, alguns nomes em uma lista intitulada “segurança”. Havia nomes de homens e de mulheres na escala, o que me fez lembrar que é vedado o porte de qualquer arma de fogo dentro de acampamentos e assentamentos do MST. Imagino que fazer a segurança do lugar é ficar de olho na estrada e na porteira, como estavam a mulher e as crianças que nos saudaram quando chegamos.

Chegamos na varanda da cozinha e pela janela-balcão vejo o fogão à lenha e uma grande mesa. Dentro da cozinha é bem mais escuro e meus olhos demoram um pouco para conseguir enxergar os detalhes do que há dentro do recinto. Vejo que as panelas e vasilhas parecem bastante usadas, consertadas, remendadas. A mulher dentro da cozinha oferece álcool para as pessoas limparem as mãos. Ouço Djalma explicar à mulher que “as visitas vão almoçar aqui hoje” ao que a mulher responde com uma ordem a uma das crianças na varanda da cozinha: “vai lá na casa de Tonha ver duas vasilhas pra elas”. É então que reparo que as refeições são servidas em caixas de plástico, reaproveitamento de embalagens de 2 litros de sorvete. Recebemos nossas refeições já montadas na caixinha: arroz, feijão, macarrão e peixe frito. Eu e Izaura avisamos que “é muita comida, a gente não come tanto assim”, e a moça então retira parte da comida, recolocando nas panelas sobre a mesa e o fogão à lenha. Lembro do documentário “Terra para Rose”, feito em 1986, na primeira ocupação por sem-terra. Uma das entrevistadas reclamava que não podiam começar a plantar enquanto o INCRA não desapropriasse o latifúndio e assentasse as famílias, e que, enquanto isso, eram obrigados a “comer comida seca, sem um legume, uma verdura, uma salada”. Com efeito, na parede externa da cozinha, pude ler a lista de produtos “não perecíveis” que a ocupação aceitava como doação.

Caminhamos com nossas refeições para a área de reuniões, demarcada por três grandes e antigas mangueiras que sombreavam o local, tornando-o fresco mesmo sob o mormaço do

meio-dia. Sentamos nos bancos compridos que formavam uma espécie de círculo. O chão ali era compactado, limpo de qualquer mato. Puxo conversa com um homem que me conta que é de Araruama (região dos lagos, estado do RJ) e que está no movimento há pouco mais de dois meses. Diz que veio com a mulher, e que os filhos, por serem já adultos, estavam “pelo mundo”. Um deles veio visitá-los no acampamento, mas não ficou. Diz que entrou no MST por conta do desemprego e, mesmo com pouco tempo, já assumira uma das coordenações. Conta que, como coordenador, frequenta muitas reuniões, nas quais aprecia ouvir os outros coordenadores “que sabem falar muito bem” (Figura 33c). Logo pergunto se posso assistir uma reunião. “Claro!” ele responde, “você vai gostar, é cheio de gente filmando tudo, essa semana pararam por conta do carnaval, mas semana que vem já recomeçam”.

Terminamos de almoçar e voltamos ao balcão da cozinha para devolver as caixas e os garfos. Pedimos desculpa por ter deixado ainda alguma comida na vasilha e a moça atrás do balcão logo desfaz nosso constrangimento dizendo que tem muitos cachorrinhos ali que comem os restos. O nome dela é Janaína e parece ser uma liderança das mais ocupadas. O homem com quem conversei durante o almoço nos fala que “ela foi chamada pra coordenação de comunicação”, ao que Janaína prontamente responde que ainda está pensando se assume, pois é uma grande responsabilidade, que ela já coordena a cozinha coletiva, que a coordenação das crianças ainda precisa de alguém e que não pode “deixar ninguém na mão.” Janaína explica-se com grande desenvoltura e me causa a impressão de ser uma boa escolha para coordenar qualquer coisa dentro do movimento.

Fazemos nossos agradecimentos pela acolhida, nos despedimos e caminhamos de volta ao Fusca estacionado no acostamento da RJ162. Falo sobre a curiosidade que tenho de estar presente em uma das célebres assembleias do MST aguçada pelo entusiasmo com que o homem as descreveu. Participar de assembleias é uma das “obrigações” que quem faz parte de movimento social precisa cumprir, mas para ele parecia um presente. Izaura lembra do irmão de Edenildo, sem-terra que lhe prestara alguns serviços. Diz que há um brilho nos olhos dele quando fala das marchas do MST. (Figura 34) Participar das marchas é outra das “obrigações” para com o movimento, mas, na fala do rapaz, era o que ele mais aguardava acontecer: os preparativos, os ônibus que levam “a companheirada” até Brasília, as bandeiras, as cantorias, a formação em longas colunas que caminham pelas estradas por dias, semanas. Lembro que o costume de caminhar em fileiras também existe nos movimentos por moradia nas cidades: os sem-teto também marcham em colunas. Marchas são movimentações que demandam organização e talvez a experiência extrema de montar e desmontar cozinhas e abrigos em

grupos que, ao mesmo tempo, se deslocam, tenha como efeito uma certa compreensão prática de um projeto comum de realidade.

Figura 34 – Marchas do MST



Legenda: Trabalhadores sem-terra em marcha pelo Brasil.

Fontes:(a)<<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2011/10/conheca-os-principios-do-mst-para-promover-o-trabalhador-do-campo.html>>(b)<<https://dceufpr.wordpress.com/2008/07/17/mst-realiza-marcha-no-parana-contracriminalizacao-do-movimento/>>(c)<<https://www.otempo.com.br/hotsites/elei%C3%A7%C3%B5es-2018/mst-promove-marcha-ate-brasilia-em-ato-pela-candidatura-de-lula-1.2012434>> Acessos em fev. 2021.

2.3.6 Conectando elementos da rede: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento de ativismo político e social brasileiro de inspiração marxista. Surgiu como oposição ao modelo de reforma agrária do regime militar nos anos 70, que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, como as áreas ao longo da rodovia Transamazônica, com objetivo de exportação de excedentes populacionais e integração estratégica.

O modelo de colonização revelou-se, no entender do movimento, inadequado e eventualmente catastrófico para centenas de famílias, que acabaram abandonadas, isoladas em um ambiente inóspito, condenadas a cultivar terras que se revelaram impróprias para o uso agrícola. Contrariamente a esse modelo, o MST busca a redistribuição das terras improdutivas, alegando que a expansão da fronteira agrícola, os megaprojetos — dos quais as barragens são o exemplo típico — e a mecanização da agricultura contribuíram para eliminar as pequenas e médias unidades de produção agrícola e concentrar a propriedade da terra.

A fundação do que hoje conhecemos pela sigla MST aconteceu, segundo a aba “nossa história” do *website* oficial do movimento, no ano de 1984, na cidade de Cascavel, no Paraná, quando se deu o Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra. (Figura 35).

Figura 35 - Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, 1984.



Legenda: Imagens do Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, no qual foi fundado o MST.
 Fonte: <<https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>> Acesso em fev.2021

A expressão “trabalhador sem terra” nasceu junto com a fundação do movimento, conforme explica Darci Maschio, assentado da reforma agrária no Rio Grande do Sul, em depoimento para a diretora Tetê Moraes, no documentário Terra para Rose, de 1986. Antes de se identificarem como sem-terra (agora com hífen, já denominando aqueles que são do movimento), eram chamados de peão, meeiro, arrendatário, bóia-fria, trabalhador sazonal. O movimento reuniu “posseiros, atingidos por barragens, migrantes, parceiros, pequenos agricultores... trabalhadores rurais sem terra, [...] desprovidos do seu direito de produzir alimentos.”¹⁷ A fundação do MST se dá no mesmo contexto histórico do movimento pela volta das eleições diretas para presidente - o Diretas Já - e herda o legado de movimentos antecedentes como as Comunidades Eclesiais de Base, a Romaria da Terra e as Ligas Camponesas.

Em 29 de outubro de 1986, 1.500 famílias realizam o que viria a ser o primeiro de muitos atos semelhantes: a ocupação da Fazenda Anoni, com 8.000 hectares, no Rio Grande do Sul. Ao cortarem a cerca e montarem os primeiros barracos de lona preta, as quase 5.000 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, também realizaram, ao seu modo, uma inauguração. A “lona preta” é apresentada como um dos símbolos do movimento (Figura 36):

A lona preta é mais do que uma barraca, é um rito de passagem, um símbolo presente na transição entre o acampamento e o assentamento das famílias Sem Terra, o caminho para a conquista da terra. É símbolo da luta pela Reforma Agrária que as mais de 120 mil famílias acampadas em todo o Brasil carregam. A lona preta é o retrato da luta cotidiana do Movimento contra o latifúndio, a segregação e as injustiças sociais que tanto castigam esse país.¹⁸

¹⁷ Informações disponíveis em <<https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>> Acesso em fevereiro de 2021.

¹⁸ Em <https://mst.org.br/nossos-simbolos/> Acesso em fevereiro de 2021.

Figura 36 - Barracas de lona preta, símbolo do MST



Legenda: Acampamentos em ocupações de terras pelo MST
 Fonte: <https://mst.org.br/nossos-simbolos/> Acesso em fev. 2021.

As famílias já assentadas em lotes da reforma agrária costumam organizar o trabalho em cooperativas de produção, que são, atualmente, 160 espalhadas por todo o país. O *site* do MST ainda nos informa que, além das cooperativas, existem 120 agroindústrias, 1.900 associações e 400 mil famílias assentadas. O movimento, presente em 24 estados, se articula em “setores”: frente de massas, formação, educação, produção, comunicação, projetos, gênero, direitos humanos, saúde, finanças, relações internacionais e LGBT. Entre suas formas de luta estão as ocupações de terras, de prédios públicos, acampamentos diante de bancos, marchas e vigílias.

Figura 37 - La Via Campesina, parceria do MST



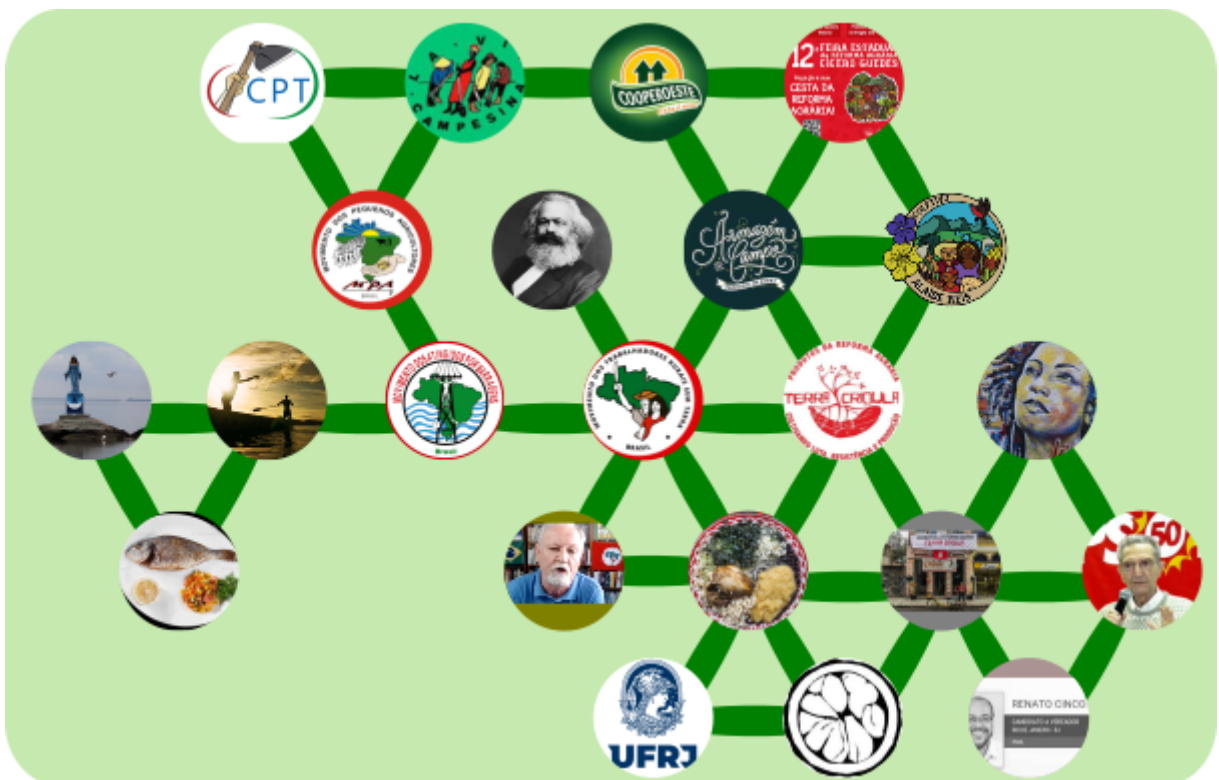
Legenda: Marchas pela reforma agrária e parceria com a Via Campesina
 Fonte: <https://mst.org.br/nossa-historia/hoje/> Acesso em fevereiro 2021

Embora o movimento se recuse a apontar um indivíduo como seu fundador, o nome do economista gaúcho João Pedro Stedile é predominantemente lembrado como tal, além de ser também um dos coordenadores nacionais do movimento. O MST conta ainda com a parceria e o apoio de outros movimentos camponeses como o MPA (Movimento dos

Pequenos Agricultores), a Comissão Pastoral da Terra e a Via Campesina (Figura 37), articulação internacional de movimentos camponeses.

Os relatos no espaço Terra Crioula e no acampamento Edson Nogueira deixam perceber a rede por janelas atencionais pequenas e próximas. Olhar para a rede através dessas janelas faz compreender que tudo que se parece com um ator pode também ser percebido como uma rede de entidades associadas. O que cria a identificação é a associação das entidades em torno de um específico objetivo comum para certo momento. A circunstancialidade que ordenou a ocupação em Córrego do Ouro de um terreno da prefeitura de Macaé não é a mesma que aglutinou a cooperativa de laticínios do extremo oeste de Santa Catarina, cujos produtos podem ser comprados no espaço Terra Crioula, no Rio de Janeiro. Todavia, tanto a Ocupação Edson Nogueira como a COOPEROESTE se encontram sob o mesmo cosmograma traçado na bandeira do MST fincada na terra ocupada e impressa nas caixinhas que embalam o leite da cooperativa catarinense. (Figura 38)

Figura 38 - Rede agroalimentar conformada a partir do lado ímpar da Rua da Lapa



Legenda: A rede heterogênea de atores-rede que conforma a comida servida no Terra Crioula / MST.
Fonte: a autora, 2022.

Como atores-redes mobilizam, sobrepõem e dão coesão às muitas pequenas peças que os compõem? Olhando de perto, o nome Janaína, da mulher que serviu as refeições na ocupação, fez Izaura, professora da rede municipal de Macaé, lembrar que Janaína é um nome

comumente encontrado entre os nomes das estudantes da rede de ensino público do município em que vivem. Rapidamente relacionamos a maior ocorrência do nome Janaína entre as meninas nascidas na região com a atividade pesqueira, tradicional no norte fluminense. Janaína é um dos nomes para Iemanjá. Para as religiões de matriz africana é ela quem decide o destino de todos aqueles que entram no mar. É um motivo para os pescadores batizarem as filhas com um dos nomes da divindade que os agrupa em uma fé. Lembramos que a refeição simples que Janaína nos serviu continha um peixinho frito junto com o feijão e o arroz. O arranjo produtivo que pesca aquilo que se come no almoço diário é um aglutinador de entidades mantidas suficientemente coesas para serem percebidas como um agente. Quando comemos um peixe no acampamento do MST, toda uma rede diversa, conectada às custas de contínuas estabilizações em um projeto de mundo, age junto com quem come.

2.4 Redes que sustentamos quando nos alimentamos

A partir de uma controvérsia e dois pratos de comida começamos a conectar duas diferentes redes de coisas associadas. A pergunta “o que você sustenta quando se alimenta?” serviu de pretexto para o início do desenho de um mapa de atores e agências que se associam em função da nossa alimentação. A teia de agências distribuídas aos elementos conectados em função de comida não é estável nem ordenada com hierarquias do tipo centro-borda, início-fim. Tudo o que percebemos como ator é também perceptível como rede. A rede de agências é um modo de criar sentido e falar sobre os processos de conformação de nossas refeições.

As conexões das redes agroalimentares em questão se tornaram traçáveis a partir da controvérsia observada no ato político do Banquetaço Nacional pela volta do CONSEA. As controvérsias, como explicamos no Capítulo 1, são boas oportunidades para observarmos as associações de atores em suas formas ainda não estabilizadas. É nas controvérsias que os motivos que associam os atores-rede ainda estão em estado não-solidificado, magmático, conforme a metáfora usada por Tommaso Venturini (2010, p.258) para caracterizar o momento que antecede a estabilização.

A incerteza sobre o pertencimento ou não da Gastromotiva à rede que se conformou para realizar o Banquetaço (ver 2.1) apontou um início de separação entre pelo menos duas formas de haver comida no mundo. Cartografar o que sustentamos quando nos alimentamos a

partir da controversa figuração da Gastromotiva no Banquetaço é reconhecer que as redes agroalimentares em questão compartilham elementos, por vezes conflitantes, como agrotóxicos, outras vezes confundíveis, como “transformação social”. A percebida estabilidade dessas redes é o que vem a ser a realidade. É essa ordem que pode ser explicada com a descrição dos vínculos que se constroem e se estabilizam entre as variadas entidades implicadas na existência da comida. Como a ordem emerge? Segundo que princípio ordenador? Por qual processo de alianças?

Começamos seguindo os fios da Gastromotiva, por ter sido essa entidade a protagonizar a controvérsia observada no Banquetaço. Mas não apenas por isso: a Gastromotiva, por duas vezes, atravessou nosso então campo de observação. O *e-mail* enviado à horta da Rua General Glicério e o contato ensaiado com os Espaços Verdes da ESDI colocou em evidência um ator-rede que até então não era alvo de atenção. Na primeira ida ao *Refettorio* da Rua da Lapa para um almoço já foi possível conectar elementos anteriormente observados - tanto no texto do *e-mail* como no *website* da Gastromotiva - e que indicam um esforço de associação da entidade com questões de fato (ver 1.3). Na caixa-preta das questões-fora-de-questão, a Gastromotiva guarda coisas como pacotes tecnológicos para cultivo de grãos e oleaginosas, desde as sementes até os agroquímicos, passando pelas máquinas e pelas relações comerciais praticadas, por exemplo, por um de seus principais financiadores: a Cargill. As associações que apresentam como efeito um modo inteiro de cultivar comida em escala planetária não parecem estar entre as questões de interesse da Gastromotiva, e, no entanto, essa era uma das mais centrais questões de interesse do Banquetaço e suas entidades construtoras. No caso da Gastromotiva, o desperdício de comida - efeito próprio desse modo de ordenamento da rede agroalimentar - é um motivador central de associações conformadoras dessa rede. O desperdício está implicitamente fora de questão e é apresentado como o grande mal a ser combatido pelos atores-rede que aqui se conectam.

Já no lado ímpar da Rua da Lapa, o espaço Terra Crioula também serve almoços, com a diferença que uma refeição servida nesse espaço conecta quem dela se alimenta a uma rede sensivelmente diversa da rede conectada pelo prato de comida servido no lado par da mesma rua. Essas diferenças já se fazem perceber em uma primeira incursão ao sobrado emprestado, quando pudemos observar as questões de interesse próprias a essa rede estampadas em objetos como bandeiras, grafites, camisetas, rótulos e embalagens. Aquilo que a Gastromotiva mantém como caixa-preta - a composição e o ordenamento do modo de produzir e consumir a comida - é, no lado ímpar da rua, uma explícita questão de interesse evidenciada em materialidades e visualidades que acompanham esses atores-rede. A visita ao acampamento

do MST em Macaé/RJ confirmou a percepção das diferenças entre as duas entidades: o trabalhador sem-terra que nos ciceroneou pela ocupação foi rápido em explicar com praticamente uma frase o que se encontra em jogo na assembleia de interessados na questão agroalimentar. Na disputa pelo terreno da prefeitura, enquanto os pecuaristas da região demandam a construção de um abatedouro, os acampados lutam por uma escola de agroecologia.

A sigla que agrupa o *Refettorio*, os voluntários, os trabalhadores e os empreendedores formados pela Gastromotiva é o SGM - *Social Gastronomy Movement* ou Movimento da Gastronomia Social - que tem, entre suas bandeiras, o combate ao desperdício de comida. Essa é, com efeito, uma causa que dificilmente terá opositores. Não encontrei vestígio de nenhum grupo, entidade ou pessoa que se identificasse como favorável ao desperdício de comida. Nem mesmo os desperdiçadores diretos - grupo Benassi e Carrefour, que comercializam alimentos no atacado e no varejo e patrocinam a Gastromotiva - consideram conveniente desperdiçar comida de modo tão evidente. Talvez por isso mesmo a conexão entre a Gastromotiva e as entidades implicadas em certo ordenamento da rede agroalimentar que provoca, entre seus efeitos, o desperdício de comida, seja possível e até mesmo buscada. O binômio desperdício-fome acaba por estimular a conexão das entidades desperdiçadoras com uma outra entidade que oferece um valor de grande interesse: uma associação conceitual de apoiadores e parceiros com ações de combate à fome, ao desperdício e à exclusão social - ações, nas palavras da própria Gastromotiva, do “bem”, praticadas por “gente boa”. Quem seria contra o bem? Quem não se posicionaria ao lado das pessoas boas?

Do outro lado da rua, o Movimento dos Sem Terra aglutina produtores e consumidores em torno de questões mantidas como centrais na arena de interesses em jogo. Em seus movimentos associativos, a rede que se conforma a partir do Terra Crioula parece ter mais clareza de como ela se move no espaço de controvérsias que lhe é próprio. Se, no lado par da rua, a propriedade e o acesso à terra para cultivar alimentos está fora das discussões e assim será mantida, no lado ímpar da rua as questões discutidas começam justamente por aí. O MST é, numa descrição rápida, um movimento social que reivindica reforma agrária. E a questão da propriedade e do acesso à terra está longe de ser uma unanimidade: há quem seja a favor, há quem seja contra, há quem se interesse em discutir, há quem se interesse em tirar de discussão. Em termos de cosmograma - expressão concreta do projeto de mundo compartilhado - o MST, em suas visualidades e materialidades, é mais claro na definição dos argumentos encadeados e motivadores de sua rede.

As redes que sustentamos quando nos alimentamos não são fixas nem permanentes. A cada garfada, todo um projeto de mundo está em jogo, disputado por inúmeras entidades que se implicam na existência daquilo que comemos. Compreender as redes sustentadas pelas refeições que fazemos é compreender o quão político é o ato de se alimentar, o quão interessadas somos nós, pessoas que nos alimentamos, pelas questões que conectam a rede agroalimentar. Conhecer as tessituras que fazem existir comida em nossos pratos é também conhecer como podemos agir sobre essa rede e modificar ordenamentos do mundo que compartilhamos.

3 CONTROVÉRSIAS DESDOBRADAS

As disputas que separam as redes são bons inícios para a cartografia das teias agroalimentares. As diferentes respostas implícitas à pergunta “o que você sustenta quando se alimenta?” juntamente com as objeções à participação da Gastromotiva no Banquetaço que se apoiaram na afirmação “comer é um ato político”, nos mostram desde elementos comuns às duas redes e entre os quais são traçadas diferentes conexões, até elementos conflitantes integrados às custas de muitas estabilizações de controvérsias e resoluções de disputas.

No capítulo 2, a partir da controvérsia que se apresentou no Banquetaço, começamos a pensar sobre a rede de entidades que se conectam para haver comida em um prato à nossa frente. Usando a pergunta como ponto de apoio para as primeiras incursões aos dois exemplos na Rua da Lapa, conseguimos fazer as primeiras conexões diretas para falar das redes que sustentamos quando nos alimentamos. Com isso, os primeiros mapas descritivos dessas redes puderam ser traçados: os espaços físicos localizados nos números 107 e 108 se conectam a apoiadores, patrocinadores, facilitadores, fornecedores, poder público, extensão universitária, simpatizantes e comensais. Vimos algumas siglas que sintetizam motivos agrupadores - SGM, MST, ONU, MPA... - e fizemos a marcação de atores-rede em algumas representações gráficas de mapas dessas urdiduras necessárias à existência da comida. Neste Capítulo 3 desdobraremos um pouco mais algumas das conexões traçadas no capítulo anterior.

A extinção do CONSEA em 2019, no segundo dia de mandato do presidente Jair Bolsonaro, permanece até o atual momento, 2022, quando o país se organiza para mais uma eleição presidencial. O Conselho não foi reestabelecido e alguns efeitos de sua desarticulação ao longo dos quatro anos do mandato presidencial podem ser encontrados no *Dossiê Contra o Pacote do Veneno e pela Vida*, uma publicação organizada pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), e pela Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. O dossiê relata manobras do Congresso Nacional para aprovar o “pacote do veneno” - o projeto de lei n.º 6.299/2002 - e denuncia as propostas do “agronegócio”, das indústrias agroquímicas e de seus aliados no Executivo e no Legislativo, no sentido de aumentarem a venda e o uso de agrotóxicos. A Figura 39 mostra uma tabela organizada pelos autores do dossiê que traz o número de novos agrotóxicos registrados a cada ano no Brasil.

Figura 39 - Quantidade de agrotóxicos registrados no Brasil entre 2010 e 2020

Ano	Número de agrotóxicos registrados
2010	104
2011	146
2012	168
2013	110
2014	148
2015	139
2016	277
2017	405
2018	421
2019	503
2020*	406

Legenda: Tabela organizada pelos autores do *Dossiê contra o Pacote do Veneno e em defesa da Vida!* a partir de números do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) mostra a quantidade de agrotóxicos registrados no Brasil por ano entre 2010 e 2020.

Fonte: <contraosagrototoxicos.org/sdm_downloads/dossie-contra-o-pacote-do-veneno-e-em-defesa-da-vida-livro-virtual-pdf/> Acesso em março de 2022

É visível que o volume de agrotóxicos registrados saltou de uma média de 135 novos registros por ano entre 2010 e 2015 para uma média de 402 novos registros por ano entre 2016 e 2020. O aumento abrupto é registrado em 2016, ano em que se deu o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e sua substituição pelo vice-presidente Michel Temer. O dossiê também traz uma proposta baseada na “produção agroecológica, de caráter coletivo, democrático, de promoção da vida e produção de alimentos saudáveis”: a Política Nacional de Redução do Uso de Agrotóxicos (PNARA), como é chamado o projeto de lei n.º 6.670/2016, defendido pelo dossiê.

As informações publicadas no dossiê refletem efeitos de ações imbricadas numa rede de relações e esses aspectos relacionais não devem ser desprezados, sob o risco de não se destacar explicitamente o quão político é o ato de se alimentar, quantas partes interessadas, além de nós que nos alimentamos, entram na composição do nosso prato de comida. Políticas públicas não são fruto apenas da intenção do Estado ou dos governos, mas de uma multiplicidade de atores relacionados. Daí a importância das coletividades organizadas sob um mesmo cosmograma e da capacidade associativa desses atores na criação de tais políticas públicas.

As controvérsias desdobradas neste terceiro capítulo continuam a envolver os dois atores-rede apresentados e desdobrados no capítulo anterior; agora, porém, seguiremos alguns fios que conduzirão a disputas em alcances mais vastos tocados por estas redes e que

adensarão a malha que as conformam. Espera-se, com o desdobramento das controvérsias, prosseguir na tarefa de descrever as conexões múltiplas existentes em função de comida nos dois lados da rua e, assim, falar mais vividamente dos modos de existência coletiva que se concretizam em função de sistemas agroalimentares, que, como já foi dito na Introdução, têm centralidade determinante nas formas de organizar a vida em grupo. A coleção de elementos heterogêneos que se conecta em função de produzir, preparar, servir, comercializar, desperdiçar e doar comida é agora expandida para incluir elementos mais distantes. Seguir as conexões de um elemento – pouco importa qual – e ver aonde elas levam possibilitará, mais do que ver os limites extremos, acompanhar de perto a urdidura de motivos e valores que instala a rede na qual circula nossa alimentação. Podemos dizer, portanto, que as redes que neste trabalho são mapeadas fazem “fluir” certos valores e certos alimentos. Nas seções seguintes serão discutidos alguns desses elementos heterogêneos que circulam pelas redes agroalimentares implicadas nos dois casos recortados como pontos de partida do mapeamento proposto por esta investigação.

Coisas como sementes transgênicas, latifúndios, monocultura, agrotóxicos, empreendedorismo social, voluntariado, vontade de mudar o mundo se conectam, por meio de certos financiamentos e certas ideias empresariais, a uma instituição como a Gastromotiva, que reaproveita produtos não utilizados que circulam pela rede para oferecer um alimento com alguma qualidade a quem, muitas vezes, não tem o que comer. Essa ação filantrópica funciona também como forma de divulgação de uma ideia de “gastronomia social”, utilizada como instrumento de marketing por empresas patrocinadoras. O tipo de marketing que se ocupa em criar uma imagem positiva diante da opinião pública acerca do grau de responsabilidade socioambiental de uma empresa, organização ou pessoas, bem como de suas atividades e seus produtos, ocultando ou desviando a atenção de impactos negativos por elas causados é conhecido pelo termo *greenwashing*. O que a Gastromotiva oferece às empresas do setor alimentício em troca de patrocínio é uma oportunidade de conexão dessas empresas com mensagens positivas e unanimemente aprovadas de combate à fome e ao desperdício e com a inclusão de pessoas à margem do arranjo produtivo. A inclusão de excluídos acontece pela via do empreendedorismo, que, entre patrocinados e patrocinadores, ganha o adjetivo *social* - empreendedorismo social - reforçando a ideia de uma roupagem positiva sobre a imagem de empresas cuja história e atuação nunca tiveram “o social” entre suas questões de interesse.

Do outro lado da rua, elementos diferentes, mas igualmente heterogêneos como assentamentos, camponeses, tradição agrícola, sementes crioulas, cooperativas de

trabalhadores, movimentos sociais e ideias socialistas se conectam, por meio da ação de um vereador, com pessoas diversas, fazendo circular produtos bastante diferentes daqueles comercializados, por exemplo, pela Cargill - uma das empresas patrocinadora da Gastromotiva. A ostensiva expressão das questões de interesse dessa coletividade desenhada a partir do lado ímpar da Rua da Lapa funciona como um motivo agrupador de partes interessadas. A reforma agrária, as sementes tradicionais, a agroecologia e a interdição aos agroquímicos são exemplos de questões usadas para atrair conexões com consumidores que se alimentam daquilo que a rede agroalimentar faz circular. Ao serem tratados como partes igualmente interessadas nessas questões, os consumidores da comida produzida e comercializada pela rede do espaço Terra Crioula assumem a escolha de sustentar essa rede ao comprarem seus alimentos nesse espaço de comercialização.

Por vezes o interesse dos consumidores que dependem dessas redes — pessoas em situação de rua no caso da Gastromotiva, e pessoas interessadas em produtos sem agrotóxicos no caso da Terra Crioula — é bem diverso daqueles que essas instituições defendem; mas é justamente dessas diferentes formas de participação em uma rede que os conceitos latourianos permitem dar conta. Uma vez que não olhamos para a rede como uma totalidade que precisa de uma delimitação, mas como uma teia de conexões, o fundamental é compreender como essas relações entre atores tão diversos se estabelecem e, ao se estabelecerem, promovem mudanças em todos eles e instituem uma espécie de canal por onde essas ideias e alimentos circulam de uma maneira ou de outra.

Na sequência dos desdobramentos de controvérsias, estabilizações e conexões, tentaremos vislumbrar a ordenação de coisas que torna possível a existência de comida, sempre mantendo como pontos de referência os dois exemplos encontrados na Rua da Lapa. O que circula quando tudo está no lugar não deve ser confundido com a instalação daquilo que o permite. É deste último que se trata: a estabilização que permitirá produzir e circular nossa alimentação.

3.1 Visualidades e materialidades

As identidades visuais criadas e adotadas pelo *Refettorio* Gastromotiva, pelo Terra Crioula e pelas instituições diretamente relacionadas aos dois podem nos contar muito do que

se encontra em jogo em termos de ideias, valores e intenções reivindicados pelas redes que estas identidades representam.

Figura 40 – Identidades visuais ligadas à rede Gastromotiva



Legenda: (a) *Social Gastronomy Movement*, (b) *Refettorio Gastromotiva* e (c) *Gastromotiva*

Fontes: (a) <<https://www.idealist.org/en/nonprofit/1b73de70ffde4af7a3f7c827fa24fd00-social-gastronomy-movement-rio-de-janeiro>> (b) <<http://www.refettoriogastromotiva.org/>> (c) <<https://gastromotiva.org/>> Acessos em mar. 2020

Na Figura 40 vemos três marcas de entidades que se conectam de forma muito próxima em suas divulgações nas redes sociais. É notável o forte grau de abstração característico das marcas e logotipos do *Refettorio Gastromotiva* e das entidades mais próximas a ele: *Social Gastronomy*, que reúne iniciativas que acontecem em diversos países; e *Gastromotiva, hub* que promove cursos de empreendedorismo e jantares solidários. Os elementos que compõem estas marcas são formas, linhas, padrões, cores; e, o mais perto que chegam de uma imagem figurativa não permitem sequer nomear com exatidão do que se trata. Os elementos dentro do círculo na marca do *Refettorio* (b), seriam laços? Parecem peixes, como aqueles desenhos tradicionalmente usados como um primitivo símbolo cristão (Figura 40). Peixe é *ichtus* (ἰχθύς) em grego. É também um acrônimo da expressão *Iēsous Christos Theou Yios Sōtēr* (Ἰησοῦς Χριστός Θεοῦ Υἱός Σωτήρ), que significa "Jesus Cristo Filho de Deus Salvador". Ainda hoje, a imagem dos dois arcos assim dispostos é um popular signo de uma ideia abrangente de cristianismo.

Figura 41 - Peixe símbolo de Cristianismo



Legenda: Os dois arcos dispostos como o desenho de um peixe é um antigo símbolo para identificar seguidores do cristianismo.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ichthys> Acesso em abril de 2022.

Ainda na Figura 40, vemos que o padrão de hexágonos dispostos como favos de mel em uma colméia de abelhas na marca *Social Gastronomy* é feito da repetição de uma imagem fotográfica espelhada de forma radial formando um hexágono (a). O fragmento fotográfico não permite que se identifique o que é aquela imagem repetida, que se transforma em uma textura abstrata de cores amarelas e castanhas. Das cores, além dessa gama de amarelos, há, nas três marcas, uma significativa presença das terciárias – roxo, magenta, laranja, ciano (b, c). A tipografia serifada do *Refettorio* (b) ecoa o estrangeirismo na grafia do nome enquanto que os tipos em caixa alta sem serifa da *Gastromotiva* (c), francamente *bold* e dispostos em sílabas empilhadas verticalmente evocam universalidade, assim como sua marca – das três a mais simples – feita apenas com duas formas circulares dispostas concentricamente uma dentro da outra.

Que ideias, valores, moralidades se apresentam no desenho das três marcas? Há certas tradições de projetar visualidades que procuram associar valores específicos com determinadas formas e cores. As formas abstratas e a ausência total de elementos figurativos convida quem olha para essas marcas a completar em sua própria mente o significado das formas e cores que vê. As cores têm nomes que não são unanimidade entre quem as nomeia: cor-de-rosa ou magenta, roxo ou violeta, cor-de-laranja ou cor-de-abobóia, ciano ou azul celeste ou azul turquesa. Os nomes variam tanto quanto são as associações das cores com ideias. O círculo é uma simples forma abstrata, porém, repleta de associações sortidas: mundo, centro, tempo, união, todo, totalidade, universo, um. Nas tradições projetuais modernistas, as letras sem serifa foram e são tema de um debate sobre universalidade. Um ícone do modernismo no design gráfico chama-se, justamente, *Univers*, fonte tipográfica desenhada em 1949 e que encarnou, junto com a *Helvética*, de 1957, o debate da legibilidade universal, da tipografia neutra, clara, sem significados intrínsecos na sua forma, a fonte para escrever tudo: sinalização de aeroporto, identificação de teclados, marcas de remédio, de companhia aérea, de emissora de TV, etc. Possivelmente, quem projetou a marca da *Gastromotiva* considerou hipotéticos valores comuns a uma suposta “toda humanidade”: a inclusão universal, “o bem”. Esses valores são deliberadamente abstratos e pouco definidos em termos visuais, deixando que a leitura se ajuste ao sistema de valores individuais de quem olha para as marcas.

Um exemplo de como o valor é percebido nas identidades é uma publicação do *Refettorio* em rede social, na qual é anunciado que a “cozinha solidária” terá, por dois meses, o patrocínio do apresentador de TV e empresário Luciano Huck. A publicação é de 3 de abril de 2020, 10 dias após o prefeito Marcelo Crivella determinar o fechamento do comércio na

cidade em função da pandemia de covid-19.¹⁹ No dia 1º de abril foi noticiada a demissão de mais de 600 funcionários da rede de restaurantes Madero, da qual Huck é sócio. A demissão, segundo o sócio Junior Durski, deve-se ao isolamento social obrigatório, que impede que restaurantes abram suas portas e funcionem normalmente. Segundo ele, “a economia não poderia ser paralisada por conta de 5 mil ou 7 mil mortes”.²⁰

Figura 42 – Luciano Huck patrocina Gastromotiva



Legenda: Publicação no Instagram da Gastromotiva anunciando que Luciano Huck patrocinará a “cozinha solidária” por dois meses.

Fonte: <<https://www.instagram.com/gastromotiva/>> Acesso em abril 2020.

Na referida publicação do *Refettorio* em seu perfil na rede social Instagram (Figura 42), há os costumeiros comentários de aprovação, porém nessa, especificamente, alguns comentários destoam dos habituais elogios e desaprovam a participação do apresentador de TV como patrocinador da Gastromotiva.

É... Eu tenho tanta gratidão por este projeto! Minha filha fez parte e aprendeu tanto. E além de aprender, entendeu o significado das palavras: doar, amar e solidariedade. Conjugamos estes verbos por aqui! Mas, verdadeiramente! Sr Luciano Huck, sócio da rede Madero, demitiu centenas de funcionários! MUITO lindo ele fazer programas na globo, contando lindas histórias, "ajudando" famílias, PORÉM a realidade é muito diferente. Não joguem no lixo o lindo e maravilhoso projeto que são! Eu e minha família temos tanta, tanta gratidão por vcs! Força! Estaremos juntos SEMPRE! LUCIANO HUCK E MADERO NÃO REPRESENTAM ESTE PROJETO!²¹

¹⁹Em: <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/crivella-decreta-quarentena-no-rio-a-partir-de-3a-feira/>> Acesso em abril de 2020.

²⁰Em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2020/04/madero-demite-600-funcionarios-apos-prometer-manter-empregos/>> Acesso em abril 2020.

²¹ Em: <<https://www.instagram.com/p/B-iXlZQl4eZ/>> Acesso em abril 2020

No comentário transcrito acima, nota-se que, mesmo demonstrando estar informada sobre as atitudes e posicionamentos dos sócios do restaurante Madero, a pessoa que comenta desassocia a existência do espaço dos atores que patrocinam essa existência. Ela vê a Gastromotiva como um ator quase autônomo, destacado de certos atores de sua rede (os patrocinadores). Observa-se também que ela considera-se parte da rede quando escreve “Força! Estaremos juntos SEMPRE!”, uma parte mais significativa até do que a parte que financia, que se aproximaria da rede apenas para se beneficiar da imagem positiva que a filantropia agrega. Esta separação não é induzida pela Gastromotiva, que sinaliza indiscretamente nos seus perfis virtuais e nas suas paredes de policarbonato toda a rede de apoiadores, colaboradores e patrocinadores de sua existência. Uma conclusão possível é que a pessoa que se conecta à Gastromotiva motivada por ideias como o bem e a solidariedade, precisa, necessariamente, não levar em conta quem patrocina. É possível que a separação deva-se, em certa medida, ao *branding* praticado pela Gastromotiva, à gestão de sua marca e das ideias a ela associadas.

A comentarista escreve que “Luciano Huck e Madero não representam este projeto”, quando, pela publicação, é possível dizer que “este projeto” é que representa “Luciano Huck”, entre outros representados. A ideia de representação evocada no comentário, questionando que Luciano Huck seja um representante da Gastromotiva ou afirmando que ele definitivamente não representa o projeto, é entendida pela seguidora como uma conexão que faz fluir a representação a partir das pessoas - ela, a filha, o Luciano Huck - para a entidade aglutinadora da rede - a Gastromotiva. As pessoas, para a comentarista, são representantes da entidade que as aglutina em rede. Entretanto, o valor que a Gastromotiva oferece em troca de patrocínios como o que foi celebrado entre o *Refettorio* e o apresentador de TV, flui, justamente, no sentido contrário: ao patrocinarem os projetos sociais, gastronômicos, solidários e inovadores, empresas e organizações esperam receber da Gastromotiva um tanto daquilo que as representa para o mundo. Muito provavelmente foi por isso que Huck buscou se associar à Gastromotiva: cioso dos arranhões que a demissão em massa de funcionários de sua cadeia de restaurantes em plena pandemia causa em sua imagem, o apresentador imagina receber parte da admiração que a Gastromotiva faz fluir em seus atores-rede ao doar um pouco de seu dinheiro à “cozinha solidária”. Também desse modo atuam os demais patrocinadores e colaboradores: do voluntário ocasional às grandes empresas financiadoras por longos períodos, uma das mais evidenciadas moeda de troca é a associação de representação obtida junto à Gastromotiva, que passa a representar para o mundo aqueles que viabilizam diretamente sua existência.

O caráter abstrato das representações visuais da Gastromotiva e entidades correlatas certamente não foi acidental e a livre associação de ideias não é tão livre quanto nos fazem crer os desenhos das marcas. As identidades corporativas da rede da gastronomia social são feitas de formas e cores que não permitem imaginar a rede que as sustenta, que passa a ser então visualizada em termos como “doar, amar e solidariedade”, usados pela comentarista acima citada. A doação, o amor e a solidariedade, bem como o combate à fome e ao desperdício funcionam como pontos de certeza, nos quais a necessidade de discussão é cancelada por serem marcados pela tautologia.

Do ponto de vista do espaço Terra Crioula, do MST e de outros movimentos sociais implicados em redes de produção e consumo de alimentos, os valores associados à maneira de produzir a comida são ostentados em identidades profundamente figurativas. Na Figura 43 podemos ver as marcas do MST e do espaço Terra Crioula. No *website* do MST há uma explicação dos elementos que formam a marca, vista com frequência impressa em camisetas, bordada em bonés e na forma de bandeira de tecido: “é um dos símbolos de representação de sua luta, [e trás] signos da unidade em torno de um ideal.” O facão, ferramenta de trabalho, que ultrapassa os limites do mapa do Brasil indica que “o movimento é internacionalista”.²²

Figura 43 – Identidades visuais do MST e Terra Crioula



Legenda: (a) Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (b) e (c) Espaço Terra Crioula.
Fontes: (a) <https://mst.org.br/> (b) <https://www.facebook.com/TerraCrioulaMST/> (c) <https://soundcloud.com/terra-crioula> Acessos em abril de 2020.

O mapa do Brasil na cor verde, figuras humanas – homem e mulher, identificados pelas roupas e detalhes da aparência e ferramenta de trabalho formam a marca do MST. O homem usa chapéu (de palha?) e tem o braço erguido, empunhando um facão; enquanto a mulher usa um vestido vermelho. O nome do movimento aparece escrito por extenso e em caixa alta, circundando a imagem, assim como o nome “Brasil”, na parte inferior da marca

²² Encontrado em <<https://mst.org.br/nossos-simbolos/>> Acesso em maio de 2020

(a). Uma árvore ou arbusto, representado em detalhes como raízes, caule, galhos e folhas, aparece no centro da marca Terra Crioula (b, c). Os galhos inclinam-se para a direita, parecem movimentados pelo vento. O subsolo onde as raízes se espalham não é de cor sólida, há linhas texturizando a mancha preta sob as raízes. A imagem, assim como a tipografia, remete à técnica da xilogravura – gravura feita em madeira escavada e usualmente em uma só cor: preta. As letras que escrevem o nome Terra Crioula, embora sejam uma fonte digital, têm traços, formas e tamanhos irregulares, ecoando a manualidade evocada pelo aspecto xilográfico da imagem. Os enunciados “produtos da reforma agrária” e “cultivando luta, resistência e produção” cercam o conjunto em uma forma circular. Nos dois exemplos, a marca Terra Crioula aparece aplicada sobre superfícies que lembram materiais tradicionais que embalam alimentos: a aniagem das sacas e a madeira dos caixotes.

Nessas duas marcas a margem para interpretações subjetivas é pequena, quase inexistente. Podemos fazer interpretações secundárias, mas o mapa do Brasil será sempre, em primeira leitura, o mapa do Brasil. Assim como as ferramentas de trabalho e as figuras humanas, o gesto de erguer o facão, a planta e suas partes bem discriminadas, todas as figuras podem ser lidas simbolicamente, mas o que se impõe, na primeira mirada, são seus significados literais.

Estendendo a análise a outras identidades visuais de movimentos sociais camponeses citados em notícias como co-participantes de atos e ocupações junto com o MST, nota-se que o padrão se repete: predominância de elementos figurativos, quase sempre, os mesmos. A Figura 44 reúne seis exemplos de marcas de movimentos sociais e camponeses nas quais predominam, quase que exclusivamente, as representações figurativas.

Figura 44 – Identidades visuais de movimentos camponeses.



Legenda: (a) Movimento dos Pequenos Agricultores, (b) Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo, (c) La Vía Campesina, (d) Comissão Pastoral da Terra, (e) Movimento Camponês Popular e (f) Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Brasil.

Fontes: (a) <https://mpabrasil.org.br/> (b) <https://mtcbrasil.org.br/> (c) <https://viacampesina.org/> (d) <https://www.cptnacional.org.br/> (e) <https://www.facebook.com/MCPBrasil/> (f) <https://contrafbrasil.org.br/>
Acessos em mar 2020.

A figura humana – inteira ou só a mão – aparece em todos, e, em quatro deles, aparece em grupos e com representações distintas para gênero feminino e masculino. (a, b, c, e). Na marca da *Via Campesina* as figuras usam chapéus e roupas características de diferentes regiões do mundo (c). Em todas as marcas há ação representada: semear (b, e), plantar (a, f), trabalhar a terra (c), portar uma ferramenta de trabalho agrícola (a, b, c, d, e) ou marchar (a). O mapa do Brasil aparece em três marcas (a, b, f), em uma delas a região nordeste aparece delimitada graficamente (b). O sol, essencial para a agricultura, é representado em três (a, b, d) e o solo, em cinco dos seis exemplos (a, b, c, e, f). Duas contém sementes (a, e), uma contém uma pequena planta (muda) (f) e uma contém uma lavoura de milho (b). A cor verde e as primárias vermelha e amarela predominam e as letras que escrevem siglas e nomes dos movimentos, assim como a frase “organizar, lutar, resistir e produzir” (b) estão em caixa alta e são de famílias tipográficas sem-serifa.

Pela análise dessas visualidades podemos perceber que, mais do que valores e ideias, flui pelas duas redes a deliberada intenção de comunicar tais ideias e valores. Nos casos da

Gastromotiva, do *Social Gastronomy* e do *Refettorio*, a comunicação tem forma abrangente e inclusiva, que conta com o repertório pessoal de associações que cada pessoa que olha para a marca é capaz de fazer. Nos casos do espaço Terra Crioula, do MST e dos movimentos sociais camponeses, as marcas comunicam de forma inequívoca, com pouca ou nenhuma margem para leituras subjetivas. Essa intenção, nos dois casos, pode ser explicada, mais uma vez, pelas disputas, pelo quê está em jogo, no mundo, no país e nos dois lados da Rua da Lapa, quando o assunto é a produção de comida.

A rede de patrocinadores e parceiros que sustenta a existência da Gastromotiva produz e comercializa alimentos de acordo com um modelo de existência combatido pela rede que sustenta a existência do espaço Terra Crioula. Os movimentos camponeses, no mundo todo, combatem, com suas ações e modos de existência, os modelos de produção identificados com agronegócio, monoculturas, agrotóxicos, sementes transgênicas, latifúndios privados, e grandes empresas transnacionais; e deixam isso muito claro em todo tipo de comunicação que estabelecem com a rede de consumidores e apoiadores. As palavras “luta”, “lutar”, “reforma agrária”, “resistir”, “popular” são fáceis de encontrar nas peças visuais utilizadas pelos movimentos.

Quanto à percebida abstração nas marcas da Gastromotiva, do *Refettorio* e do *Social Gastronomy*, pode-se especular que, para essas entidades, o que está em questão é convencer sobre os motivos de suas existência, associando-os a supostos valores comuns e indiscutíveis. Ao anunciar que “combatem o desperdício de alimentos”, a Gastromotiva não se opõe a nada concreto, já que não há uma entidade, um coletivo, uma rede que se posicione “a favor do desperdício de alimentos”. O desperdício, neste lado da Rua da Lapa, é uma questão de fato e parece abater-se, qual praga natural, sobre o sistema agroalimentar, como uma inconveniente geada ou uma estiagem fora da época esperada, algo que é do interesse de todos evitar. A forma de produzir comida não está em questão, o que está em questão é diminuir o desperdício de alimentos e mitigar a fome das pessoas que essa forma de produzir comida não consegue alimentar. É desses problemas que o movimento da gastronomia social nasce como pronto reparador. A estabilização da controvérsia desperdício-escassez é de seu interesse, pois poderá trazer mais solidez e longevidade às redes de implicados na forma hegemônica de produção de alimentos. Lutar contra o desperdício de alimentos provoca alívio existencial e desejo de engajamento em muitas pessoas.

Já no lado ímpar da rua da Lapa, o que está em questão é o próprio sistema agroalimentar, e não somente suas disfunções. Para as tessituras do MST, o combate ao desperdício por si só não faz sentido. O que se reivindica, neste lado, são modificações em

pontos anteriores ao desperdício, como o regime de propriedade fundiária, o controle da genética das sementes, a forma de organização do trabalho ao longo de toda a rede que produz e distribui a comida. Neste lado, a maneira de produzir o alimento se aproxima de uma questão de interesse (*matter of concern*), sobre a qual as disputas ainda são visíveis, como já visto na seção 2.1, nas descrições de “comida de verdade” e nos critérios definitivos de quem poderia ou não participar do Banquetaço. As formas de produzir alimentação precisam ser conversadas, revistas, negociadas, modificadas, superadas ou resgatadas, parecem dizer os sem-terra no sobrado emprestado, bem defronte ao galpão de aço e policarbonato dentro do qual se janta o que não serviu para ser vendido.

O *Refettorio* Gastromotiva recebe do grupo Benassi doações de comida incomercializável mas ainda boa para consumo. Se não fosse o *Refettorio*, os alimentos iriam para o lixo. O grupo Benassi é um dos associados da maior central estadual de abastecimento do Rio de Janeiro, a Ceasa. Podemos, sem grandes dificuldades, traçar as linhas que conectam este grande distribuidor ao problema de desperdício de alimentos, ilustrado, na Introdução deste trabalho, pelas toneladas de tomates, batatas e cebolas descartados nos acostamentos de estradas próximas a grandes centrais de comercialização, assim como podemos traçar outras linhas que conectam outros patrocinadores da Gastromotiva, como a Cargill, ou a Coca-Cola, a questões como privatização de sementes e de reservas hídricas continentais. A rede que apóia a existência do *Refettorio* não pode vir a conflitar com valores e moralidades que a Gastromotiva faz circular em sua rede. Atores como Ceasa, Cargill, Coca-Cola, Carrefour, não patrocinam reforma agrária, agricultura familiar, agroecologia, lutas, revoltas populares, ocupações e protestos, coisas que circulam livre e ostensivamente pelas redes do MST. O indispensável trabalhador voluntário, se tiver clareza sobre a rede de coisas, ideias e pessoas que se associam para que o *Refettorio*, a Gastromotiva e até mesmo o *Social Gastronomy Movement* existam, talvez não doe seu tempo tão voluntariosamente, considerando que fome e desperdício de alimentos são os alvos de seus combates. Daí o caráter vago e subjetivo das visualidades e discursos que circulam na rede do *Refettorio*, os elementos abstratos que compõem suas marcas, as palavras motivacionais indiscutivelmente *boas* aplicadas em vinil adesivo nos degraus de seu auditório. (Figura 45).

Figura 45 – Escada no *Refettorio* Gastromotiva



Legenda: Captura de tela na qual o *Refettorio* Gastromotiva pergunta a seus seguidores no Instagram que novas palavras colocar nos degraus da escada.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B0CYwDtpMl/> Acesso em abril 2020.

Na disputa pela simpatia e apoio de pessoas e patrocinadores, a Gastromotiva lança mão de lugares-comuns pouco específicos para compor seu discurso visual/material, de forma a não se comprometer com ideias potencialmente excludentes de um ou de outro apoio ou parceria. O espaço Terra Crioula e o MST, por sua vez, não hesitam em se associar a imagens muito claras de luta, povo, modos de produção coletivos e populares, sementes livres, estado, nação. A vontade de mudar o mundo, de construir “um mundo mais justo” está também em disputa nos dois casos: ao fazer compras no número 107 nos engajamos, como consumidores, em uma rede na qual maneiras de produzir a comida estão em questão; ao servir jantares voluntariamente para pessoas em situação de rua, nos conectamos, como doadores de tempo e de força de trabalho, a uma rede que canaliza alimentos desperdiçados para pessoas que experimentam grande escassez e, por meio de imagens e identidades profissionalmente gerenciadas, provoca simpatia aos olhos de uma opinião pública.

Assim como foi questionada a presença da Gastromotiva no Banquetaço, a presença de Luciano Huck na Gastromotiva também foi questionada por uma pessoa que se considera parte interessada nessa rede e não aprovou a inclusão de Huck no coletivo. É então que resgatamos a noção de cosmograma apresentada em 1.4: quais critérios orientam a movimentação que associa pessoas e coisas em um grupo interessado e implicado politicamente no projeto coletivo de um mundo comum? Uma maneira de tornar visível e traçável os motivos e as compatibilidades que os aglutinam em rede é através dos

cosmogramas - aquele rápido resumo dos atributos de cada coletivo disposto a negociar como se constituem os atores e os agrupamentos em suas redes. Cosmogramas são coisas muito práticas e concretas, que fazem parte da vida e do mundo compartilhados pela coletividade em questão, organizando-os de uma certa forma. As coisas que os designers costumam produzir, são, em suas praticidades e concretudes, cosmogramas indicadores do regime de partilhas do mundo comum. Designers, arquitetos e projetistas em geral participam muito determinadamente da conformação do visível, do pensável, das formas de habitar o mundo sensível. Marcas e identidades visuais são expressões cosmogramáticas dos projetos de mundo e das formas de habitar esses mundos.

Marcas, visualidades e materialidades assumem função de cosmograma daqueles e daquilo que se agrupa por causa delas. A composição e conformação desse agrupamento se dá em função do que a marca-cosmograma explicita sobre o ordenamento de mundo que quer compor, expondo, com maior ou menor clareza, o que difere seu agrupamento ordenado dos outros ordenamentos.

As formas abstratas normalmente conduzem a associações simbólicas mais universais do que as formas figurativas são capazes de conduzir. As formas abstratas, enquanto elementos descritivos de uma certa ordem de mundo, são ponto de encontro de associações mais vastas que elas mesmas. As motivações descritas como amor, doação e solidariedade pela seguidora do perfil do *Refettorio* são suficientemente representadas pelos círculos presentes nas marcas das entidades da gastronomia social. A ameaça comum da fome e do desperdício de comida como alvo de combate geral é igualmente fácil de ser compreendida sob as formas circulares. As marcas, os móveis, o prédio de policarbonato, as imagens e os objetos concretos e práticos que povoam o mundo projetado pelo movimento de gastronomia social mapeiam demandas universais e atraem o comprometimento incondicional daqueles que se agrupam sob o espaço simbólico que essas visualidade e materialidades conformam.

Figura 46 - Rede de associações das visualidades da Gastromotiva



Legenda: Associações conceituais a partir das visualidades da Gastromotiva.
Fonte: a autora, 2022.

As formas figurativas que compõem as marcas do MST e de outros movimentos sociais próximos conduzem a associações de maior especificidade e, ao olhar para essas marcas, podemos obter uma descrição não apenas compartilhada, mas também revisável da cadeia de argumentos definida por tais cosmogramas. No espaço de controvérsias próprias das redes agroalimentares são os cosmogramas que nos orientam e formam nossa opinião sobre as questões de interesse, sobre o que está em jogo. Os elementos figurativos - mapa, ferramentas, plantas, animais, seres humanos, sol, sementes - formam enunciados enganchados, bem traçados, desenhados um sobre o outro, e que podem, sobretudo, ser discutidos.

Seriam, então, as marcas figurativas cosmogramas mais acurados do que as marcas compostas de cores e formas abstratas? (Figura 47).

Figura 47 - Marcas figurativas e marcas abstratas



Legenda: Montagem com as marcas do Movimento dos Atingidos por Barragens, do Movimento dos Sem Terra, do Movimento do Pequenos Agricultores, do Refetório Gastromotiva, da Gastromotiva e do *Social Gastronomy Movement*.

Fontes: (a) <<https://mab.org.br/>> (b) <<https://mst.org.br/>> (c) <<https://mpabrasil.org.br/>>

(d) <<http://www.refetoriogastromotiva.org/>> (e) <<https://gastromotiva.org/>>

(f) <<https://www.socialgastronomy.org/>> Acessos em dezembro de 2021.

A primeira marca (a) é a do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), fundado na década de 80, na mesma época da fundação no MST e dos movimentos pela redemocratização organizados sob a demanda por eleições diretas - o “diretas já”. Muitas pessoas que ingressaram no MST foram atingidas pela construção das barragens e hidrelétricas no Brasil, obras comuns nos anos 70 e 80. Um exemplo é a barragem de Sobradinho, no Rio São Francisco, cuja construção se deu entre 1971 e 1980, no norte do estado da Bahia, e permitiu o represamento das águas do rio para a formação de um dos maiores lagos artificiais do mundo, com 4214 km² quadrados de área. As águas ali represadas alimentam as turbinas geradoras de energia da usina hidrelétrica de Sobradinho. Por conta do alagamento da região, as cerca de 70 mil pessoas que habitavam os municípios baianos de Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado foram deslocadas para novas cidades, construídas especialmente para assentar os moradores das áreas alagadas pela barragem. A dupla de compositores Sá e Guarabyra narra esse processo na canção *Sobradinho*, gravada em 1977:

O homem chega e já desfaz a natureza / Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar / O São Francisco, lá pra cima da Bahia / Diz que dia menos dia vai subir bem devagar / E passo a passo vai cumprindo a profecia / Do beato que dizia que o sertão ia alagar / O sertão vai virar mar, dá no coração / O medo que algum dia o mar também vire sertão [...] Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé / Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir / Debaixo d'água lá se vai a vida inteira / Por cima da cachoeira o gaiola vai subir / Vai ter barragem no salto do Sobradinho / O povo vai-se embora com medo de se afogar [...] (SÁ; GUARABYRA, 1977, faixa 1)

Os antigos municípios inundados por 34 bilhões de metros cúbicos de água do Rio São Francisco represados pela barragem de Sobradinho encontram-se, atualmente, submersos no lago. Quando o nível das águas é reduzido pela estiagem, suas ruínas podem ser avistadas. (Figura 48).

Figura 48 - Ruínas de Casa Nova, BA



Legenda: Ruínas do antigo município de Casa Nova, na Bahia, emergidas devido à redução do nível da água do lago da represa de Sobradinho.

Fonte: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/aparicao-de-ruinas-revela-memorias-de-moradores-de-cidades-inundadas-na-bahia>> Acesso em maio de 2022.

Segundo o MAB, 80% do grupo de pessoas deslocadas em função da construção da barragem de Sobradinho são famílias de pequenos produtores rurais²³.

De acordo com o historiador Moisés Almeida, diretor do *campus* de Petrolina da Universidade de Pernambuco (UPE), a CHESF [Companhia Hidroelétrica do São Francisco] usou dois fortes argumentos para convencer as famílias [...]: a água serviria para o desenvolvimento da região e as pessoas teriam moradias melhores. “Teve gente que gostou da realocação, pois vivia numa casa que não era rebocada, não tinha piso, e mudou para uma casa com uma infraestrutura melhor. Mas teve quem não concordou, como as pessoas que moravam à beira do rio. [...]”²⁴

²³<<https://ferdinandodesousa.com/2019/05/21/o-salto-do-sobradinho-e-a-construcao-de-uma-das-mais-polemicas-usinas-hidreletricas-do-brasil/>> Acesso em maio de 2022

²⁴<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/aparicao-de-ruinas-revela-memorias-de-moradores-de-cidades-inundadas-na-bahia>> Acesso em abril de 2022.

As pessoas que vivem da pesca, da agricultura, da criação de animais, que moram nas margens dos rios e que não concordam com o deslocamento obrigatório, ingressam, reunidas sob a condição de *atingidos por barragens*, em um movimento que reivindica reforma agrária. A semelhança da marca do MAB (a) com a marca do MST (b) é visível: a forma circular sobre o fundo vermelho e o mapa do Brasil em verde anunciam a proximidade entre os dois movimentos sociais. A diferença aparece nos elementos que contam o que está em jogo em cada um dos casos: na marca do MAB há uma figura humana de corpo inteiro, sem identificação de gênero, uma torre de transmissão elétrica com seus fios, linhas onduladas de cor azul que remetem à água e ferramentas de trabalho agrícola - uma enxada e uma foice - aos pés da figura humana. A marca do MST herda uma ferramenta de trabalho - um facão - que agora está na mão de um homem, que por sua vez aparece acompanhado por uma mulher.

A marca do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), movimento camponês fundado na década de 90, tem uma identidade semelhante às do MAB e do MST: forma circular sobre fundo vermelho e mapa do Brasil (c). Nessa marca, sobre o mapa, há figuras humanas femininas e masculinas, em grupo, portando ferramentas de trabalho agrícola e caminhando em direção a um horizonte ensolarado. Há ainda a silhueta de animais puxando um arado e algumas sementes sobre a mão humana em primeiro plano.

As figuras, quando arranjadas em forma de identidade visual, ignoram a separação em grupos diferentes de coisas como *Brasil* e *enxada*, e passam a ser lidas como um encadeamento de argumentações entre seres e coisas diversas que se dizem mais ou menos compatíveis, mais ou menos excludentes de outras associações. O que é descrito nessas marcas já não é a diferença entre um mapa político e uma ferramenta de trabalho agrícola ou uma estrutura para distribuição de energia, mas sim distinções ou semelhanças entre composições de mundo. Já não se trata de definir o que é o mundo, o que é o cosmo, para em seguida extrair desse cosmo regras de ação. Trata-se de fazer com que cada parte interessada na composição do mundo explicita o seu próprio cosmo, sua própria ideia compartilhada do que é um mundo ordenado. É como se o cosmograma perguntasse aos componentes do cosmo: com quem você quer se associar? Sob que modelo de produção? De quais sementes nasce a comida que comeremos? Em que território? Em que questões você está interessada? Quem são os seus adversários?

Figura 50 - Identidades visuais de embalagens de leite achocolatado industrializado



Legenda: (a) produto da marca Terra Viva, produzido pela Cooperativa Regional de Comercialização do Extremo Oeste (Cooperoeste), no assentamento de Campo Erê, em Santa Catarina. (b) Produtos de marcas tradicionais da indústria de laticínios.

Fontes: (a) <<http://www.cooperar.org.br/node/13>>

(b) <<https://www.itambe.com.br/portal/produto/bebida-lactea-itambe-kids-chocolate>>

<<https://www.gironews.com/lancamentos/parmalat-apresenta-novo-achocolatado-11584/>>

<<https://www.carrefour.com.br/Bebida-Lactea-Instantanea-Toddynho-200ml-3-Unidades/p/149314>> Acessos em abril 2020.

Em (a) vemos duas versões de embalagem para o mesmo leite achocolatado comercializado nas redes do MST e em (b) vemos embalagens de três diferentes marcas de tradicionais indústrias de laticínios. Embora o nome de uma das marcas de produto da reforma agrária – Terra Viva – apareça bem visível na frente da embalagem, assim como a marca do MST, na lateral, próximo ao selo da inspeção sanitária e ao código de barras, o que salta aos olhos é a semelhança da linguagem visual com a que se observa em produtos de marcas tradicionais. Além da paleta de cores, nota-se semelhanças como o nome dos produtos ser uma versão diminutiva da marca produtora, das tipografias aparecerem “em movimento” – ou com ponto de fuga ou com letras desalinhadas – e do motivo central do projeto gráfico da embalagem ser um personagem com ares de super-herói, em uma representação igualmente dinâmica, sobre um fundo no qual o leite com chocolate nunca aparece “quieto” dentro de uma caneca, mas em ondas, em “splashes”, em verdadeiras onomatopéias visuais.

É possível afirmar que a marca Terra Viva, ao optar pela semelhança com o que tradicionalmente se vê nas embalagens, assume-se como concorrente pelos mesmos consumidores de qualquer outro produto beneficiado pela agroindústria. Embora o leite achocolatado Terrinha só possa ser adquirido nas redes de comercialização do MST, ele poderia, tranquilamente, estar na mesma prateleira de laticínios, ao lado de outros achocolatados, em um supermercado qualquer.

Outro exemplo notável é a marca do Armazém do Campo, rede de lojas que comercializa produtos da reforma agrária, com filiais em várias cidades brasileiras como Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Caruaru. O nome da marca aparece em

letras brancas sobre fundo verde escuro, semelhante ao desenho artístico manual de letras trabalhadas e combinadas para uso e finalidade únicos, conhecido como *lettering*, no qual as palavras são desenhadas à mão, com lápis, canetas, pincéis, giz, entre outros, mas podem também ser feitas diretamente no computador, mantendo as características de manualidade e ajuste para o fim específico. As palavras “produtos da terra” completam a marca, em letras vazadas sobre uma faixa branca ondulante, com as extremidades recortadas em “v”, lembrando uma fita de tecido (Figura 51c).

Figura 51 – *Lettering*: comida que transforma e Armazém do Campo



Legenda: (a) Frase desenhada na parede do *Refettorio* Gastromotiva, (b) fachada do Armazém do Campo no Rio de Janeiro, (c) logotipo do Armazém do Campo.

Fontes: (a) <<https://www.instagram.com/p/B9kgfmEJTr6/>>

(b) <<https://mst.org.br/2018/09/15/inauguracao-do-armazem-do-campo-reune-centenas-de-pessoas-no-rio-de-janeiro/>> (c) <<https://www.facebook.com/armazemcamporj/>>

Na Figura 51(b) vemos como a marca do Armazém foi aplicada em um tecido verde escuro em forma de estandarte e enfeitado com retalhos de chita e fitas coloridas para servir de letreiro de identificação da filial do Rio de Janeiro. Neste caso a marca aparece aplicada sobre um elemento retirado da cultura popular brasileira: o estandarte dos folgedos e cortejos de rua. O surpreendente foi encontrar em uma parede verde-escuro no interior do *Refettorio* Gastromotiva a frase “comida que transforma” escrita em giz (ou pintada), com letras brancas (a), em um estilo de *lettering* muito semelhante ao usado na marca do Armazém. No caso da parede no *Refettorio*, um esforço coerente com toda a proposta de contemporaneidade da marca; e no caso do Armazém, mais uma evidência de que os produtos da reforma agrária se apresentam como concorrentes pelo mesmo mercado consumidor de qualquer produto alimentício comercializado na cidade.

Segundo o dirigente nacional do MST, João Pedro Stedile, o Armazém do Campo tem a função de vitrine da produção dos acampados e assentados. Stedile afirma que a loja reflete uma mudança no entendimento do que atualmente é a reforma agrária. “O novo paradigma, e onde se deve focar as políticas públicas, é produzir alimentos saudáveis. Portanto, a reforma

agrária não é mais só camponesa, mas popular, *e deve interessar a todo o povo* e nosso compromisso é produzir esses alimentos saudáveis". (grifo nosso)²⁵ As lojas do Armazém do Campo podem ser tomadas como mais um cosmograma do MST, expressando concretamente o modo de existência que agrupa sob a sigla do movimento, os auto denominados sem-terra.

3.2 Sementes

A transnacional Cargill (Figura 52), uma das patrocinadoras da Gastromotiva, é uma gigantesca empresa do “agronegócio”, e suas atividades incluem compra, processamento e distribuição de grãos e outras *commodities* agrícolas, fabricação e venda de ração animal, ingredientes para alimentos processados, produtos farmacêuticos, máquinas agrícolas, além de possuir navios cargueiros e terminais portuários em vários países. Entre seus diversificados negócios no ramo agroalimentar, estão a produção e venda de sementes híbridas.

Figura 52 – *Website* da Cargill.



Legenda: *Print* de tela do *website* da Cargill, empresa que produz e comercializa sementes híbridas e uma das patrocinadoras da Gastromotiva.

Fonte: <<https://www.cargill.com.br/>> Acesso em maio de 2020.

Tecnicamente, sementes híbridas são o cruzamento de duas variedades diferentes, resultando em plantas e frutos maiores e mais uniformes, o que é vantajoso para o agricultor. A semente híbrida é uma propriedade da empresa e o agricultor não tem acesso às linhagens

²⁵Em:<<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/30/armazem-do-campo-inaugura-como-nova-opcao-para-consu-mo-de-alimentacao-saudavel-em-sp/>> Acesso em março de 2022.

que deram origem àquele híbrido, o que torna impossível produzir sua própria semente. A cada safra, novas sementes precisam ser adquiridas da empresa que as produz. Segundo a ABRASEM (Associação Brasileira de Sementes e Mudanças), o mercado de sementes movimentou 10 bilhões de reais por ano no Brasil:

Com a terceira maior indústria do mundo no setor, atrás apenas dos Estados Unidos e da China, o mercado brasileiro de sementes cresceu 122% em dez anos, passando de 1,8 milhão de toneladas na safra 2005/06 para 4 milhões em 2015/16. Comercializadas geralmente em pacotes tecnológicos que incluem a prestação de serviços e a aquisição de insumos químicos, as sementes híbridas e transgênicas têm, entre seus principais apelos, o aumento da produtividade – a Abrasem, inclusive, aponta a indústria como principal responsável pelo crescimento da produtividade agrícola no país.²⁶

A Cargill vende exatamente esses pacotes tecnológicos de cultivos, pelos quais se adquirem as sementes, os insumos químicos para cultivá-las e informações sobre como usar esta “compra casada” de sementes e tecnologias. São pacotes tecnológicos para cultivo de milho, algodão, cana-de-açúcar, palma, sorgo, soja e girassol. Em seu *website*, ela explica que é “um dos maiores comerciantes de grãos e oleaginosas do planeta”, e que opera “em uma base global integrada para fornecer, armazenar, comercializar, processar e distribuir grãos e sementes”, além de oferecer “orientações sobre fertilizantes e produtos químicos mais adequados”.

Desde 2001, o nome da Cargill vem aparecendo entre os alvos de protestos do MST e da *Via Campesina* (organização internacional de movimentos sociais camponeses). Em uma matéria da revista Piauí sobre certo protesto do MST, lemos:

O adversário, agora, são as gigantes multinacionais do agronegócio. Um dos compromissos assumidos foi o de “combater transnacionais como Monsanto, Syngenta, Cargill, Bunge, ADM, Nestlé, Basf, Bayer, Aracruz, Stora Enso, entre outras” e “impedir que continuem explorando nossa natureza, nossa força de trabalho e nosso país”. É a primeira vez que os maiores grupos do PIB agrícola nacional são nomeados por extenso em documento do MST (Carvalho, 2007).

Uma notícia no próprio *site* do MST relata a ocupação de uma unidade da Cargill por vários movimentos sociais ligados às questões agrárias:

Nesta terça-feira, (10) cerca de 1500 mulheres camponesas do MST, Movimento Camponês Popular (MCP), da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (FETRAF) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT) ocuparam a unidade da transnacional Cargill, em Goiânia. [...] Segundo as trabalhadoras rurais, a Cargill vem estimulando o desmatamento do cerrado e a expulsão de milhares de famílias camponesas, ao apoiar a expansão dos monocultivos de soja e cana-de-açúcar.²⁷

²⁶Em: <<http://www.ufrgs.br/secom/ciencia/processos-de-conservacao-das-sementes-crioulas-sao-tema-de-tese-de-doutorado/>> Acesso em maio de 2020.

²⁷ Em:

<<https://mst.org.br/2015/03/10/mais-de-1500-mulheres-do-campo-ocupam-unidade-da-cargill-em-goiania>>. Acesso em março de 2020.

Um aspecto bastante importante para pessoas em torno do espaço de comercialização, e amplamente divulgado em seus meios de comunicação, é que produtos comercializados no Terra Crioula são frutos de um tipo de trabalho em certo modelo de propriedade fundiária, e que as sementes são “livres”, isto é, podem ser replantadas a cada colheita e sempre produzirão mais sementes. De fato, o nome Terra Crioula provavelmente é derivado da noção de sementes crioulas: aquelas tradicionalmente usadas pelos pequenos agricultores locais, em oposição às sementes manipuladas pelas grandes empresas.

Sementes crioulas contribuem para a realidade na qual a comida é produzida e reproduzida no projeto de existência coletiva cartografado a partir do número 107 da Rua da Lapa. Se seguirmos o fio que elas desfiam, veremos que, por sua vez, sementes crioulas também mobilizam uma complexa e sortida rede de atores para continuarem existindo. Elas disputam suas existências com as sementes híbridas, que também podem ser explicadas como uma aglutinação em rede de certos atores e motivos. Voltando à pergunta inicial sobre o que sustentamos quando nos alimentamos, as sementes crioulas aparecem como nó crítico na teia urdida em função da questão agroalimentar. Há grupos de pessoas, famílias, associações conhecidas como “guardiãs” de sementes crioulas.

Segundo o Plano Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica (Pleapo), até 2012, o Rio Grande do Sul contava com mais de 140 guardiões, sendo que grupos ou associações, como os existentes em Ibarama e Tenente Portela, que reúnem cerca de 30 famílias cada, foram identificados como um guardião único. Esses guardiões são, em geral, agricultores familiares, camponeses, quilombolas ou indígenas, com distribuição, na época do levantamento, por 29 cidades distribuídas pelo estado, com maior concentração nas regiões sul e central.²⁸

A pesquisadora Viviane Camejo Pereira (2017) verificou que as associações ou cooperativas, junto com as sementes, guardam também informações como local mais apropriado para se plantar e manter cada semente, temperatura e umidade ideais para cultivá-las. As famílias mantêm suas sementes por décadas, há sementes que “entraram para a família” como presente de casamento recebido pelos avós ou bisavós, e que seguem sendo plantadas, selecionadas, adaptadas pelas gerações humanas descendentes. Não só as pessoas agem sobre as sementes: ao longo do tempo as sementes também agem sobre as pessoas, adaptando-as, ao longo de gerações, aos seus ciclos, aos seus jeitos de serem plantadas. Fomentando a formação e existência dessas associações de “guardiões”, entram, no traçado da rede, as instituições públicas, organizações não-governamentais, universidades e órgãos de pesquisa, que ajudam as associações de guardiões de sementes crioulas a terem acesso a editais, projetos, planos de políticas públicas de aquisição de alimentos, bem como

²⁸Em: <<http://www.ufrgs.br/secom/ciencia/processos-de-conservacao-das-sementes-crioulas-sao-tema-de-tese-de-doutorado/>> Acesso em maio de 2020

conseguirem recursos maiores como “uma câmara fria ou uma estufa”. A Emater, a Embrapa e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) são parceiros importantes das sementes crioulas e suas associações guardiãs no Rio Grande do Sul. No nordeste, a Embrapa é parceira do Programa Sementes do Semiárido, criado em 2015 pela Articulação Semiárido (ASA), para valorizar e garantir o acesso ao “patrimônio genético que vem sendo cultivado, selecionado e conservado há séculos pelas comunidades que vivem no semiárido”. Nas palavras de um de seus coordenadores, o programa

resultou na estruturação de mais de mil casas ou bancos de sementes comunitários de todo o semiárido brasileiro. É um programa que rompe com a estratégia convencional da política pública distributiva de sementes e passa a ancorar sua ação de forma a permitir que as próprias comunidades se organizem para a conservação e uso das suas sementes.²⁹

Os bancos de sementes e as feiras de troca organizados e mantidos pelas associações de guardiões de sementes se conectam à teia que garante existência às sementes crioulas como espaços de compartilhar conhecimento e conhecer histórias sobre as sementes ali guardadas. (Figura 53)

Figura 53 - Sementes crioulas



Legenda: (a) Feiras de trocas de sementes estão entre os principais espaços de compartilhamento de conhecimento acerca das sementes crioulas - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens. (b) Banco de sementes do projeto Agrobiodiversidade no Semiárido - Foto: Hugo de Lima/Agência Eco Nordeste

Fontes: (a) <<http://www.ufrgs.br/secom/ciencia/processos-de-conservacao-das-sementes-crioulas-sao-tema-de-tes-e-de-doutorado/>> (b) <<https://mst.org.br/2019/10/09/transgenia-e-a-maior-ameaca-a-expansao-e-preservacao-de-sementes-crioulas/>> Acessos em março de 2020

Nas disputas políticas, Luciano Marçal Silveira, membro da Subcomissão Temática de Sementes da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO) e do Comitê Gestor do Projeto Agrobiodiversidade no Semiárido da Articulação Semiárido

²⁹Em: <<https://mst.org.br/2019/10/09/transgenia-e-a-maior-ameaca-a-expansao-e-preservacao-de-sementes-crioulas/>> Acesso em maio de 2020

Brasileiro (ASA), explica que os programas públicos não pressupõem que exista material genético de qualidade na mão das famílias agricultoras:

Seguindo esse pressuposto, os programas públicos, face aos longos períodos de seca, distribuíram em larga escala sementes de pouquíssimas variedades, de uma ou duas espécies, em geral milho e feijão. Então, esses programas, ao invés de gerarem autonomia local, promoverem condições adequadas para fortalecer a produção de alimentos e maior resiliência diante das perturbações do clima, em geral, produziram o efeito contrário, provocando erosão genética e perda de autonomia das famílias, na medida em que as variedades tradicionais foram sendo substituídas por variedades pouco adaptadas a condições ecológicas e às preferências socioculturais das famílias agricultoras.³⁰

Pereira (2017) também descreve a ameaça das sementes transgênicas sobre as crioulas entre as famílias agricultoras no Rio Grande do Sul:

Muitas das pessoas que fazem a guarda da semente crioula foram criticadas em algum momento da vida por outras pessoas, que cobravam que deixassem sua semente crioula e adquirissem sementes híbridas e, a partir dos anos 2000, transgênicas. E essas pessoas resistem desde os anos 40, 50 – desde que as sementes híbridas começaram a chegar. Alguns até experimentaram a semente híbrida e viram que não deu certo, mas nunca deixaram de lado sua semente crioula.³¹

Sementes transgênicas também são fonte de preocupação entre guardiões de sementes crioulas, que, além das tarefas rotineiras relacionadas às suas lavouras, precisam estar atentos às plantações dos vizinhos, uma vez que existe o risco de as plantas transgênicas, por meio da dispersão e da polinização, cruzarem com as crioulas, transferindo-lhes seu material genético. O milho transgênico e o crioulo, por exemplo, podem até conviver como plantas em algum momento, mas não podem florescer juntos. Assim, o guardião precisa planejar seu plantio de maneira que as plantas dele e as do vizinho floresçam em períodos diferentes, para não haver polinização.

Nem todos os vizinhos avisam que estão plantando transgênico, mas, como são municípios pequenos, as pessoas se comunicam, alguém comenta. Em alguns casos, os guardiões vão até o vizinho perguntar se ele vai plantar transgênicos. Eles vivem nessa ansiedade de estar cuidando tudo a sua volta para que não haja essa contaminação.³²

Também no semiárido, as sementes geneticamente modificadas ameaçam as genéticas crioulas. A ASA fez testes de transgenia nas sementes de milho dos bancos de sementes do semiárido e, dos 900 testes realizados, quase 300 apontaram contaminação. Isso ocorreu porque a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) enviou sementes transgênicas para as famílias enfrentarem a seca dos últimos sete anos. “O cultivo desse material [transgênico] tem produzido um efeito devastador, contaminando a grande diversidade das

³⁰ Idem.

³¹ Em: <<http://www.ufrgs.br/secom/ciencia/processos-de-conservacao-das-sementes-crioulas-sao-tema-de-tese-de-doutorado/>> Acesso em maio de 2020.

³² Idem.

variedades de milho crioulo do semiárido. Esse é o quadro mais grave da atualidade”, explica Luciano Marçal. Outro fator que reforça a insegurança entre os agricultores que cultivam sementes crioulas é que a genética transgênica é propriedade de uma empresa. Como o “germoplasma” transgênico é patenteado, e são cobrados *royalties* pela sua utilização, existe o risco de as empresas encontrarem meios de fazer os agricultores pagarem pelas sementes contaminadas.

Em 2018 as sementes crioulas foram proibidas e impedidas de serem utilizadas no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. Em 26 de julho de 2018, a *Via Campesina* e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) divulgaram uma nota “denunciando o golpe que atinge as sementes crioulas no Brasil” por conta do parecer jurídico assinado pelo procurador da CONAB, o advogado Ricardo Augusto de Oliveira.

Figura 54 - Rede de atores conectados pelas sementes



Legenda: Representação gráfica da rede de atores que se conectam em função das sementes

Fonte: a autora, 2022.

As sementes estão presentes em instâncias nacionais de compra e venda de alimentos. A Conab, citada acima como atuante na rede agroalimentar do país, é uma empresa pública com sede em Brasília, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A Companhia foi criada por lei em 1990, pela fusão de três empresas públicas: a Companhia de Financiamento da Produção (CFP), criada em 1943; a Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL), criada em 1962; e a Companhia Brasileira de Armazenamento (CIBRAZEM), também de 1962. As atividades da CONAB foram iniciadas em 1º de janeiro de 1991, com capital 100% do Tesouro Nacional. A CONAB fornece ao governo federal a base técnica para tomada de decisão quanto à elaboração de políticas voltadas à agricultura,

com informações sobre a produção agropecuária nacional, previsão de safras, de custos de produção e armazenagem, do posicionamento dos estoques e de indicadores de mercado, além de estudos técnicos que viabilizam a análise do quadro de oferta e demanda.³³

O *site* do Ministério da Cidadania nos informa que o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), outro ator citado na nota, possui duas finalidades básicas: promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar. O PAA também contribui para a constituição de estoques públicos de alimentos produzidos por agricultores familiares e para a formação de estoques pelas organizações da agricultura familiar. Além disso, o programa *promove o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais de alimentos*; fortalece circuitos locais e regionais e redes de comercialização; valoriza a biodiversidade e a produção orgânica e agroecológica de alimentos; incentiva hábitos alimentares saudáveis e estimula o cooperativismo e o associativismo. O orçamento do PAA é composto por recursos do Ministério da Cidadania.³⁴

A nota do MPA conta que as sementes crioulas eram utilizadas normalmente dentro do PAA/sementes desde o início do programa, em 2003. O texto da nota ainda nos deixa saber que há uma “Lei das Sementes”, também de 2003, que isenta de inscrição no Registro Nacional de Sementes (RENASEM): “§3º[...] os agricultores familiares, os assentados da reforma agrária e os indígenas que multipliquem sementes ou mudas para distribuição, troca ou comercialização entre si.”

O Movimento dos Pequenos Agricultores e a *Via Campesina* dizem, em sua nota, que “este Governo serve aos grandes proprietários rurais e às multinacionais das sementes que querem extinguir o controle popular da biodiversidade agrícola.”³⁵

3.3 Organização do trabalho e da produção

Em sua página na internet,³⁶ a Gastromotiva informa que mais de 7.000 voluntários já passaram por lá, e conclui que “servir dignifica tanto quanto ser servido”. O link para se inscrever como trabalhador voluntário diz: “para viver a experiência basta se inscrever aqui!”.

³³ Em: <<https://www.conab.gov.br/institucional>> Acesso em: maio 2020

³⁴ Todas as informações podem ser encontradas em:

<<http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa>> Acesso em maio de 2020

³⁵ Em: <<https://cimi.org.br/2018/07/mpa-o-golpe-atinge-as-sementes-crioulas/>> Acesso em maio 2020

³⁶ Em: <<http://www.refettoriogastromotiva.org>>. Acesso em: março 2020.

O próprio trabalho projetual, de imaginar e construir uma estrutura material, também foi voluntário. O projeto das instalações envolveu curadoria de um artista plástico, escritórios de design e arquitetura, iluminador, fotógrafo e artistas doadores de obras para o espaço. Os nomes das pessoas e do escritório de arquitetura são citados destacadamente, a internacionalidade é enfatizada. O texto sugere que os artistas/projetistas acreditam que o que eles fazem ali transforma a sociedade e que, por confiarem na Gastromotiva como uma organização para fazer o bem, se associam a ela.

Para realizar o sonho de colocar o projeto de pé, Vik Muniz, responsável pela curadoria artística, irmãos Campana e Maneco Quinderé se voluntariaram para desenvolver cenografia e mobiliário. O projeto é assinado por Gustavo Cedroni da METRO Arquitetos. O fotógrafo francês JR e os artistas Pas e Spear também contribuíram com peças para o espaço. Todos esses profissionais, reconhecidos internacionalmente, colaboram por acreditarem no poder de *transformação social* da gastronomia.³⁷

O lema da Gastromotiva, em destaque no *site* da instituição, é: “comida, cultura, dignidade”. Ainda no *site* destaca-se que o projeto é “uma parceria entre muita gente boa”, levando-nos a compreender que ser “gente boa” e fazer “o bem” são motivadores para que atores se associem em meio a uma rede de inúmeras outras associações. Para tanto, é necessário negociar um acordo sobre que ações serão incluídas como “do bem” e contra que espécie de “mal” esse bem será praticado. Para uma organização que deseja atrair trabalho voluntário, interessa que a ideia do que seja o “bem” se mantenha ampla o bastante para não levantar objeções, pois mesmo o voluntário mais disposto tem seus critérios orientadores para quem ou o que ele escolhe trabalhar voluntariamente. O “bem”, nesse caso, é um exemplo de questão de fato, uma ideia que está fora de questão e sobre a qual não está previsto haver discussão. Que tipo de motivação leva alguém a fazer trabalho voluntário na Gastromotiva? A leitura de comentários em uma rede social pode iniciar uma reflexão:

@refettoriogastromotiva. O resultado disso tudo é um espaço que oferece, além de comida, cultura e dignidade. No coração do Rio de Janeiro, construímos juntos um ambiente de conexão! E você? Conta suas lembranças do Refettorio Gastromotiva no nosso #TBT

@Florbella. Simplesmente amo quando consigo organizar meu horário e dedicar um pedacinho do meu dia nesse lugar

@Manuellasennab. Foi tão mágico! Fiz um amigo no dia do meu voluntariado. A gente sempre conversa sobre o gastromotiva. Queremos voltar!!

@Jansentrindade. Não conheço mais [sic.] pretendo em breve!

@Grylopes. Para ser voluntário tem que saber cozinhar?

@Florbella@grylopes. Voluntários servem os convidados. É uma experiência transformadora pra vida.

@Grylopes @florbella. Sabe como se faz?????

@Florbella @grylopes. Quando fiz pela primeira vez, em 2017, me inscrevi pelo site.³⁸

³⁷ Idem. Grifo meu.

³⁸ Retirado do perfil. Em: <<https://www.instagram.com/refettoriogastromotiva>>. Acesso em: mar. 2020.

Os comentários ilustram a miríade de sentimentos evocados quando trabalho voluntário é o tema da conversa. Alguém diz que “ama” quando consegue dedicar um pedacinho de seu dia ao lugar, outro perfil usa a palavra “mágico” para descrever o dia que foi voluntária, e explica que “os voluntários servem os convidados”, acrescentando que é uma “experiência transformadora pra vida”. Nas palavras de outra voluntária, “dar” é, na verdade, “um ato de egoísmo”, revelando a satisfação que o trabalho voluntário lhe proporciona:

Eloisa Aquino têm trabalhado como voluntária no *Refettorio* Gastromotiva no Rio de Janeiro desde 2017. [...] ela disse que a equipe, os convidados e os voluntários se tornaram sua família adotiva. [...]: “Eu sempre digo que dar é na verdade um ato egoísta, porque a satisfação de dar é muito maior do que a de receber” [tradução nossa].³⁹

A satisfação de doar tempo e trabalho, percebida por Eloisa como um “ato egoísta”, é buscada por muitas pessoas que procuram preencher o vazio existencial, por vezes fruto de um trabalho desconectado de ideais maiores. As pessoas buscam se ocupar de coisas que façam sentido em um mundo que elas querem ver existir.

O trabalho voluntário pode congrega um espectro de motivos altruístas, de interesse próprio e de sociabilidade. Os interesses do voluntário podem ser mediados por “ideais religiosos, afetivos/aflitivos, resultantes de sentimentos de culpa ou de obrigação para com o outro, ou, ainda, de sentimentos de responsabilidade”, que estariam associados a valores como “abnegação, dedicação, amizade, aprendizagem e ambição” Entre os voluntários da Gastromotiva, é possível que os motivos venham da sensação de privilégios, de status e de proteção que o trabalho voluntário ali representa, estando o voluntário interessado na construção e na projeção de uma autoimagem e na promoção pessoal junto aos indivíduos e às coletividades.⁴⁰ Na Figura 55, uma coleção de comentários feitos em publicações no *Instagram* demonstram a vontade que move o exército de voluntários:

³⁹ *Eloisa Aquino has been volunteering at the Refettorio Gastromotiva in Rio de Janeiro since 2017. [...] she told us that staff, guests and volunteers have become her “adopted family”. [...] “I always say that giving is actually a selfish act, because it feels so much better to give than to receive.”*

Retirado de: <<https://www.foodforsoul.it/about-us/news-stories/news/a-big-family>>. Acesso em: mar. 2020.

⁴⁰ SOUZA, Washington José de; MEDEIROS, Jássio Pereira de. Trabalho voluntário: motivos para sua realização. *Revista de Ciências da Administração* [online]. 2012, 14(33), 93-102. ISSN: 1516-3865. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273523604008>> Acesso em agosto de 2019.

Figura 55 – Comentários sobre ser voluntário no *Refettorio* Gastromotiva



Legenda: Montagem com *prints* de tela de comentários expressando a simpatia, a devoção, a paixão que o trabalho na Gastromotiva desperta em seus voluntários.

Fontes: <<https://www.instagram.com/gastromotiva/>> e <<https://www.instagram.com/refettoriogastromotiva/>> Acessos em junho de 2020.

Para ser voluntário e servir convidados em um “jantar solidário” no *Refettorio*, há uma fila de espera. São 15 vagas por jantar, cinco jantares por semana. A cada semana a fila diminui 75 pessoas, mas quanto será que ela aumenta para que os aspirantes tenham que esperar até três meses para “viver a experiência”? Organizar a fila de pessoas interessadas em doar seu tempo ao “projeto” é uma das funções remuneradas possíveis na Gastromotiva. Entre os trabalhadores remunerados, encontramos funções como “coordenador de projetos” ou “*storyteller*” e as vagas para estes cargos podem ser anunciadas por publicações em redes sociais virtuais ou por *e-mails*, como este, enviado para o grupo *social-enterprise-jobs* a procura de um “coordenador” e de um *storyteller*: a transmissão de uma história por diferentes tipos de mídias, às quais as histórias têm que ser adequadas e por isso contadas de formas diferentes é o que se conhece, nos domínios da publicidade, por *transmedia storyteller*.⁴¹ O *e-mail*, todo em inglês, começa apresentando o *Social Gastronomy Movement* – “facilitamos redes entre indivíduos, empresas sociais e organizações que trabalham com *comida para transformação social*” [grifo deles]. O texto logo esclarece que “o movimento [da gastronomia social] tem como missão estimular colaboração, (...) essencial e sempre em falta quando se trata de promover mudanças sociais e impacto significativo.” O coordenador

⁴¹ Em <<https://www.significados.com.br/storytelling/>> Acesso em junho de 2020.

terá como função geral “guiar a equipe para atingir seus objetivos estratégicos e assegurar que todos *gets to be at their best* [dêem o seu melhor ou estejam em seus melhores].” Já a função do *storyteller* será fazer a comunicação “do movimento para o mundo”. O *e-mail* finaliza dizendo que o movimento está baseado no Rio de Janeiro, com uma estrutura de trabalho descentralizada, *hubs* e apoiadores por todo o globo. Os candidatos selecionados permanecerão no Rio por vários meses, podendo mudar depois para “um de nossos centros em outro país.” (Figura 56)

Figura 56 – Comunicação de oferta de emprego na Gastromotiva

Your role as our Coordinator

You will guide the SGM Operational team to achieve strategic objectives and make sure everyone gets to be at their best

- Create a structure for internal communication and alignment
- Responsible for managing the project's budget
- Manage relations to an external events agency for our Summit in Paris
- Make sure that values and governance are respected
- Help the different team members to grow in their position
- Responsible in front of the Operational Coaches for the delivery of objectives

Skills & interests we are looking for

- Curiosity about current social challenges and social innovation
- Proactive and positive attitude
- Ease at presenting and communicating.
- Knowledge on working with horizontal structures and on system change
- Team management, project management and events organization experience

What we offer

- ✓ Flexible geography and regular travel opportunities
- ✓ Start-up-like structures with opportunities to grow with the project
- ✓ Flat hierarchies and autonomous decision making
- ✓ Be part of an international and impactful community
- ✓ Space for personal and professional development
- ✓ Great food!



Legenda: Partes de um arquivo PDF, oferta de vaga para trabalhar remuneradamente como coordenador na Gastromotiva.

Fonte: NIKO. *The Social Gastronomy Movement is looking for a coordinator and for a storyteller! (Rio de Janeiro or global)* [mensagem eletrônica]. Mensagem recebida por <social-enterprise-jobs@googlegroups.com> em 12 de fevereiro de 2020.

Não é possível saber, apenas pelo texto do anúncio da vaga, se direitos trabalhistas estão incluídos entre as ofertas do empregador. O que é comunicado sob o título “o que oferecemos” é que o candidato selecionado terá oportunidades regulares de viajar, que a estrutura segue um modelo de *startup*, pouco ou nada hierarquizada, e, por isso mesmo, demanda autonomia do trabalhador na tomada de decisões. Entre as ofertas, estão ainda a inserção do candidato em uma comunidade “internacional e impactadora”, espaço para desenvolvimento profissional e pessoal e, por fim, “boa comida”. A expressão “boa comida” entre as ofertas incluídas na vaga para trabalhar na Gastromotiva remete a uma das formas mais comuns de precarização laboral: trabalhar em troca de comida. Não é o caso, já que, ali, a “boa comida” parece um item extraordinário, um possível motivo de interesse, já que o trabalho é em uma escola que forma cozinheiros. Mas a associação por proximidade com “trabalhar pra comer” foi inevitável. A boa comida preparada nas aulas estava ali sendo oferecida com um ponto de exclamação (*great food!*) como benefício em um texto que faz isso parecer uma coisa imperdível, semelhante ao texto do *e-mail* que buscou parceria com a horta da Rua General Glicério (ver 2.2.1).

Uma *startup* é uma “empresa jovem com um modelo de negócios repetível e escalável, em um cenário de incertezas e soluções a serem desenvolvidas”, conforme informa a plataforma de cursos *online* Startese⁴², que esclarece inicialmente que, uma empresa desse tipo não se limita a negócios digitais; mas necessita de “inovação para não ser considerada uma empresa de modelo tradicional”. Na sequência, ficamos sabendo que “empreender virou o sonho de muita gente” e que as *startups* são mais frequentes na internet porque é “mais barato e facilmente propagável criar uma empresa online do que uma de agronegócio, por exemplo”. Para não restar dúvidas, a plataforma define que *startup* é um “modelo de negócio”, no qual o foco não é no produto, mas no valor e na rentabilidade, “como o seu negócio soluciona a dor do cliente de forma lucrativa” e faz uma associação entre *startups* e empreendedorismo:

A questão é: empreender, sobretudo, significa andar pelos próprios pés e rumo a um caminho desconhecido. É ser autônomo e dedicado o suficiente para assumir um risco e bancá-lo. E isso dá um medo danado, requer toda uma reestruturação de mentalidade, hábitos e costumes. Não caia na armadilha de pensar que nomes como Elon Musk ou Larry Page não sentiram isso quando se jogaram pelo mundo, porque são sensações inerentes à consciência do homem. Surge nessas horas o instinto e cabe a todos os corajosos saberem como controlar e superá-lo, em ordem de [sic] atravessar todos os seus medos e finalmente atingir o sucesso.⁴³

O texto pouco usa as palavras “empresa” ou “negócios”. Isso porque, segundo a plataforma Startese, empreendedorismo não diz respeito apenas a negócios: o conceito deve ser ampliado para “uma ferramenta que gere valor para a sociedade”. Gerar valor para a sociedade tem sido frequentemente resumido em praticar filantropias, mitigar todo tipo de carência humana: de comida a atenção. Vem daí a possibilidade de haver empreendimentos que não geram, inicialmente, lucros monetários: são ações que visam fazer algo acontecer. Durante a pandemia de covid-19, proliferam nas redes as campanhas, ações, arrecadações para ajudar pessoas sem teto. Como a Gastromotiva, outro exemplo notável de *startup* para a filantropia foi a mim enviado por mensagem de *Whatsapp*, na forma de um arquivo de texto. Efeito Sanduíche: uma iniciativa de três pessoas “empreendedoras sociais” com apoio de uma instituição chamada “intervenção social” e que serve para viabilizar doação de sanduíches para “a população que está extremamente fragilizada”.

A marca, uma ilustração na qual o nome do “projeto” aparece como um recheio de sanduíche, lembra o desenho esquemático do punho erguido com a mão fechada, comumente reproduzido com stencil vazado em grafites urbanos, associados a mensagens de luta, resistência, movimentos sociais de minorias. (Figura 57).

⁴² Em: <<https://www.startse.com/noticia/startups/afinal-o-que-e-uma-startup>> Acesso em junho de 2020

⁴³ Idem.

Figura 57 – Efeito Sanduíche

PROJETO
Criar uma rede de montagem de sanduíches para doação.
Efeito Sanduíche.
Vamos distribuir kits com ingredientes, receita, embalagem e tutorial para a montagem em casa de pelo menos 30 sanduíches por voluntário.
A distribuição será feita líderes comunitários ou assistentes social para a população que está extremamente fragilizada.

A CAUSA
A pandemia afeta a economia e fragiliza mais ainda as pessoas em situação de risco. Se faz, portanto, urgente a doação de alimentos.
Nosso compromisso é distribuir sanduíches e cuidado de uma maneira simples e prática.
Neste momento, quando muitos querem ajudar e não sabem como, temos a oportunidade de incentivar o pensamento coletivo solidário.

QUEM SOMOS?
Empreendedoras sociais:
Clarice Philibert, produtora
Muriel Mattalon, empresária
Zoe Mattalon, estudante
Apoiado por **Intervenção Social**

PORQUE?
Por que sanduíches?
Porque é mais fácil para quem quer ajudar e não tem muita habilidade na cozinha, além da praticidade de manuseio, transporte e distribuição.
Por que voluntários na produção?
Acreditamos que o sentimento de ação aumenta exponencialmente quando o voluntário atua diretamente. Iniciativas sociais de mobilização solidária como esta, quanto maior o número de envolvidos, maior será o número de beneficiados.

REDE VOLUNTÁRIA, PRODUÇÃO DE ALIMENTOS
Se você, como nós, acredita que cada cidadão desempenha um papel importante numa sociedade mais humana e sustentável, não temos dúvida que, nesta pandemia, se tivesse oportunidade, você estaria ajudando de alguma forma a população mais fragilizada.

COMO FAZER ISTO, NO MEIO DE UM ISOLAMENTO SOCIAL?
Uma opção: FAÇA SANDUICHE!!!
Entregamos na sua casa os ingredientes, a receita, você só precisa cozinhar, montar e nos enviar!!!
Envie uma mensagem para 94388-9301
Ou e-mail para efeitosadudiche@gmail.com

Como Funciona, como o comida é organizada e distribuída?
O voluntário cadastrado manda uma mensagem até as 16:00 com seus dados e quantidade de kits desejado.
No dia seguinte, a Central Efeito Sanduíche monta os Kits, que, depois de pronto, serão enviados para os voluntários nos seus respectivos endereços. (Horário entre 9:00 e 19:30 Hs)
Os voluntários preparam os sanduíches, embalam individualmente, colocam todos na caixa e enviam para a central do Efeito Sanduíche (horário a partir das 11:00 até as 13:00 Hs)
Importante: A Central Efeito Sanduíche tem todas as condições de higiene obrigatórias na legislação vigente, segue as regras da vigilância sanitária e as orientações da OMS para preparo e manuseio de alimentos.

Como posso me cadastrar?
Você precisa ser indicado por alguém. Peça para esta pessoa mandar seu contato para nossa central.
Se você soube da operação de outra maneira, por favor mande uma mensagem para (11) 94388-9301.

Se quiser fazer mais de 30 sanduíches?
Você pode fazer quanto quiser, basta solicitar uma quantidade maior de kit.
Pode acrescentar leguminosas e receita na fazer mobilizações?
Não, para o preparo de todos, é importante seguir estritamente a receita.
Se eu não quiser cozinhar? Tem algo mais que possa fazer para colaborar?
Sim, você pode contribuir com doações em valores ou doando ingredientes ou embalagens.
Para quem serão entregues os kits?
Mapamos e distribuímos os pontos mais necessitados. Os kits são entregues para líderes comunitários ou assistentes sociais que atuam com ajuda para a distribuição dos sanduíches.
O número de beneficiados, vai estar diretamente relacionado com o pagamento das pessoas e o nosso fôlego financeiro.

Se não quiser fazer 30, posso fazer menos?
Não, o mínimo é um kit, mas você pode pedir ajuda para um vizinho e montar.
É difícil?
Não, é tudo muito prático, foi concebido visando facilitar o preparo e a montagem.
Preço faz diferença?
Não, a frequência vai de acordo com a disponibilidade de cada um.
Posso ajudar para os dias que eu quero fazer?
Sim, inclusive foto nos ajuda muito com a logística.
O que vem em cada kit?
Uma caixa com:
- 30 folhas de papel embalagem
- 1 receita
- 1 por de ingredientes da receita
- 1 kit de distribuição
- Receita e instruções de manuseio

Quanto custa participar?
Os kits são gratuitos.
Seu único custo, é a entrega do sanduíche pronto para a Central Efeito Sanduíche.

Legenda: Partes de documento digital com informações sobre como ser voluntário no Efeito Sanduíche.
Fonte: Mensagem eletrônica pessoal recebida em 11 de junho de 2020.

Novamente, a *startup* busca por voluntários que se disponham a preparar a comida em suas cozinhas. O único gasto, segundo o documento, seria o de enviar os sanduíches preparados e separadamente embalados para a “Central Efeito Sanduíche”. A *startup* é uma forma de organizar trabalho, recursos, pessoas, coisas, para que outras pessoas, muito pobres, se alimentem, principalmente em tempos de pandemia; e também organiza, canaliza, faz fluir por suas conexões, o mesmo trabalho voluntário que tantos querem fazer.

Do outro lado da Rua da Lapa, quinzenalmente, é possível se conectar, como consumidor, à “produção agroecológica dos assentamentos da Reforma Agrária do estado do Rio, (...) fruto da organização coletiva, para as famílias cariocas”⁴⁴. É o espaço Terra Crioula, que comercializa cestas de produtos da Reforma Agrária. A notícia comemorativa dos dois anos de ocorrências quinzenais do Terra Crioula no Espaço Plínio Arruda nos conta que há “uma forte participação do coletivo Alaíde Reis, que compreende os assentamentos Roseli Nunes e Terra da Paz da Regional Sul Fluminense do MST/RJ” (Figura 58). A notícia também nos informa da parceria com a UFRJ, através do Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC), que, no primeiro semestre de 2019, “qualificou a logística, a comunicação, a cooperação e a gestão” das cestas. O caminhão que transporta os alimentos, desde a regional no sul do estado até a capital, foi adquirido através de um “fundo solidário” organizado pela Rede Ecológica. A notícia conclui informando que o processo que possibilita o espaço Terra Crioula existir envolve, direta e indiretamente, cerca de 150 famílias, entre agricultores, transportadores, vendedores e consumidores associados das cestas.⁴⁵ No espaço Terra Crioula são comercializados alimentos de origem agroecológica *in natura*, e também produtos

⁴⁴ Em: <<https://mst.org.br/2019/08/22/espaco-da-terra-crioula-completa-2-anos-no-centro-do-rio-de-janeiro/>> Acesso em junho de 2020.

⁴⁵ Idem.

agro-industrializados das cooperativas nacionais do MST, como o arroz orgânico da COOPAN, no Rio Grande do Sul, a “maior cooperativa de produção de arroz orgânico da América Latina”, o café agroecológico Terra de Sabores, de assentamentos do Espírito Santo e o doce de leite Terra Livre, de cooperativas de leite e derivados do oeste do Paraná.

Figura 58 – Assentadas do MST da regional sul fluminense



Legenda: Mulheres do assentamento Irmã Dorothy, do sul do estado do Rio de Janeiro, mostram alimentos comercializados no espaço Terra Crioula em tempos de quarentena. Uma faixa recomenda “fique em casa” e diz que os assentados garantem o abastecimento da capital.

Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/06/reforma-agraria-popular-mst-doa-8-toneladas-d-e-alimentos-em-dia-de-mobilizacao>> Acesso em junho de 2020.

Estes produtos, além de serem comercializados nas cestas e nas bancas, são utilizados pelo coletivo Culinária da Terra, em uma “cozinha com caráter popular e camponês”. A Culinária da Terra conta também com parceria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, através do projeto de extensão universitária *Convivium*, da graduação em Gastronomia da UFRJ, cuja equipe tem estudantes, professores, assentados e acampados. A Culinária da Terra é a “concretização da relação entre o campo e a cidade, elaborando, quinzenalmente, criativos cardápios que misturam a culinária camponesa com a gastronomia”.⁴⁶

Entre os assentamentos do estado do Rio de Janeiro, encontra-se o Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Osvaldo de Oliveira, em Macaé. O projeto produz feijão, milho, abóbora, mandioca e banana de forma agroecológica, pela organização do trabalho coletivo, e comercializa seus produtos nos circuitos de feiras locais e de forma institucional, através do PAA (plano nacional de aquisição de alimentos). Entre os parceiros institucionais

⁴⁶ Idem

do PDS Osvaldo de Oliveira está a Universidade Federal Fluminense (UFF), no campus de Rio das Ostras, com quem os setores de “formação e produção” começaram um processo de formação em agroecologia e organização coletiva.⁴⁷

O MST afirma ter “o cooperativismo como bandeira na luta pela reforma agrária popular”. Assim enuncia o subtítulo de um entre dezenas de textos localizados no *website* do MST sob a *tag* “cooperativas”⁴⁸. O texto nos diz que na fundação do movimento, em janeiro de 1984, foram acordados alguns objetivos, entre eles, o estabelecimento de “novas relações de produção”⁴⁹, desafio enfrentado desde os primeiros assentamentos, na década de 1980. Os sem terra discutem a cooperação agrícola como forma de resistir ao modelo de desenvolvimento econômico vigente, que consideram “expropriador”. Milton Fornazieri, do setor de produção do MST, diz que “as cooperativas dão mais força ao movimento e servem de forma mais eficaz aos cooperados”.

A luta pela terra é uma luta coletiva e, diante disso, todas as conquistas também são. Após a conquista da terra, a mesma organização deve ser mantida para que essa terra possa se tornar produtiva fornecendo sustento para as famílias assentadas e contribuindo para a economia local das cidades (...) Mais que um modelo de negócios, o cooperativismo é uma filosofia de vida que busca transformar o mundo em um lugar mais justo, equilibrado e com melhores oportunidades para todos.⁵⁰

Cooperativas, na voz do MST, são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas por seus membros, “e nada deve mudar isso”. O valor não negociável atribuído ao trabalho cooperativo possibilita “superar o individualismo que existe em todos nós”. As cooperativas do MST são abertas a todas as pessoas que queiram participar, desde que “alinhadas com o objetivo econômico e dispostas a assumir suas responsabilidades como membro”. A cooperação agrícola associa diferentes forças para a construção do trabalho coletivo de produção de alimentos.

Os assentamentos voltados para a produção de comida organizados pelo movimento são a fase final de um processo que, por vezes, pode durar décadas. O processo começa com uma “ocupação” de terras improdutivas, condenadas por crimes ambientais ou autuadas por trabalho análogo à escravidão, entre outras irregularidades. João Pedro Stedile, fundador e liderança nacional dos Sem Terra explica que:

⁴⁷<<http://boletimmstrj.mst.org.br/>> Acesso em junho de 2020.

⁴⁸<<https://mst.org.br/tag/cooperativas/>> Acesso em junho de 2020.

⁴⁹<<https://mst.org.br/2019/07/05/a-luta-pela-terra-e-uma-luta-coletiva-e-diante-disso-as-conquistas-tambem-sao/>> Acesso em junho de 2020

⁵⁰Idem.

Ocupação é quando é feito de forma massiva por muitas pessoas. Não para tirar proveito próprio, mas para fazer pressão política para que o Governo aplique a lei, desaproprie aquela fazenda que não cumpre sua função social, pague uma indenização ao proprietário e distribua aquela terra para reforma agrária.⁵¹

A ocupação é um grande acampamento. Famílias do movimento constroem estruturas minimamente habitáveis, tendas de plástico preto com estacas de madeira ou bambu em propriedades rurais que não cumprem uma “função social determinada pela Constituição”. Stedile continua: “Todas as nossas formas de luta são pacíficas. [...] a nossa força está no número de pessoas que mobilizamos. A luta armada não resolve nada”. A ocupação é uma fase desgastante, um tempo de esperas longas e em condições difíceis. É preciso que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) desaproprie a terra ocupada e, ao longo dessa espera, muitas desistências ocorrem. Os afastamentos, junto com a entrada de igrejas evangélicas nos territórios, fizeram com que alguns dos agricultores acampados e assentados votassem em Bolsonaro. Wellington Lenon Ferreira, que vive no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, conta que “aqui todo mundo tem *zap*” e que “uma das pessoas que mais se engajou para construir a escola do acampamento votou [em Bolsonaro].”⁵² Para manter a estrutura de um acampamento funcionando, o grupo depende de doações e parcerias nacionais e internacionais. Cada pessoa acampada é livre para contribuir ou não com 10 reais mensais para a manutenção do acampamento.

Grandes proprietários e representantes do agronegócio estão entre os adversários do MST, como a Confederação da Agricultura e Pecuária (CNA) e a União Democrática Ruralista (UDR), cujo ex-presidente é Luiz Antônio Nabhan Garcia, secretário nacional de Assuntos Fundiários, homem de confiança de Jair Bolsonaro para as questões rurais. Conflitos de terra costumam acontecer entre o MST e grandes proprietários de terras “griladas”. No Brasil, grilagem de terras é a falsificação de documentos para, ilegalmente, tomar posse de terras devolutas ou de terceiros. O termo também dá nome à venda de terras pertencentes à União ou de propriedade particular mediante falsificação de documentos de propriedade da área. O agente de tal atividade é chamado grileiro. O termo “grilagem” provém da prática de se envelhecer papéis forjadamente, colocando-se escrituras falsas dentro de uma caixa ou gaveta com grilos, de modo a deixar os documentos amarelados e roídos, com aparência antiga e, conseqüentemente, mais verossímil. No Brasil, o total de terras sob suspeita de grilagem é de aproximadamente 100 milhões de hectares – quatro vezes a área do estado de São Paulo.⁵³

⁵¹<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/13/politica/1544736443_496134.html> Acesso junho 2020

⁵² idem

⁵³ Em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grilagem_de_terras> Acesso em junho de 2020.

Figura 59 - Rede conectada por trabalho e produção



Legenda: Atores-rede conformados em função da organização do trabalho e da produção
 Fonte: a autora, 2022.

A parceria do Movimento dos Sem Terra com as universidades públicas é sempre visível. Em 2009, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), distribuída por cinco campus – um em Santa Catarina, dois no Rio Grande do Sul e dois no Paraná – fez do Assentamento 8 de Junho, em Laranjeiras do Sul, seu local de construção e aplicação de conhecimentos. A demanda por acesso ao ensino superior, muito concentrado nas capitais e distante do interior, pode ser atendida em sete cursos oferecidos na unidade dentro do assentamento: Agronomia, Engenharia de Alimentos, Aquicultura, duas licenciaturas em Educação do Campo, Pedagogia e Economia. Os estudantes passam parte do tempo em sala de aula e outra parte em seus territórios aplicando os conhecimentos. “A universidade veio porque, além de ser uma área descoberta, tem um público enorme quilombola, sem-terra e indígena que nunca conseguia acessar o ensino superior porque tinha que sair daqui” – explica a professora Ana Cristina Hamel. Entre os estudantes, 55% recebem algum tipo de auxílio transporte, alimentação e até moradia. No curso de Educação do Campo, 53% são indígenas e 20% são assentados da reforma agrária.

3.4 Empreendedorismo social e luta de classe

Há um termo francamente em disputa nos dois lados da Rua da Lapa – transformação social. Ambos concordam que é uma urgente questão de justiça a inclusão de um grande número de pessoas que vivem de fora ou à margem da forma de organização da vida em grupo que escolhemos praticar. O empreendedorismo gastronômico-social e a luta coletiva de uma classe social trabalhadora prometem transformar o amálgama que chamamos de social, mas cada um do seu jeito. Como o “social” só é visível pelos vestígios que deixa quando uma nova associação está a ser gerada, vejamos como a expressão soa quando utilizada nos dois casos.

Figura 60 - Camisetas e suas mensagens de transformação social



Legenda: (a) Camiseta do SGM, impressa com a frase “gastronomia é uma ferramenta para transformação social” (tradução nossa) e com a hashtag #socialgastronomy (b) Camiseta do MST, impressa com a frase “lutar, construir, reforma agrária popular!”.

Fontes: (a) <<https://medium.com/@sgmovement/daily-post-3-17a16df9e2d1>>

(b) <<https://www.domcamisetas.com.br/produtos/camiseta-unisex-mst-grande/>> Acessos em mar 2020.

Na Figura 60a, a frase impressa na camiseta do *Social Gastronomy Movement* traz, em inglês, um enunciado que inclui a palavra “social” – mudança social, e diz que essa mudança pode acontecer pela gastronomia. A frase impressa na camiseta do MST (Figura 60b), embora não traga a palavra social, traz o nome da classe social que organiza o movimento – os trabalhadores sem-terra – e diz que há uma luta e uma construção a serem feitas: a transformação no regime de propriedade fundiária para quem se dispõe a plantar alimentos.

Em sua página na internet, o *Refettorio*, ao nos contar sobre os renomados designers, arquitetos, artistas e iluminador que doaram seus trabalhos para a construção e funcionamento do espaço, afirma que “todos esses profissionais, reconhecidos internacionalmente, colaboram por acreditarem no poder de *transformação social* da gastronomia.” [grifo meu] ⁵⁴ Neste lado da rua da Lapa, o agente transformador social é chamado de gastronomia: conhecimento que abrange não só a culinária, mas também as bebidas, os materiais usados na alimentação e

⁵⁴ Em: <<http://www.refettoriogastromotiva.org>>. Acesso em: março de 2020.

aspectos culturais a ela associados. Um gastrônomo (*gourmet*, em francês) pode ser um cozinheiro que se preocupa com o refinamento da alimentação, a forma como os alimentos são preparados, apresentados, o próprio vestuário, a música ou a dança que acompanham as refeições.⁵⁵

Do outro lado da rua, a expressão “transformação social” aparece na página do MST, no texto “Quem somos”:

A luta pela *transformação social* significa transformações na estrutura da sociedade brasileira e um projeto de desenvolvimento nacional com justiça social. É a luta por uma sociedade mais justa e fraterna, que solucione os graves problemas estruturais do nosso país, como a desigualdade social e de renda, a discriminação de etnia e gênero, a concentração da comunicação, a exploração do trabalhador urbano.⁵⁶ [grifo meu].

Que conexões podemos traçar, entre que tipos de seres, quando “transformação social” é evocada em cada lado da rua? Do lado do espaço Terra Crioula, transformação social começa com acampamentos em terras “que não cumprem função social”, passa pela organização de cooperativas agroindustriais, circula pelas feiras e mercados de “produtos da reforma agrária” e inclui parcerias com empresas públicas e universidades federais. A transformação social, nesse lado da rua, não abre mão de ideias como nação, estado, Brasil. Do lado do *Refettorio*, a transformação social diz respeito à possibilidade de uma pessoa que vive nas ruas e não tem o que comer fazer uma refeição “em três tempos”, em pratos de louça, com talheres de metal, em um recinto projetado e decorado por profissionais, sentada em mobiliário igualmente projetado por profissionais e servida por voluntários. (Figura 61). A transformação social, na ideia da Gastromotiva, também pode se dar pela inclusão econômica viabilizada pelo empreendedorismo individual. Tanto nos jantares como nos cursos de empreendedorismo, a transformação que acontece ali é a da periferia em centro, sem que os transformados possam escolher ou opinar como querem ser transformados, ajudados, incluídos.

⁵⁵ Em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gastronomia>> Acesso em junho de 2020.

⁵⁶ Em: <<https://mst.org.br/quem-somos>>. Acesso em março de 2020.

Figura 61 – Jantares oferecidos a pessoas de rua no *Refettorio* Gastromotiva

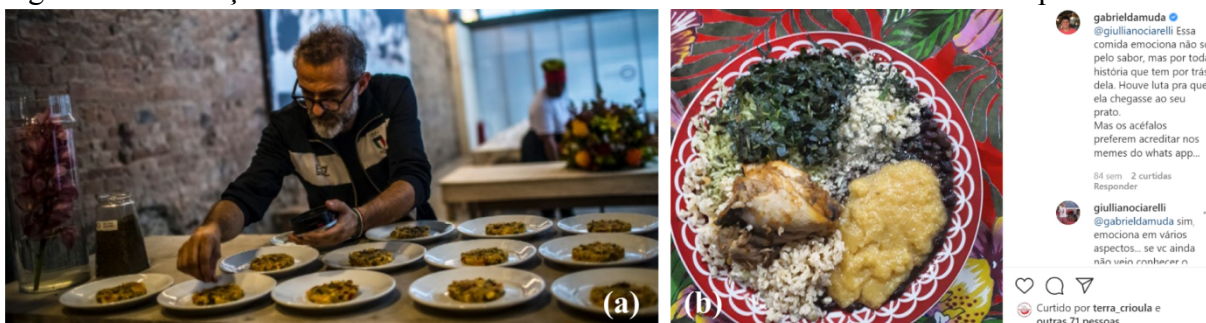


Legenda: Imagens de “jantares solidários” preparados com doações de alimentos que seriam desperdiçados e oferecidos a pessoas em situação de rua no *Refettorio* Gastromotiva, no Rio de Janeiro.

Fontes:(a)<<https://epoca.globo.com/guilherme-amado/gastronomia-social-documentario-1-24044038>>(b)<<https://gastromotiva.org/>> Acessos em março 2020

Nos “jantares solidários” oferecidos às pessoas em situação de extrema pobreza que vivem nas ruas da cidade, “dignidade” passa a ser expressa por comer de certa forma, com certos utensílios, em certo ambiente e em porções tão pequenas que nos fazem pensar se tal refeição é realmente adequada àquele comensal presumidamente mal-alimentado. (Figura 62a), enquanto que nas refeições comercializadas pela Culinária da Terra o valor da comida é agregado pela rede que a produz, distribui e prepara. (Figura 62b).

Figura 62 – Refeições transformadoras da sociedade nos dois lados da Rua da Lapa.



Legenda: (a) Pequenas porções de comida em pratos de louça prontos a serem servidas em um “jantar solidário” recebem o toque final do *chef* Massimo Bottura. (b) Prato feito comercializado pela Culinária da Terra, com produtos da reforma agrária e comentário de publicação da rede social Instagram.

Fonte:(a)<<https://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,a-historia-do-refettorio-de-massimo-bottura-em-milao-chega-a-netflix,70001906302>> (b) <<https://www.instagram.com/p/Bp4pOZGngHe/>> Acesso: abril 2020

Transformação, na *Gastromotiva*, também diz respeito a um certo tipo de empreendedorismo construído sobre iniciativas individuais e que é ali ensinado em cursos rápidos e gratuitos para pessoas prioritariamente encaixadas num perfil periférico e/ou socialmente vulnerável. São estas populações, à margem de um modo hegemônico de existência, que serão objetos de transformação por cursos de nome “Empreenda, faça e venda”. No MST, a transformação é uma idéia associada a “luta”, marcadamente

reivindicatória de coisas específicas como acesso à terra, sementes crioulas e agroecologia. Transformar terras griladas em propriedades coletivas e nelas produzir comida a partir de sementes tradicionais e sem usar venenos é transformar a sociedade. A transformação social impetrada pelos movimentos camponeses é, pelo que expressam algumas notícias, algo que a polícia reprime com violência letal. Isso acrescenta uma quarta reivindicação ao trio terra-sementes-agroecologia: que não sejam criminalizadas as lutas por transformações sociais nas quais os sem-terra, pequenos agricultores e trabalhadores do campo se engajam em forma de movimento. (Figura 63).

Figura 63 - Lutar não é crime



Legenda: (a) Dezenove mortos pela Polícia Militar em Eldorado dos Carajás, Pará, 1996. (b) Imagem advverte contra a criminalização do MST. (c) Batalhão de Choque reprime MST em São Gonçalo do Amarante, Rio Grande do Norte, junho de 2019.

Fonte: (a) <<http://memorialdademocracia.com.br/card/policia-massacra-em-eldorado-dos-carajas>>

(b) <<https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/comite-brasileiro-de-defensoraes-de-direitos-humanos-repudiaacao-da-policia-civil-contra-o-mst/22150>>(c) <<https://www.comprerural.com/acao-da-policia-acaba-com-invasao-do-mst/>> Acesso em junho de 2020.

Na Figura 64, uma publicação da Gastromotiva divulga que as inscrições para o curso no Rio de Janeiro estão abertas e associa “ser empreendedor” com “dinheiro, satisfação pessoal e liberdade”. Na mesma publicação um perfil de nome @carlosdaempadadebangu comenta e aprova a atuação da Gastromotiva. Nota-se todas as características de um trabalhador informal alçado ao posto de empreendedor: a iniciativa individual – o nome próprio “Carlos” e o fato dele fazer e vender empadas – e a procedência de periferia – Bangu é um populoso e longínquo subúrbio da zona oeste do Rio de Janeiro. Em seu comentário ele demonstra a substituição de um Estado (os “governantes do nosso Brasil”) garantidor de direitos e inclusão, por um Estado que inclui pela lógica mercantil, em detrimento de direitos trabalhistas. Para ele, quem de fato “faz diferença” é a Gastromotiva, que, esta sim, deveria receber mais apoio do Estado.

Figura 64 – Empreenda, faça e venda



Legenda: Publicação divulga inscrições abertas para curso de empreendedorismo na Gastromotiva e é comentada por perfil de empreendedor individual.

Fonte: <<https://www.instagram.com/p/BxlGir6IMLa/>> Acesso em maio 2019

A transformação, neste caso, significa a inclusão de populações periféricas no modo de existência que se entende como adequado, central, único e sobre o qual não se discute. A organização de elementos diversos que torna realidade uma refeição na Gastromotiva é uma “questão de fato” na qual as controvérsias, embora existam, são administradas na direção de suas estabilidades. A inquietadora consciência desperta pelas toneladas de alimentos desperdiçados enquanto tantos ainda passam fome é aliviada pelo serviço voluntário nas cozinhas e jantares solidários. À menor objeção, a resposta costuma ser o “impacto positivo” das noventa refeições servidas de segunda à sexta no *Refettorio*. As organizações que apóiam financeiramente a Gastromotiva são atores importantes na rede agroalimentar em que atuam, produzindo e distribuindo comida em escalas planetárias. Percebemos que a hegemonia desses atores-rede, nessa maneira de existir, encontra-se em jogo quando a rede que produz nossa comida é questionada: quem se atreve é criminalizado e reprimido com força policial.

A inclusão de populações marginais no modo de existência sustentado pelo Movimento Gastronomia Social é caracteristicamente feita de uma forma produtiva, como um produto de esforço individual, pois a ideia de incluir mediante trabalho formal e acesso a direitos está em declínio no mundo do trabalho. (GOMES; LEITE, 2019). É necessário, portanto, adaptar a cultura do trabalho ao desemprego, ao risco e à insegurança. A ideia de empreendedorismo como forma de conseguir resultados sociais imediatos foi uma política pública abertamente estimulada na cidade do Rio de Janeiro, especialmente nos anos que antecederam os megaeventos⁵⁷ nela acontecidos. Não por acaso, data dessa época a

⁵⁷ Além dos eventos tradicionais na cidade, como Carnaval, Réveillon de Copacabana e Rock in Rio, o ciclo de megaeventos relacionado ao projeto, que articulou esforços dos governos municipal, estadual e federal para

construção do *Refettorio* na Lapa em terreno cedido pela Prefeitura. Hoje as instalações são citadas como legado das Olimpíadas de 2016, assim como os cursos de empreendedorismo e “gastronomia social” (Figura 65) que visam a transformação de territórios periféricos em “territórios de negócios” como estratégia de gestão da sobrevivência em meio ao cada vez mais deteriorado e flexibilizado contrato de inclusão por direitos de trabalhadores.

Figura 65 - Alunas e alunos do curso de gastronomia social



Legenda: Alunos erguem seus certificados de conclusão de curso no auditório do *Refettorio* Gastromotiva. Publicação no Instagram @gastromotiva comemorando os mais de 150 alunos formados, divididos em 6 turmas, de 3 cursos, em 3 cidades diferentes.

Fonte: < <https://www.instagram.com/p/BzY3MaJl7EQ/> > Acesso: abril 2020

Outro aspecto perceptível deste modo de agenciamento é que ele é feito “de fora para dentro”, semelhante a uma “missão civilizadora” que converte corações e mentes de populações potencialmente criminosas (ou engajadas em movimentos sociais populares). A condição de “vulnerabilidade social” é um eufemismo para falar de grupos em situação de alto grau de incerteza quanto à sua sobrevivência e que, pressionados pela miséria, arriscam entrar para a criminalidade como forma de conseguirem algum recurso.

“Questões sociais” motivam pensamento e construção de conhecimento sobre elas, são alvo de projetos de extensão universitária que buscam meios de “enfrentar problemas sociais” formalizando a troca de saberes entre a universidade e a sociedade.

A extensão universitária ou extensão acadêmica é a comunicação entre universidade e sociedade, que tem como objetivo promover a troca de saberes científicos e espontâneos, de modo que ambos os conhecimentos se complementem sem que haja uma hierarquia, e realizando mudanças positivas para a sociedade. Além disso, essa

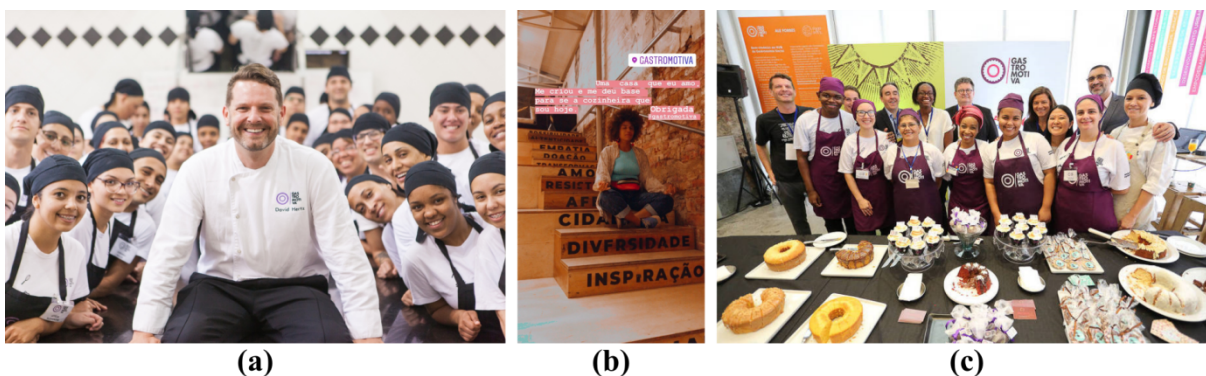
transformar o Rio de Janeiro em uma “cidade global” (Harvey, 2005a), envolveu, entre outros: a Conferência Ambiental Rio + 20, em 2012; a Jornada Mundial da Juventude, em 2013; a Copa das Confederações, em 2013; a Copa do Mundo de 2014; os Jogos Mundiais Militares, em 2015; e os Jogos Olímpicos e Para-olímpicos de 2016. (LEITE; GOMES, 2019)

interlocução também engloba experiências de popularização da ciência, e realiza atividades que favorecem a construção de caminhos que podem contribuir no enfrentamento de problemas e questões sociais.⁵⁸

De acordo com o que podemos ler no “resumo da ação de extensão” do projeto *Convivium*, da UFRJ, ela atua em “processos de inovação social no campo da alimentação” e pesquisa “alternativas rumo à sustentabilidade em contraposição aos modelos hegemônicos vigentes.”⁵⁹ O projeto se afirma parceiro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

A transformação social, na Rua da Lapa, é disputada por duas visões de mundo, dois modelos, que postulam formas diferentes de transformar realidades sociais problemáticas. O que se observa do efeito de um curso de empreendedorismo da Gastromotiva sobre seus estudantes é algo parecido como uma “conversão” espiritual, na qual o convertido tem no conversor um modelo a ser imitado; assumindo sua aparência, seus gestos, sua retórica, seus ideais. É nesses aspectos que a transformação social promovida pela Gastromotiva pode ser verificada, divulgada, ostentada em imagens publicadas na internet (Figura 66).

Figura 66 - Estudantes de empreendedorismo na Gastromotiva



Legenda: Estudantes posam para fotos em instalações da Gastromotiva. (a): David Hertz sorri no centro e a frente da imagem com aprendizes uniformizados e sorridentes. (b): Ex-aluna posa em posição de meditação. Sobre a foto está escrito: “Uma casa que amo. Me criou e me deu base para se [sic] a cozinheira que sou hoje. Obrigada @gastromotiva.” (c): Estudantes de avental e touca posam sorridentes atrás de uma mesa arrumada com bolos e doces apresentados em pratos de louça.

Fontes: (a) <<https://toppoexpress.com.br/2020/03/23/chef-david-hertz-e-a-culinaria-social-gastromotiva/>>(b) <<https://www.instagram.com/suspiroar/>>(c) <<https://gastromotiva.org/gastromotiva-e-carrefour-lancam-laboratorio-de-inovacao/>> Acessos em março de 2020.

Empreendedorismo social, segundo o *website* da marca E-Cycle, atuante na área, é “[...] produzir bens e serviços que beneficiem a sociedade local e global, com foco nos problemas sociais e na sociedade que os enfrenta mais proximamente”.⁶⁰ Outra nomenclatura associada à ideia de empreendedorismo social e que aparece no e-mail citado em 2.2.1, é a de “empresa B”, título de uma certificação concedida àquelas empresas que supostamente usam

⁵⁸ Em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Extens%C3%A3o_universit%C3%A1ria> Acesso: junho 2020.

⁵⁹ Em <http://sigproj.ufrj.br/apoiados.php?projeto_id=302141>. Acesso: junho 2020.

⁶⁰ Em: <<https://www.ecycle.com.br/6518-empendedorismo-social.html>>. Acesso em: mar. 2020.

seus negócios para o bem social. No *site* do Sistema B, órgão responsável pela certificação mencionada, lemos:

[...] as Empresas B medem seu impacto socioambiental e se comprometem de forma pessoal, institucional e legal a tomar decisões considerando as consequências de suas ações na comunidade e no meio ambiente, no longo prazo. Assumem com responsabilidade e orgulho que pertencem a este movimento global de empresas que querem fazer mudanças usando a força do mercado para solucionar problemas sociais e ambientais.⁶¹

Uma empresa B resolveria problemas sociais e ambientais a partir de seus produtos, serviços e práticas laborais, combinando o interesse público com o privado. A *Gastromotiva* é uma empresa B que não apenas serve refeições gratuitas com trabalho voluntário e oferece cursos de empreendedorismo social-gastronômico, mas que comunica isso de forma bem planejada e ostensivamente em contas no Instagram, *webseries*, páginas na internet e algumas matérias em jornais e revistas. A presença de fotógrafos com longas teleobjetivas nos eventos (relatado em 2.2.4), o cenário projetado com mobiliário contemporâneo, obras de arte urbana e iluminação pensada por profissionais podem ser lidos como uma evidência do cuidado com que as visualidades e materialidades são tratadas ali. Todo esse esmero pode ser remetido, ao menos em parte, ao valor que a *Gastromotiva* oferece aos patrocinadores e voluntários do projeto: uma associação das marcas e das pessoas com “o bem”, sendo este “bem” uma ideia cuidadosamente mantida acima das mundanas negociações que sustentam a existência do *Refettorio*.

3.5 Conectando valores entre as duas redes

O desdobrar das controvérsias permite compreender um pouco mais sobre como se instalam e se estabilizam as redes que possibilitam que a comida esteja diariamente disponível nos estoques dos armazéns, nas prateleiras dos mercados, em nossos pratos, e, para não perdermos a ponta desse fio, para que a comida também esteja nas refeições servidas nos dois lados da Rua da Lapa. Mais ainda, ao acompanharmos certas linhas conectadas a pontos não-estabilizados é possível compreender a rede de atores que faz com que haja comida em muitos pratos e não haja comida em outros tantos, bem como os esforços, empreendidos na rede, para transformar tal situação, ou ao menos alguns aspectos de tal situação.

⁶¹ Em: <<http://sistemab.org/br/como-possou-aderir-empresab>>. Acesso em: mar. 2020.

Pensar em transformação é pensar, em primeiro lugar, em aspectos que mudam, que se transformam. Toda transformação, porém, enquanto modifica certos elementos, mantém outros sem alterações. O Movimento dos Sem Terra, por exemplo, enquanto reivindica modificações na forma de distribuir propriedade e acesso a terras para cultivar comida, deixa claro que a forma de organização política fundada no Estado-nação está fora de questão. O mapa político do Brasil é um elemento literalmente central no cosmograma/logotipo do MST e é também pelas instâncias estatais que o movimento consegue conquistar suas maiores reivindicações.

O Movimento da Gastronomia Social também quer modificar aspectos da realidade: diminuir ou mesmo acabar com o desperdício de alimentos e dar de comer a quem tem fome. Junto com os aspectos a serem modificados, nesse caso, há também aspectos que são conservados e mantidos fora de questão. A atuação da Gastromotiva inclui, entre as ações de combate ao desperdício de comida, o encobrimento das condições que criam o desperdício de comida que a Gastromotiva combate. Isso é explicado pelos importantes apoios financeiros que a Gastromotiva recebe de empresas apontadas como protagonistas quando o assunto é desperdício, agrotóxico, monoculturas e *commoditização* da comida.

A inclusão de elementos mais distantes dos pontos de partida – empresas B, bancos de sementes, políticas públicas de aquisição de alimentos, – não leva a qualquer traçado de limites extremos desta rede. Pelo contrário, reforçam a impressão de que não há limites precisos para as redes que se conectam por motivos agroalimentares. A descrição, porém, ganha densidade com a inclusão de mais atores nas tessituras a serem estabilizadas. O adensamento pode acontecer pela inclusão dos mais heterogêneos atores e vai permitir que a descrição do ordenamento da realidade inclua as múltiplas, complexas, amarradas e sobrepostas estruturas conceituais, simultaneamente.

O adensamento descritivo pode ser observado, por exemplo, quando incluímos as motivações que levam os trabalhadores voluntários a servir jantares para pessoas em situação de rua juntamente com o esforço das empresas do setor alimentício em melhorar a imagem que têm publicamente. É desse tipo de heterogeneidade que é feita a realidade da Gastromotiva. Impacto social, impacto positivo, empreendedorismo social são valores que conformam o amálgama do Movimento da Gastronomia Social. O objetivo de tal conjunção de valores é providenciar respostas para alguns aspectos desestabilizadores de uma rede agroalimentar que se reconhece como global e se pretende inquestionada. Há fome no mundo, há injustiças, há desigualdade de oportunidades e isso perturba quem vive sob esse arranjo. A resposta ofertada pelos interessados na manutenção da estabilidade da rede não considera

reconfigurar o arranjo: as soluções para desconfortos morais provocados pela percepção de abismos socioeconômicos parecem conduzir a um esforço de inclusão dos excluídos no arranjo, mas não põe em questão o por quê do arranjo ter excluído alguns ou ser de uma forma e não de outra.

Luta de classes, agroecologia, reforma agrária, sementes crioulas são alguns valores orientadores da outra rede em questão. Esses valores são reivindicados não pelos interessados na manutenção de estabilidade na rede agroalimentar, mas principalmente por pessoas e grupos que se reconhecem excluídos, de alguma forma, do arranjo vigente, e se declaram como partes ativamente interessadas em mudanças na rede conectada em função de nossa alimentação. À rede do lado ímpar da Rua da Lapa interessa perturbar a estabilidade de conexões anteriores aos problemas por elas apresentados: questionar a estrutura fundiária, o regime de propriedade de terras, o direito de ter acesso à terra para se produzir alimentos, discordar que sementes sejam propriedades de empresas e que a produção de alimentos dependa de pacotes tecnológicos comercializados por tais empresas. Essa rede questiona que a produção da comida envolva aspergir venenos sobre seus cultivos e inclui em sua composição, como parte interessada e reclamante, a pessoa consumidora da comida.

Um dos valores mais ostentados pela rede conectada a partir do *Refettorio* Gastromotiva é o combate ao desperdício de alimentos, e esse combate envolve, quase sempre, organizar formas de fazer com que a comida desperdiçada chegue ao prato de quem não tem o que comer. É esse valor e essa prática que motivam muita gente a se engajar nessa rede, não exatamente como parte interessada na composição da rede que produz comida, mas como participantes voluntários de um esforço para remediar um déficit alimentar causador de embargos morais em quem se reconhece como bem posicionado e, portanto, interessado na manutenção da estabilidade da rede. Para a rede conectada a partir da Terra Crioula e do MST, o combate ao desperdício de alimentos não é sequer mencionado como valor, uma vez que não faria sentido para tal rede desperdiçar comida. Em suas ideologias/cosmos, em suas ideias de mundo funcional, na produção, circulação e consumo de alimentos não há interesse algum em se jogar comida fora.

Por fim, é visível em ambos os lados a forma com que as redes lidam com seus valores: enquanto o MST se empenha em deixar claro suas ideias e interesses na modificação do arranjo agroalimentar, a comunicação do *Social Gastronomy Movement* faz a organização agroalimentar vigente parecer a única possível, restando-nos apenas ações mais pontuais. Os atores-rede são percebidos não como parte interessada, mas como a única opção de organização para providenciar nossa alimentação.

CONCLUSÃO

Há um exercício que pode ser feito sobre palavras e ideias quando, por força do uso intenso e disseminado, alguma palavra acaba por se tornar portadora, ao mesmo tempo, de muitos e nenhum significado. O esvaziamento de um significante, por estranho que pareça, torna esse significante capaz de representar uma pluralidade de significados sem necessariamente implicar uma falta de conteúdo ou coerência, podendo mesmo criar coerência entre os possíveis diferentes significados a ele atribuídos. O exercício consiste em substituir a palavra em questão, não por outra palavra sinônima, mas por uma breve explicação, de forma que, ao trocar a palavra pela explicação rápida de seu significado, o sentido da frase na qual a palavra aparece seja mantido. Definir qualquer coisa como “um ato político” tem sido um recurso comum e particularmente sintético de muitas causas e demandas que conseguem reunir as partes que nelas têm interesse. Quando conseguimos vislumbrar a rede de coisas e pessoas conectadas para que algo exista e participe da realidade do mundo compartilhado, conseguimos, mais facilmente, entender esse algo como algo político: comer é um ato político, assim como morar, ocupar, plantar, projetar, aprender, ensinar, brincar, nascer ou morrer também podem ser compreendidos como atos políticos (Figura 67).

Figura 67 - Atos políticos



Legenda: A síntese das ações como atos políticos.

Fontes: (a)<<https://www.greenpeace.org/brasil/blog/quando-descobri-que-comer-e-um-ato-politico/>>

(b)<https://www.researchgate.net/publication/349076553_EDUCAR_E_UM_ATO_POLITICO_EDUCACAO_DO_CAMPO_PEDAGOGIA_DA_ALTERNANCIA_E_A_UNIVERSIDADE>(c)<https://twitter.com/sou_petrus/status/1397236270095548420>(d)<<https://twitter.com/monalizamaelly/status/1043146860993675264>>

Ao pensarmos nas respostas que podemos dar à pergunta sobre o que sustentamos quando nos alimentamos, inevitavelmente, conectamos atores, associamos todos e tudo que agem, que atuam, que praticam o *ato* de se alimentar, evidenciando o quão político é esse ato. Seguir as controvérsias e suas necessárias estabilizações para haver comida em nossos pratos

(e não haver em muitos outros), identificar as partes interessadas, bem como os interesses em jogo quando se trata da questão agroalimentar é um trabalho projetual, que distribui, pelos variados agentes associados em rede, as ações que projetam nossa alimentação.

Projeto de redes agroalimentares

Conhecer a rede de entidades que se juntam sob alguma forma organizada para providenciar comida no prato de quem come é (re)politizar o ato de comer. Até aqui, a investigação desenhou algumas linhas dessas redes, tornadas visíveis pelas desestabilidades entre atores que reconhecem que, no mínimo, não podem mais seguir ignorando-se mutuamente. Quem come está implicado, tanto quanto quem planta, transporta, embala, legisla sobre, germina, cultiva, irriga, aduba, cozinha, vende, doa ou joga comida fora. Quem come está interessado no processo organizado para garantir que nos alimentemos.

A complexidade da rede é percebida quando as partes interessadas assim se apresentam. É preciso inventar e garantir espaços e modos de apresentação dos interesses de tudo que se implica na rede agroalimentar. O Banqueteço foi um ato político de auto declarações de interesses e interessados: houve um manifesto que os elencou, houve o interesse em pedir a volta do conselho composto por representantes das partes interessadas, houve até a incerteza sobre se determinada parte estaria incluída como interessada. Associar-se requer definição de posição em relação às outras tantas partes implicadas na associação.

Há, porém, coisas que interessam a tão poucas partes, e, mais ainda, desinteressam a tantas outras que só se chegam a se estabilizar porque seus interessados não se apresentam como tal. Coisas como comida com veneno ou jogar comida fora, por exemplo, não interessam a quase ninguém e, no entanto, lidamos com isso no almoço e no jantar. Quem produz comida, quem planta, quem estoca em armazéns, pode até se interessar por substâncias que façam a comida durar mais, que possibilitem uma produção mais barata e garantida, mas o uso de agrotóxicos adoce e mata, principalmente, quem com eles cultiva. Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), os agricultores e os trabalhadores das indústrias produtoras de pacotes tecnológicos de agroquímicos são dois grupos principalmente afetados e sofrem diretamente seus efeitos durante a manipulação e aplicação.⁶² A disputa entre

⁶² Em <https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxicos>. Acesso em janeiro de 2021.

chamá-los de agrodefensivos ou de agrotóxicos indica que há interesses e partes interessadas, indica que há um processo associativo em aberto, indica uma oportunidade para se observar as redes se organizando, é uma chance de se reconhecer e se apresentar como parte interessada na questão de inegável interesse que é o ato de aspergir substâncias cancerígenas na comida que todos comemos.

Jogar comida fora é outra questão de interesse que perturba a estabilização da rede agroalimentar. Desperdício de comida é um implicador de muitas partes nessas redes. Muitas partes questionam que o desperdício siga existindo nos processos de produzir, circular e consumir comida. Desperdício de alimentos, junto com fome e desnutrição massivas, causam mal-estar existencial em quem tem o que comer e podem levar a questionamentos desestabilizadores do arranjo que desperdiça comida. Antes que se chegue à pergunta “por que o modo de produzir a comida gera desperdício de comida?” as poucas partes interessadas em produzir comida em um modo no qual faz sentido desperdiçá-la podem se valer de uma estratégia de tornar o desperdício um fato indiscutível que só nos resta combater unanimemente. A essas partes juntam-se outras que oferecem possibilidade de combater o desperdício e de publicar esse combate na internet. O mal-estar existencial de quem tem o que comer diante do binômio desperdício e escassez pode ser mitigado pelo trabalho voluntário de reaproveitar o que é desperdiçado, servindo-o a quem não tem o que comer. Assim, a questão do desperdício se veste como questão de fato, sobre a qual não há disputa, só há o consenso unificador dos interesses das partes: todos juntos contra o desperdício. Esse padrão de ordenamento é observável em vários momentos na rede desenhada a partir do *Refettorio*: nas marcas abstratas, nas imagens comuns a vastos imaginários coletivos, nas grandes paredes brancas que limitam o salão de refeições, nos textos de seus e-mails, tudo afirma pertencimento à norma de um cosmos ordenado que supostamente todos compartilham e almejam. Esse cosmos é blindado aos questionamentos interessados em mudá-lo.

Cartografar a rede agroalimentar a partir do *Refettorio* nos leva a conhecer uma peculiar estratégia de estabilização: a despolitização da comida. Embora possamos ler, em suas paredes translúcidas, os nomes de um fabricante de agrotóxicos e de um distribuidor de comida que entende a abundância como um problema que se resolve jogando comida fora, não parece ser interessante que isso fique claro. O que aparece nas expressões de simpatia e na vontade de pertencer à essa rede é que as coisas que se associam sob tal processo o fazem em nome de um mundo bom, sustentável, justo, que causa “impacto social positivo”, que se move por solidariedade, que é “direito humano universal”. A compreensão do desperdício como resultante da ação em rede de agentes interessados e organizados pela questão alimentar

é deslocada de um plano político para um plano moral. Os atores dessa rede se definem como colaboradores de algo indiscutível, de interesse geral e absoluto, uma causa universal. Lutar contra o desperdício dando de comer a quem tem fome é, com efeito, um motivo irrepreensível demais para alguém se negar a ter. Ou uma oferta de composição que não se recusa nem a atacadistas, varejistas, fabricantes de agroquímicos, ruralistas e *lobbys* do agronegócio.

Cartografar a rede agroalimentar a partir do espaço Terra Crioula nos leva a conhecer uma estratégia de (re)politização da comida. O que se conecta a partir dali é caracterizado por interesses manifestos em marcas figurativas, em textos e imagens publicados nas redes virtuais, nas produções audiovisuais, em embalagens. Tudo aqui exhibe sua implicação no processo agroalimentar. Os auto identificados e organizados sem-terra insistem em abrir caixas-pretas que, do outro lado da rua, permanecem intocadas. São coisas heterogêneas que se ordenam para fazer existir comida, de um modo, porém, diferente do ordenamento estabilizado para haver comida do outro lado da rua. A coletividade heterogênea conectada na composição de um corpo que se reconhece como corpo político opina, aconselha, protesta, ocupa, se interessa e luta por se incluir na negociação por um arranjo estabilizado que, não apenas nos alimente, mas também conforme o mundo no qual compartilharemos uma realidade comum.

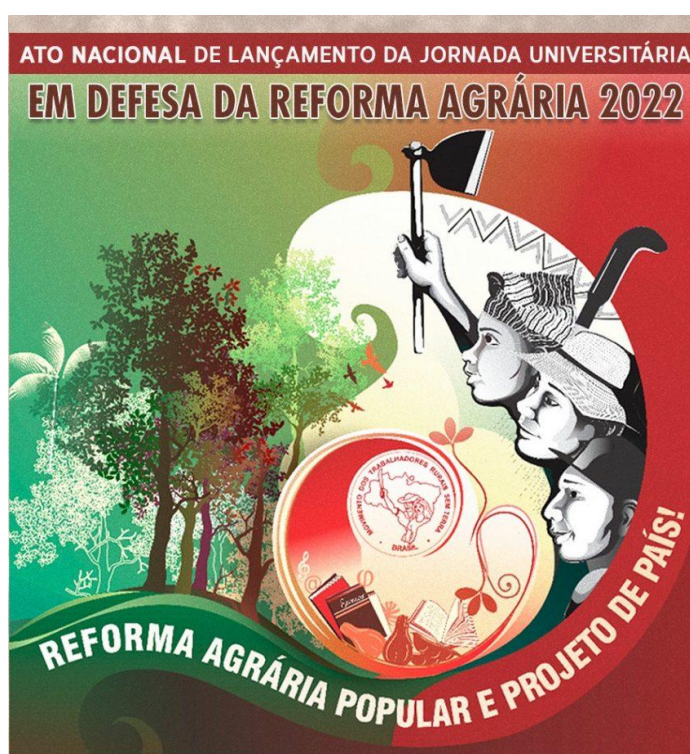
Design como rede: projeto cosmopolítico

Em ambas as redes cartografadas encontram-se exemplos de coisas projetadas, no sentido usual e individual do verbo projetar: marcas, *lay-outs*, mobiliários, edifícios, objetos, serviços de entrega, *websites*, obras de arte. É possível agora, depois de percorridas algumas conexões dessas redes, imaginar a dissolução do sujeito projetista em tudo e todos que agem nas redes. Os irmãos Campana respondem sozinhos pelo projeto do mobiliário da sala de refeições do *Refettorio*? Ou inclui-se também quem fabricou, quem forneceu o material, quem encomendou, quem ofereceu associar o nome dos designers à Gastromotiva como moeda de troca no projeto dos móveis? O mesmo podemos dizer sobre o belo projeto do galpão que abriga o *Refettorio*: ele é fruto não apenas da criatividade de um time de arquitetos mas deve-se também ao contato pessoal da jornalista Ale Forbes com o prefeito Eduardo Paes, cuja política de incentivo ao empreendedorismo durante um período em que grandes eventos

culturais e esportivos foram trazidos para a cidade com a promessa de deixarem um legado para a população que nela vive. Mobiliário e galpão são projetados também pelos materiais de que são feitos. O policarbonato translúcido, as chapas de madeira compensada, a parede sem reboco do sobrado vizinho projetam a existência do *Refettorio* tanto quanto os times de design e arquitetura. Máquinas, ferramentas, roupas, clima, organização política, são coisas não humanas que fazem o projeto existir como um efeito de uma certa ordem estabilizada entre elas.

As bandeiras carregadas pelas marchas nacionais do MST são, igualmente, parte de uma rede à qual devem suas existências, como também são parte do projeto que, há quase 40 anos, mobiliza toda uma diversidade conectada em rede sob a sigla do movimento. Como mais um exemplo de ação projetual compreendida como uma ação praticada por uma coletividade heterogênea e não por um indivíduo que projeta, temos as palavras escolhidas para tema da IV Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária deste ano, a JURA 2022: reforma agrária popular e *projeto de país* (Figura 68).

Figura 68 - Imagem de divulgação da IV JURA



Legenda: Imagem que divulga o ato nacional de abertura da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária no ano de 2022.

Fonte: <<https://mst.org.br/2022/03/23/jornada-universitaria-dest-e-ano-discute-projeto-de-reforma-agraria-popular-para-o-pais/>> Acesso em maio de 2022.

Como se projeta um país? Haverá equipe de design, arquitetura, engenharia ou mesmo artistas plásticos, que tenham a habilidade de responder pelo projeto de um país? Haverá algum método de design que possa conduzir a uma solução para aspectos problemáticos da realidade de um país? Haverá algum tipo especial de criatividade, talento ou inspiração que garanta a qualidade de soluções para os problemas de uma nação? Ou será que precisaremos, sem abrir mão da noção tradicional de um *sujeito projetistas criativo e solucionador de problemas através de métodos*, expandir a ideia de projeto? Se compreendermos projeto como uma bem tecida rede de motivos e efeitos e formos capazes de expressar - graficamente, textualmente - essa rede, os sujeitos projetistas, tão compositores da rede quanto qualquer outra coisa ou pessoa, poderão agir para estabilizar certas conexões, desestabilizar outras, e, assim, projetar o efeito desejado por certo coletivo agrupado e identificado por um cosmograma comum.

É assim que as próprias redes agroalimentares, objeto desta pesquisa, podem agora ser explicadas como um projeto. Através de uma noção ampliada de projeto, é possível compreender que a conformação da rede se dá pela conjunção de coisas, pessoas, ideias associadas às custas de estabilizações para que, em uma certa realidade compartilhada, possamos contar com comida em nossos pratos diariamente. E, assim como a comida diária é um projeto, o desperdício, a escassez, a fome e a desnutrição também o são.

A atividade de projetar o mundo, as coisas deste mundo e como essas coisas vão ser ordenadas e arranjadas em uma realidade comum é uma atividade política. Projetar é um ato de muitas implicações, é um processo em que se procura estabilizar conexões para viabilizar uma certa existência em grupo. A ideia de processo, nesse caso, se mostra mais adequada para pensarmos e discutirmos as atividades de design do que a ideia de um produto final. Seja em projetos de edifícios, de serviços, de produtos ou de visualidades, refletir e falar sobre o processo necessário para se obter certo resultado permite acessar a rede múltipla, organizada e indispensável para que nela circule aquilo que se projeta. Projeto é um processo que circula em uma rede de conexões contingentes. Ao investigarmos as conexões estabilizadas, negociadas, renovadas ou desfeitas entre os muitos elementos ordenados na rede que viabiliza a produção, o consumo e até mesmo o desperdício de alimentos, esclarecemos as condições que conduzem o processo de composição dessa rede e compreendemos como somos capazes e modificá-la de forma a contemplar o projeto de mundo no qual nos reconhecemos como partes interessadas. Nesse sentido, a teoria ator-rede e a cartografia de controvérsias mostram-se como abordagem teórica e ferramenta metodológica favorecedoras de atividades

projetuais cujo foco se deslocou do produto final para o processo projetual que causará como efeito a realidade projetada.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Ronald João Jacques. Maneiras de pesquisar no cotidiano: contribuição da teoria do ator-rede. In: *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, v. 20, p. 7-11, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400003&lng=en&nrm=iso Acesso em: jan.2021.

BÍBLIA. A.T. Êxodo. Português. *Bíblia Sagrada*. 38. ed. São Paulo: Paulinas, 1982. Cap. 26.

CARVALHO, Luiz Maklouf. Gigantes do agronegócio, tremei: no seu 5º congresso, o MST inaugura uma nova linha política. *Piauí* [website], jul. 2007. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/gigantes-do-agronegocio-tremei>. Acesso em: mar.2020.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.

GOMES, Ramón Chaves; LEITE, Márcia Pereira. Empreendedorismo e “inclusão produtiva” em favelas e periferias. *Ensaio*, v.14, n.1, p.21-37, 19 dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/40158>> Acesso em: mar.2020.

JONES, Christopher. *Métodos de diseño*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

LATOUR, Bruno. *Aramis, or the love of technology*. Tradução de C. Porter. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

_____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

_____. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*. Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu, 2020.

_____. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Tradução de Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2019.

_____. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). Tradução de Daniel B. Portugal e Isabela Fraga. *Agitprop*: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, John. *Notes on the theory of the actor-network: ordering, strategy, and heterogeneity*. Lancaster: Centre for Science Studies, Lancaster University, 2003. Disponível em: <<https://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/law-notes-on-ant.pdf>> Acesso em: mar. 2020.

NESTLE, Marion. *Uma verdade indigesta: como a indústria alimentícia manipula a ciência do que comemos*. Tradução de Heloisa Menzen. São Paulo: Elefante, 2019.

O SONHO DE ROSE: 10 anos depois. Direção de Tetê Moraes. Roteiro de Paulo Halm e Tetê Vasconcelos. Trilha sonora de Chico Buarque. Produção Vemver Brasil. Financiamento Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. 1997.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PEREIRA, Viviane Camejo. *A conservação das variedades crioulas como prática de agricultores no Rio Grande do Sul*. 2017. 336f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PORTUGAL, Daniel; HAGGE, Wandyr. Pensamento projetual, natureza e artifício: algumas considerações epistemológicas.. In: CONGRESSO PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 13., 2018. *Anais [...]*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 154-163. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/pensamento-projetual-natureza-e-artificio-algumas-consideraes-epistemologicas-29910>>. Acesso em: jan. 2020.

PORTUGAL, Daniel; SOARES, Flávia. Design e teoria ator-rede: mapeando conexões e controvérsias com foco na alimentação. In: BECCARI, Marcos; PRANDO, F. (org.) *Bordas: transversalidades discursivas em arte e design*. Rio de Janeiro: Áspide, 2020. p. 129-144.

SÁ; GUARABYRA. Sobradinho. Intérprete: Sá e Guarabyra. In: SÁ; GUARABYRA. *Pirão de peixe com pimenta*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1977. Faixa 1.

TERRA PARA ROSE. Direção de Tetê Moraes. Roteiro em parceria com José Joffily. Narração Lucélia Santos. Produção Vemver Comunicação, co-produção Embrafilme. 1987.

TRESCH, John. Cosmograms. In: OHANIAN, Melik; ROYOUX, Jean-Christoph. *Cosmograms*. Berlin: Medialis, 2005. p. 57-76.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0963662509102694>>. Acesso em: mar. 2020.

VIANNA, Maurício et al. *Design Thinking: inovação em negócios*. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.

YANEVA, Albena. *Mapping controversies in architecture*. Farnham: Ashgate, 2012.